

BASTIDORES

DA MEDIUNIDADE



de NORA
por EMANUEL CRISTIANO



De Nora – por Emanuel Cristiano

BASTIDORES

DA MEDIUNIDADE

Sumário

Apresentação

Intérpretes da verdade (Prefácio]

Bastidores

I. Compromisso mediúnico

II. Mãos vazias

III. Após a reunião mediúnica

IV. No desenvolvimento mediúnico

V. Diálogo amigo

VI. Mediunidade e vaidade

VII. Tentativa de fascinação

VIII. Despreparo ante a mediunidade

IX. Salvo pelo elemento de sustentação

X. Médiuns caídos

XI. A desencarnação de Elias

XII. Extraterrestre na mediunidade

XIII. A mediunidade a serviço do malfeito

XIV. Caravana do progresso

XV. A visita de Bezerra

XVI. Mediunidade desviada

XVII. Mediunato

XVIII. Mediunidade suspensa

Aconselhando o médium [Epílogo]

Apresentação

Este livro contém uma coleção de crônicas recebidas pela mediunidade de Emanuel Cristiano, em reuniões mediúnicas ocorridas no Centro Espírita "Allan Kardec", em sua sede, e no seu núcleo "Alvorada de Cristo", no período de 25/7/1997 até 21/11/1999.

Não obstante a simplicidade com que se expressa Nora, a autora espiritual, suas colocações e objetividade na abordagem das questões referentes ao trabalho do médium e de outros colaboradores do intercâmbio com o Além revelam respeitável experiência no campo da prática mediúnica, granjeando nosso interesse, respeito e atenção.

Todas as suas páginas recordam e ressaltam a importância das diretrizes espíritas para se alcançar segurança e bom êxito nos labores mediúnicos, que ensejam socorro, aprendizado e confraternização entre encarnados e desencarnados, rumo ao progresso intelecto-moral da humanidade.

Convidamos você, caro leitor, a conhecer, ou a recapitular, em cada linha da autora espiritual, as informações esclarecedoras da Doutrina Espírita

acerca das comunicações entre a Terra e o Céu, entre o mundo dos homens e o plano dos espíritos, desejando-lhe agradável e proveitosa leitura.

Therezinha Oliveira

Intérpretes da verdade

Faculdade humana e natural, a mediunidade está na Terra desde os primeiros processos da manifestação do homem no planeta.

Se os grandes acontecimentos históricos, sociais e políticos tiveram os seus mártires, a mediunidade, como mecanismo de evolução, não recuou diante dos suplícios que a ignorância e a fantasia humanas, aliadas ao poder tirânico, lhe impuseram ao longo dos séculos. Homens e mulheres foram supliciados até a morte, por serem a prova viva da verdade espiritual.

Muitos dos primitivos cristãos, médiuns de acurados recursos, tiveram o peito traspassado por flechas incandescentes, outros foram cozidos vivos em azeite fervendo, inúmeros destroçados por feras impiedosas, sob os gritos e aplausos da turba romana, patrocinada pelos imperadores despóticos. O Cristianismo, porém, vencia, construindo suas ekklesias sob as manifestações espirituais; os mensageiros do Senhor, representando a verdade, não se calaram e os profetas se multiplicavam a cada dia. A história da Igreja é cravada de fenômenos mediúnicos e muitos dos seus eleitos foram médiuns na Terra. De Santo Agostinho a Joana D'arc, ambos,

entidades que cooperaram com a Codificação, a humanidade conheceu o poder dos Espíritos conclamando os homens para as grandes transformações. Se o bispo de Hipona é o símbolo da vitória sobre si mesmo, a partir de uma experiência mediúnica, a virgem de Orleans representa o martírio e o heroísmo da mediunidade em favor dos homens e da verdade.

Após o período das trevas, depois da reforma protestante e das mudanças processadas pelas revoluções científica e francesa, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o mundo receberia um novo pentecostes.

No final da primeira metade do século XIX, os fenômenos de Hydesville chamaram a atenção da comunidade científica e as mesas dançaram na América e na Europa. O próprio fenômeno se apresentou anunciando: "somos os homens que faleceram segundo o corpo e ressurgidos em espírito tocamos as trombetas da imortalidade da alma".

Os "mortos" saíram das "sepulturas" e falaram diretamente à razão humana, agindo sobre os elementos materiais, impondo um novo enigma aos sábios.

Nesse mesmo século, instalou-se o império da matéria, tudo era ciência, Deus deixava de existir. No velho mundo, durante a fervura de novas idéias, na pátria que fez da razão uma deusa, diante das espessas nuvens do materialismo europeu, surge o sol fulgente da verdade, Allan Kardec!

O extraordinário Codificador do Espiritismo aplicou metodologia científica aos fenômenos chamados, à época, de insólitos, empregou toda a sua genialidade

e cultura milenares a serviço da organização dos ensinamentos dos Imortais, lançando, em livros, a filosofia, a ciência e a religião espíritas. A mediunidade deixava de ser considerada mística e sobrenatural para ser elevada ao grau de faculdade humana.

Hoje, iluminados pela Terceira Revelação, podemos compreender que a capacidade mediúnica é coisa santa e deve ser santamente praticada; é sublime missão, traduzida no labor sério, discreto e, na maioria das vezes, anônimo, dos médiuns em benefício da humanidade.

Com efeito, os medianeiros não são arautos reencarnados. Em sua maioria, estão em necessárias provas e rígidas expiações para a sua própria melhoria. Vencendo-se é que se colocarão no caminho da santidade, estendido, sempre, a todas as criaturas.

Contudo, mesmo sob as bênçãos do Consolador, com o amparo da Codificação Espírita, muitos companheiros da mediunidade têm desperdiçado as suas vivências no corpo denso, desviando-se do caminho reto, indicado pelas obras da Codificação laureadas pelo Cristianismo. Inúmeros rejeitam a simplicidade, consorciando-se com o orgulho, almejando a notoriedade, a fama, a vaidade pessoal, tropeçando nos próprios escândalos, engendrando dias difíceis e horas de severas amarguras, nesta ou em existências futuras.

Eis que surgem os Espíritos do Senhor, representando a misericórdia divina, no ocaso dos

equivocos humanos, nos céus tenebrosos dos que se embriagaram com a vaidade. Quais estrelas diamantinas, iluminam a noite fria dos que se perderam, ou aconselham os que permanecem em boa marcha, apontando com lucidez para o Cristo.

Com o objetivo de recordar os preceitos espíritas e de cooperar na instrução dos que trabalham com a mediunidade, o Espírito de Nora trouxe, uma vez mais, parte da sua respeitável experiência no trato com a fenomenologia espírita, no tocante à responsabilidade e às conseqüências morais na aplicação da ferramenta mediúnica.

Estes não são contos criados na imaginação dos que habitamos o mundo espiritual, eles retratam dramas verdadeiros; seus personagens foram construídos para melhor ilustrar os bastidores da mediunidade, incentivando a ética espírita-cristã nos fenômenos medianímicos.

Não te impomos princípios novos, muito menos historietas para o deleite do intelecto, reapresentamos o alerta fraterno e as diretrizes doutrinárias que nos fazem rememorar, em cada apólogo, a necessidade do estudo e da transformação moral na tarefa com a mediunidade.

Recebe, caro leitor, este trabalho, como a contribuição de Nora aos que têm a grata satisfação de cooperarem com o Senhor, ao mesmo tempo em que se aprimoram sob o sol dos testemunhos.

Amigo medianeiro, sejam *O Livro dos Médiuns* e as demais obras básicas o teu fanal, o teu guia, a fim de que possas santificar, por meio do trabalho cristão, a ferramenta sublime que Deus te confiou.

Aos profetas modernos, coragem e bom ânimo! Possamos todos, os que trabalhamos com as faculdades psíquicas, sorver, em cada narrativa aqui apresentada, a orientação e a valorização das obras de Allan Kardec, que nos conclamam para sermos, na Terra, nos moldes de Jesus, os intérpretes da verdade.

Campinas, 30 de julho de 2003
Wilson Ferreira de Mello [Espírito]

Compromisso mediúnico

O benfeitor espiritual ocupou a singela tribuna e sua voz, doce e mansa, se preparava para ecoar entre o grupo que aguardava a reencarnação.

De olhos vivos e sentimento sincero, desejou paz a todos, dizendo:

— A lei sempre vem ao nosso encontro e o amor divino nos concede a dádiva do progresso, conquistado pelo nosso próprio esforço.

Todos somos carentes da misericórdia divina, pois que trazemos inúmeros débitos do passado, e a reencarnação é oportunidade valorosa de crescimento.

Contudo, a justiça do Pai concede aos seres humanos a mediunidade como um dos mecanismos para atingirem a evolução espiritual.

Em breve, todos vocês estarão de volta à Terra, levando na "bagagem" a programação de serem intermediários do mundo espiritual e material.

Poderão consolar muitos corações, reerguer Espíritos doentes, aprender com os necessitados, socorrer os obsidiados, praticar a caridade e, com isso, dar os primeiros passos para a reabilitação ante a Lei.

O Cristo é o nosso grande mentor e os acompanhará, desde que permaneçam com o propósito nobre de recuperar o tempo perdido e servir aos irmãos em humanidade, colaborando, assim, na obra da Criação.

A mediunidade é coisa santa e deve ser praticada com os sentimentos mais puros e nobres que guardamos no templo do coração.

No trabalho mediúnico, para os que atuam com verdade e bondade, nunca faltará proteção espiritual.

Jamais se esqueçam de que o Espiritismo é luz que abriu caminhos para as manifestações espirituais disciplinadas e produtivas.

Allan Kardec, o mensageiro da Terceira Revelação, se deteve cuidadosa, paciente e metodicamente na pesquisa, estudo e análise da fenomenologia mediúnica, para que os médiuns atuem com segurança e conhecimento da causa.

Juntamente corja a disposição mediúnica, não se esqueçam de zelar, sempre, pelo estudo constante da Doutrina dos Espíritos, sendo fiéis às bases doutrinárias, repelindo todos e quaisquer modismos, que são aniquilados com os primeiros raios da razão. Dediquem-se à prática do bem e ao amor ao próximo, com Jesus e Kardec.

Avante, companheiros! O momento é de preparo para o trabalho. O Senhor lança bênçãos sobre todos que buscam o bem.

Ante as dificuldades, jamais desanimem, pois, ser intermediário dos Espíritos é carregar consigo valorosa ferramenta que se coloca em trabalho cristão.

Não esperem do mundo compreensão e gratidão, não esperem as glórias, evitem os elogios, afastem-se da vaidade, cultivem a humildade, suportando com resignação as chagas do preconceito e da incompreensão.

Espelhados no Mestre, aceitemos o compromisso, testemunhemos o amor, renunciemos a nós mesmos, peguemos a nossa cruz e sigamos o Cristo.

Essas palavras tocaram o nosso coração, convocando-nos à tarefa com sincera emoção.

O expositor do progresso, como que desconhecendo a própria superioridade, desceu da tribuna e se confraternizou conosco, respondendo a pequenas dúvidas sobre a mediunidade.

— Reencarnados, como saberemos o momento de colocar em prática as nossas potencialidades espirituais?

— Espíritos amigos, comprometidos com o desejo de servir, os acompanharão e, no momento oportuno, os convidarão ao trabalho; o próprio desabrochar das faculdades lhes dará o sinal.

— Como poderemos distinguir, na reunião mediúnica, o que provém do nosso próprio pensamento do que procede dos Espíritos comunicantes?

— O medianeiro tem os livros da Codificação como ponto de referência, além do bom senso e da sinceridade.

O médium precisa se autoconhecer, saber dos seus pensamentos usuais, do seu corpo físico, para analisar com segurança as ondas mentais e as sensações que dele se aproximam, no momento de

intermediar os Espíritos. Se é invadido por pensamentos e sentimentos que não lhe são habituais, é provável que aquele envolvimento proceda de uma outra individualidade. O médium pode usar, também, a análise fluídica e a oração, solicitando aos amigos espirituais o ajudem na distinção, para intermediar o melhor possível.

É certo que o médium vai tendo maior facilidade de intercambiar, à medida que se exercita com paciência e perseverança. Treinar e educar as faculdades mediúnicas não é coisa que se faça do dia para a noite, demanda assiduidade e determinação.

O animismo (manifestação da própria alma), no momento do transe mediúnico, poderá ser evitado se o médium for estudioso, sincero e dócil para analisar e acatar as orientações dos respeitáveis dirigentes de reuniões mediúnicas, sobre o teor das comunicações.

— Fala-nos, amigo, disse alguém mais afoito, como poderemos nos ver livres da tentação de comercializar a nossa mediunidade?

— “De graça recebestes, de graça dai”, é a recomendação de Jesus. Os bons Espíritos só se aproximam e só se coadunam com o amor, a verdade e a sinceridade.

— Orienta-nos sobre o melindre na mediunidade, pediu outro, ansioso. .

A entidade iluminada nos endereçou um olhar reflexivo e esclareceu:

— A criatura humana precisa carregar consigo o dever de sublimar os sentimentos inferiores. O melindre, filho do orgulho, na tarefa mediúnica, como em qualquer outra realização, precisa ser evitado.

Não devemos ter a pretensão de sermos grandes criaturas, de produzirmos grandes fenômenos, precisamos nos esforçar para sermos “o menor e o servidor de todos”. Fazendo assim, estaremos livres do melindre.

Aproveitando os minutos, uma voz preocupada lembrou:

— Que acontecerá se, no planeta, envolvidos com os problemas e deveres do mundo, recusarmos a tarefa mediúnica?

— O Pai, disse o benfeitor, respeita o nosso livre-arbítrio. Desta forma, o médium poderá recusar o trabalho no campo mediúnico, mas não se livrará da sensibilidade mediúnica.

Deixando de adquirir confiança em Deus e sem o conhecimento dos mecanismos da mediunidade, que são adquiridos com o estudo do Espiritismo, poderá ser vítima fácil dos Espíritos desequilibrados, sofredores e até perversos, uma vez que é a sua própria constituição física que permite a expansão perispiritual, ocasionando uma sensibilidade natural.

O médium consciente aceita a tarefa com amor e dedicação.

Aquele que recusar o trabalho mediúnico perderá a oportunidade de progresso e terá natural dificuldade de desbravar a selva das próprias imperfeições, sem usar o mecanismo concedido por Deus.

E, ao final da jornada física, na pátria espiritual, no balanço da própria consciência, diante da realidade, - certamente lamentará ter deixado a enxada enferrujar e o campo sem cultivo. As mãos vazias lhe identificarão a condição de Espírito falido na

caminhada, tendo que se programar para, mais uma vez, recomeçar.

E, porque o tempo não permitia mais esclarecimentos, o mentor amigo os estimulou à perseverança, desejando que fossem vitoriosos no compromisso mediúnico.

Após rogativa singela e comovente, que os envolveu em intensa luz, abraçou um a um, assegurando que estariam unidos às forças superiores, com a prática do bem e o poder da prece.

Assegurando que os médiuns estariam unidos às forças superiores, com a prática do bem e o poder da prece.

Mãos vazias

Foi no trabalho de assistência aos Espíritos necessitados que encontramos Maria, e deste encontro colhemos preciosa lição, que relatamos a seguir.

— Trago-as vazias, lamentava Maria, de mãos postas e olhos amargurados.

Antes de mergulhar na carne, a Providência Divina me designou a mediunidade para reparar os erros do pretérito e caminhar mais depressa.

Renasci e, já na infância, via os benfeitores espirituais que me acompanhavam.

Na adolescência, os adversários do passado me perseguiram e fui conduzida a um Centro Espírita.

A obsessão se converteu no sinal para a tarefa com a mediunidade.

Após longa entrevista e encaminhamento aos estudos espíritas, refleti sobre o Espiritismo e cursei as aulas básicas, afastando-me dos adversários.

Quando, porém, o esclarecimento me conduziu à mediunidade e esta me pediu certa renúncia, rompi os laços com a Doutrina Espírita.

Não seria capaz de doar pequenas horas de minha preciosa juventude.

O estudo doutrinário me era enfadonho.

Os Espíritos necessitados me repugnavam.

E depois, na flor da idade, como trocaria as alegres e badaladas noitadas, pela seriedade das reuniões de intercâmbio?

Como justificaria a ausência aos namorados?

A vida era muito curta para ser assim desperdiçada.

De nada valeu o carinho do grupo mediúnico, os esforços dos Espíritos amigos, os argumentos de que poderia renunciar somente aos excessos; tudo me era cansativo.

Entregue aos meus pensamentos transviados, minhas atitudes demonstravam grande desequilíbrio, chamando a atenção dos adversários espirituais que, aproveitando minha fraqueza mental, conduziram-me ao manicômio.

As paixões, aliadas à minha imprudência, promoveram o desencarne, lançando-me em noite de sombras, arrependimento e dores morais.

E agora, veja a senhora, estou de volta com as mãos vazias... Que fiz da minha vida? De nada me adiantaram as noitadas alegres e festivas. Virei escrava dos vícios e nada do que eu fizer justificará a perda de toda uma existência... Terei de me esforçar muito para merecer novamente a mediunidade como ferramenta libertadora.

Mas a Terra me espera e, no regresso, será necessário prudência e trabalho íntimo.

Contudo, tenho ouvido os benfeitores e guardo bom ânimo no retorno, tendo consciência de que se, antes, para caminhar, a renúncia era pequena, agora será muito maior.

Se puder, solicitou a ex-médium, leve meu testemunho, para que seja útil aos 'irmãos na caminhada. Se meu relato servir para edificar alguém, já estarei dando os primeiros passos para minha recuperação espiritual.

Diante da mente transformada pelo sofrimento e o coração desejoso em progredir, só me restou, com olhos marejados, fazer prece verdadeira, seguida de um abraço afetuoso, com votos de vitória no porvir.

Diante da mente transformada pelo sofrimento e o coração desejoso em progredir, fazer prece verdadeira com votos de vitória no porvir.

Após a reunião mediúnica

Enquanto o dirigente terminava a prece de encerramento, encaminhávamos alguns Espíritos-necessitados.

Finda a oração, acenderam-se as luzes e começaram os comentários.

Dona Júlia, entre animada e desrespeitosa, narrava a comunicação:

— Nossa! Mas que Espírito perturbador!... No passado cometeu tantos abusos, uma vida boêmia, desregrada, sem qualquer sentido religioso, agora chora de arrependimento. Era só o que faltava! Fez o que quis, vem a nós e espera que façamos milagre. Cada um colhe o que plantou.

Dona Glória, aproveitando o ensejo, comentou:

— E eu, então! O Espírito estava apavorado, confuso, nem sabia do próprio desencarne, coitado. Esforcei-me para não rir. Queria que vocês tivessem visto a expressão assustada que ele mantinha.

Seu Heitor não ficou atrás, assegurando que o Espírito, por ele intermediado, era chucro, teimoso, e que se irritou com a dificuldade da entidade no entendimento das coisas espirituais.

Dona Ana, serena e respeitosa, mudando o rumo da conversa, acrescentou uma nota edificante:

— O Espírito encaminhado a mim era bastante difícil. Agora sei como padecem, no plano espiritual, os orgulhosos. Orei por ele e estou desejava de que se deixe envolver pelas vibrações de amor que recebeu.

Do lado de cá, ficamos preocupados, porque alguns comentários foram desviados do objetivo superior de aprender, agitando alguns Espíritos que ainda estavam no ambiente.

Um deles, da classe dos obsessores, observava a reunião e voltou-se contra a nossa equipe:

— Estão vendo? O que adianta? São todos iguais. Ouvi tantas palavras de consolo: evite as paixões, a maledicência... E olhe, agora, onde o respeito e a fraternidade? Me sinto ofendido, concluiu o Espírito.

A orientadora espiritual do grupo, prudente e compreensiva, contra--argumentou:

— Meu irmão, você não está totalmente desprovido de razão, mas convém ponderar, pois os nossos amigos estão em exercício cristão, burilando o coração e lutando por se transformarem.

Se, por vezes, esquecem da discrição, é porque se empolgam com as experiências dos que partiram antes.

Mas do mal tiremos um bem: hoje, você pode compreender o quanto é desagradável quando não somos circunspectos ante as dificuldades alheias.

Por que não nos acompanha na tarefa de esclarecê-los?

O obsessor, mais curioso que interessado, aceitou, e a tudo acompanhava com aguçada observação.

Naquela madrugada, o trabalho continuaria e nossa dirigente aproveitaria a presença do grupo, desprendidos do corpo pelo sono físico, para esclarecê-los fraternalmente.

Na presença das entidades iluminadas, os médiuns guardavam profundo respeito e ouviam, atenciosos, a pequena explanação da mentora:

— O exercício mediúnicos precisa caminhar junto com o amor, no sagrado momento da reunião de intercâmbio.

Os comentários finais sobre as entidades atendidas visam à avaliação da produção mediúnica da reunião, averiguação do atendimento dado aos Espíritos e aos médiuns, esclarecimento das dúvidas e aprendizado espiritual.

Fora isso, devem as experiências ser guardadas no coração, evitando, quanto possível, dentro e fora da Casa Espírita, expor as chagas dos necessitados, em conversas improdutivas.

É preciso lembrar do-código moral deixado por Jesus e aplicá-lo em todos os momentos.

Nem sempre é fácil domar as más tendências, mas é dever de todo cristão.

Mediunidade é compromisso que deve revelar a expressão do amor ao próximo.

Livrem-se das empolgações, relatando, das comunicações mediúnicas, somente o necessário para edificação geral.

Aproveitemos a oportunidade, disciplinando a língua e direcionando o pensamento para atitudes produtivas.

Após a prece, os médiuns foram conduzidos ao trabalho programado no plano espiritual.

A mensageira ainda estava preocupada e reservadamente falava ao dirigente encarnado do agrupamento mediúnico:

— O senhor tem trabalhado consideravelmente e, por isso, desfruta da simpatia de muitos amigos do nosso plano.

Captamos o seu pedido de ajuda, e entendemos sua abstenção ao esclarecimento, temendo o melindre dos companheiros.

Todavia, não devemos faltar com as correções necessárias. Vejamos o Cristo: Lembra, quando Pedro feriu a orelha de Malco, por ocasião da prisão de Jesus, e o Mestre o orientou, solicitando que guardasse a espada! Nesta noite, um Espírito se sentiu ferido com certos comentários, e o nosso trabalho sofreu alguma alteração, sendo necessário repararmos o deslize.

Aja com carinho, orientando de forma geral, se for o caso, mas pensando sempre no adiantamento dos membros da reunião.

Siga adiante, o trabalho deve continuar.

Conduza os comentários para finalidades úteis, estimulando os médiuns à prática da caridade, contendo os excessos e as narrativas desnecessárias, ajudando-os na auto-educação.

O Espírito obsessor ficou impressionado, e notou que o grupo tinha de fato valores espirituais, pois que não se melindraram e prometeram retificar as atitudes.

Na semana seguinte, finda a reunião, alguns médiuns traziam sentimento diferente; e, sob forte ação magnética dos nossos orientadores espirituais, narraram apenas o indispensável para o aprendizado, o que nos proporcionou grande alegria.

O Espírito observador, que acompanhava os trâmites do esclarecimento, pôde desfrutar, durante toda a semana, da companhia dos bons Espíritos, ver a organização, o esforço dos amigos superiores em amparar os necessitados, o amor verdadeiro, a correção dos médiuns e, com a consciência modificada, desejou estudar.

Do lado de cá, ficamos satisfeitos, pois um grupo foi orientado e um obsessor transformado.

Sendo chamada para outras atividades, nossa orientadora deu o caso por encerrado, tendo a certeza de que o trabalho no bem, a conversa esclarecedora e sincera, é sempre alavanca de progresso.

A certeza de que o, trabalho no bem,
a conversa esclarecedora e sincera é
sempre alavanca de progresso.

No desenvolvimento mediúnicos

Mantínhamos intensas atividades espíritas, quando valoroso companheiro de equipe nos trouxe a ordem de serviço, solicitando nosso concurso na reunião de desenvolvimento da mediunidade, e para lá nos dirigimos.

Na sala, o expositor dissertava sobre importante tema de *O Livro dos Médiuns*.

Finalizada a parte teórica, os estudantes preparavam-se para o exercício de intercâmbio. Do nosso lado, porém, os preparativos haviam sido iniciados com horas de antecedência.

Os "técnicos" espirituais guardavam seriedade e respeito absolutos.

Feita a prece, iniciaram-se os exercícios.

Cabia-nos averiguar, entre os companheiros encarnados, quais dispunham de expansão perispiritual. Observávamos os pontos mais sensíveis no perispírito, estimulando fortemente, com recursos fluídicos, os centros de força, para que os plexos reagissem causando sensações físicas nos candidatos à mediunidade.

Contudo, percebemos em alguns sérias dificuldades.

No desejo de ajudar, aproximamo-nos de um dos iniciantes e perguntamos à entidade que o exercitava:

- Como está o andamento do desenvolvimento?
- Devagar, lamentou o “guia”. Se-Jonas fizesse a parte que lhe cabe, poderíamos estar mais adiantados.

Constatamos que, embora disponha de recursos mediúnicas, não leva a tarefa do desenvolvimento com a necessária seriedade.

Veja nossas anotações: em seis meses de exercício semanal, Jonas faltou doze dias.

Não tem cultivado o hábito da prece, é relutante com a prática edificante do Evangelho no Lar e, por fim, não estuda a própria anatomia mediúnica.

Logo socorreremos os Espíritos necessitados e Jonas não nos tem atendido, com as condições mediúnicas básicas. Por ter faltado muito aos exercícios de educação da mediunidade, não consegue, por exemplo, se concentrar a ponto de perceber a nossa esfera. Fica preso às sensações físicas que somos obrigados a imprimir, sem perceber o ambiente espiritual. Pensa que, para o transe se processar, é preciso ficar “possuído” pelos Espíritos. Isso, infelizmente, aumenta nosso trabalho, toma tempo e demonstra desconhecimento do fenômeno mediúnico.

Observamos a problemática e, porque o servidor espiritual nos solicitasse orientação, esclarecemos:

- Estamos diante da típica dificuldade do medianeiro que espera tudo do plano espiritual.

Certamente que, sem o concurso dos Espíritos, não há manifestações mediúnicas. Mas, se o médium não levantar as antenas medianímicas, a sintonia fica prejudicada.

Teremos de agir no campo da intuição, fazendo com que ele perceba que algo precisa ser acertado.

A propósito, ele não tem aqui algum ente querido?

O guia rastreou a mente e acrescentou;

— Sem dúvida, dona Aurora, a avó materna, é quem tem se movimentado para que ele desperte para as coisas do espírito. Tem comparecido freqüentemente, estimulando-o discretamente com vibrações amorosas.

— Pois bem, faremos com que se encontrem nesta madrugada. Peça que, na conversa, ela destaque a necessidade do estudo, da freqüência e da seriedade na mediunidade; que lhe fale do compromisso, da oportunidade de crescimento espiritual e da alegria de ajudar.

Não esqueça de acompanhar o diálogo, aplicando-lhe recursos magnéticos para que as idéias principais sejam gravadas no cérebro físico a ponto de serem recordadas nitidamente.

Pela manhã, quando acordar, para ele será sonho agradável e comovente, para nós, vivência instrutiva.

O resto, a teoria espírita e a experiência do dirigente encarnado haverão de dar o toque final.

Continuando nosso trabalho, encontramos outro que trazia o mundo mental em profunda perturbação.

— É Augusto, e está sob minha responsabilidade, disse um dos "técnicos". Já foi encaminhado, pela equipe encarnada, à assistência espiritual. Não compreendendo a ligação estreita entre mediunidade e moral, tem se entregado a aventuras que muito têm prejudicado o desenvolvimento das faculdades espirituais. Sua conduta atrai Espíritos adversários que, conhecendo-lhe as potencialidades, fazem de tudo para perturbar. Envolvendo-o fora do Centro Espírita, esperam desanimá-lo colocando a mediunidade como fator desequilibrante.

Veja que Augusto traz o centro de força laríngeo bastante comprometido. Os adversários identificaram-lhe a possibilidade da psicofonia e, agora, para atrapalhar, o conduzem à maledicência. Note que as ondas mentais negativas, intuídas pelos Espíritos imperfeitos e desenvolvidas por Augusto, ao acionar o aparelho fonador, pelo ato da vontade, verbalizando os pensamentos maldosos, desajustam energeticamente o centro de força.

Falar da vida alheia de forma cruel e sem nenhum fim útil tem lhe ocupado tanto a mente que não há "espaço" para os nossos bons pensamentos. , ' .

Se, através da renovação fluídica o auxiliamos, na semana seguinte ele tem nova recaída.

Embora esteja em péssimas companhias espirituais, não gostaríamos de privado, pelo menos por agora, do exercício mediúnico.

Colhidas as informações, verificamos que o caso era grave. Visando ao restabelecimento do médium, solicitamos ao tarefeiro:

— Ajude-o com o poder da prece. Vamos orar a fim de que os ensinamentos evangélicos o despertem para o esforço na renovação moral, devolvendo-lhe o raciocínio sadio.

Esteja atento, inspirando-lhe, sempre que possível, pensamentos de conduta reta para que os adversários do bem, não encontrando mais acesso, se afastem e consigamos direcioná-lo à prática mediúnica equilibrada.

Ele está tendo toda a assistência possível, dos dois planos da vida. Em último caso, teremos de afastá-lo do treinamento até que, em seu livre-arbítrio, decida assumir a tarefa ou se entregar às influências negativas.

Esses problemas do início do desenvolvimento mediúnico podem ser vencidos se houver boa orientação doutrinária, uma Instituição séria, dirigentes preparados e esclarecidos e, acima de tudo, a compreensão do médium.

O exercício já estava terminando quando notamos, satisfatoriamente, a grande maioria do grupo irradiando de forma luminosa. Com exceção destes casos mais graves, o restante prosseguia em boa marcha.

Prontificamo-nos ao acompanhamento dos casos "Jonas" e "Augusto", rogando a Deus nos concedesse êxito no auxílio.

Fizemos outras anotações e apontamentos importantes e, rendendo graças ao Senhor, despedimo-nos em silêncio, guardando no peito a gratidão pela oportunidade de orientar e servir.

Rendendo graças ao Senhor,
guardando no peito a gratidão pela
oportunidade de orientar e servir.

Diálogo amigo

Já há algum tempo, observávamos que Salvador não produzia satisfatoriamente no campo mediúnico, sempre cabisbaixo, pensativo e desanimado no tocante ao intercâmbio espiritual. Diante dos outros médiuns, sentia-se humilhado, pois que, ao seu ver, não possuía faculdades tão primorosas. E, no desejo de orientá-lo para que voltasse às atividades medianímicas, aproveitamos o sagrado momento do repouso físico, que propicia a liberdade parcial da alma, para o diálogo amigo.

Salvador desprendia-se lentamente e, ao ver-nos, começou a desfiar um rosário de lamentações:

— Ah! Que bom encontrá-los. Não sei se quero continuar com essa história de intercâmbio espiritual.

Também, vejam a mediunidade que Deus me deu! Tão simples que não tenho conseguido grandes produções. Não vejo nem ouço nada espiritualmente. Como é que eu vou servir?

Observo os outros médiuns, com que facilidade entram em contato com vocês, narram fenômenos e vivências impressionantes, de forma que não vejo a utilidade da minha mediunidade, pois fico apenas

transmitindo comunicações de Espíritos desequilibrados e enfermos.

Onde as mensagens que comprovam a imortalidade da alma? Onde os livros pela psicografia?

Minha faculdade é apenas para socorrer os necessitados?

Não consigo sequer transmitir uma mensagem dos amigos espirituais. Parece que as minhas "antenas" mediúnicas estão quebradas e só consigo sintonizar os canais sofredores.

Vendo que as lamentações poderiam se prolongar indefinidamente, o amigo espiritual, responsável pelas tarefas mediúnicas de Salvador, interrompeu, dizendo:

— Um momento, meu amigo. Compreendemos que teu coração está devotado, que no fundo guardas um desejo sincero em servir, mas convém analisarmos detalhadamente a questão.

Se reservas na lembrança as produções de outros médiuns, recorda-te de que a quem muito foi dado muito será pedido.

Lembra-te de que cada um tem uma programação, conforme a necessidade de provas ou expiações, e no campo da mediunidade a faculdade deve ser ferramenta de recuperação espiritual.

Quanto às tuas potencialidades, de fato, nós as utilizamos no socorro dos Espíritos necessitados.

Repara que, por teu intermédio, podemos escrever livros vivos nos corações sofredores.

Propiciar luzes aos que padecem em trevas.

Os dialogadores, pelo teu canal de comunicação, traçam conversas edificantes.

Enquanto te dedicas a uma crise tola e egoísta, pensando somente nos fenômenos que desejas produzir, uma fila de Espíritos sofredores aguarda pára ser atendida.

Vai, amigo, retorna tranquilo à tarefa mediúnica.

Tem a certeza de que o maior fenômeno que se possa produzir é ajudar os necessitados a se reequilibrarem.

Por teu intermédio, cegos, paralíticos, hansenianos (desencarnados) descobriram que a doença era apenas do corpo. E os casos de obsessão, lembreste? Quantas almas curadas, reequilibradas, reeducadas. E achas que não estás produzindo na seara?

Cada Espírito atendido representa um brado de gratidão que devemos render ao Criador pela oportunidade de servir.

Não cultives o orgulho a ponto de desejar as faculdades alheias. Cada um tem o que é preciso para o próprio progresso.

Não te preocupes com o fato de não acionarmos tuas faculdades para transmitir mensagens; é que entendemos que o socorro amigo, as energias espirituais mobilizadas; já constituem uma verdadeira mensagem de amor em benefício dos semelhantes.

Os que possuem a disposição de intermediar as orientações espirituais têm o dever de aplicá-las primeiramente e por isso terão de testemunhar mais.

Sente-te satisfeito com o que o Senhor te concedeu, valoriza o que tens para produzir o necessário.

Agradece a bênção do anonimato, porque a fama tem desvirtuado muitos corações despreparados, a

empolgação orgulhosa tem gerado muito arrependimento.

Louva a Deus pela oportunidade, agradece à Casa Espírita que te ampara, estuda sempre o Espiritismo, faze o bem silenciosamente, exerce tua faculdade o mais discreto que puderes, exaltando em trabalho cristão a misericórdia do Pai.

Trabalha de tal forma que o teu coração se converta no sublime intérprete do amor divino em benefício da humanidade.

Trabalha de tal forma que o teu coração se converta no sublime intérprete do amor divino em benefício da humanidade.

Médiunidade e vaidade

Acertávamos os últimos detalhes do trabalho espiritual, quando Armelindo, um dos médiuns do grupo, adentrou a sala da reunião.

Nosso orientador se dirigiu ao protetor do recém-chegado, tecendo interessante diálogo:

— Como está nosso amigo?

— Nenhum progresso tenho alcançado, relatou o protetor. Já se passaram três anos e ele continua com planos fantásticos para a mediunidade. Contudo, não sabe que mal iniciamos o processo de aprimoramento de suas faculdades.

Tenho enfrentado alguns problemas:

No campo da Psicografia, por exemplo, basta que eu irradie um pensamento simples e ele já o transforma em um romance cansativo e sem conteúdo.

Já revesti minhas idéias com palavras que deturpam toda a mensagem, moldando-a orgulhosamente ao seu gosto.

Nomeou-me inúmeras vezes; de Castro Alves a Allan Kardec, tenho “assumido” personalidades cujas produções não estão à altura dos referidos nomes.

Se faço pequeno poema evangélico, as composições humildes se perdem em imagens coloridas, fantasiosas e inapropriadas, criadas pela vaidade do

nosso irmão que busca, a qualquer preço, uma grande produção mediúnica.

Ah! Se ele me conhecesse!

— E a psicofonia? Perguntou o mentor, impressionado.

— Toda vez que aciono o mecanismo mediúnico nessa área e pronuncio textos discretos, que visam simplesmente ao exercício da mediunidade, ou à orientação fraterna aos membros do grupo, ele os transforma em momentos de oratória, revestindo meu pensamento com eloqüência desnecessária.

Enquanto zelo pela singeleza das palavras, ele deseja retórica.

Nosso companheiro, continuou o protetor de Armelindo, deseja se destacar socialmente, fazendo da mediunidade trampolim para a ilusão da fama.

Só quer ficar recebendo mensagens de Espíritos superiores e expulsa, mentalmente, os Espíritos necessitados que precisam ser atendidos dentro da nossa programação.

Não quer a felicidade do servo que cultiva o campo com as ferramentas concedidas pelo Senhor.

Está sempre à espera de novas e primorosas faculdades e esquece de educar as que já possui.

Traz a vaidade no coração e desconhece as consequências morais destas atitudes.

Muitos Espíritos pseudo-sábios já o encontraram e desejam, por seu intermédio, imprimir inverdades, confusões e relatos repetitivos sobre o mundo espiritual, querendo, na realidade, confundir os iniciantes e polemizar as mentes despreparadas.

Temos envolvido os dirigentes encarnados, intuindo-os na devida orientação; mas Armelindo tem recusado conscientemente, guardando, no pensamento enganado, a certeza de que os companheiros são portadores de poderosa obsessão e querem abafar sua grandiosa missão.

As obras de Allan Kardec foram relegadas, as palestras doutrinárias desprezadas, de forma que todos os nossos esforços, para tentar ajudá-lo, se esgotaram.

O mentor amigo ouviu atenciosamente e finalizou:

— Teu protegido ficará entregue aos próprios pensamentos; aprenderá sobre responsabilidade mediúnica da forma mais penosa!

Não compreendeu que o exercício mediúnico deve ser despretensioso, e que as grandes missões exigem grandes renúncias e inúmeros testemunhos:

Não entendeu que, para alcançarmos tarefas maiores, precisamos trabalhar pacientemente nas menores, estruturando-nos, consolidando no coração a fé inabalável e o desejo sincero de servir à causa cristã sem querer ser servido por ela.

Pensa que o mundo espiritual é um repositório de grandes escritores e oradores, desprezando os trabalhadores anônimos e os Espíritos carentes de ajuda.

A fenomenologia mediúnica exige respeito e compreensão dos fatos.

O intérprete dos Espíritos que não luta contra as próprias imperfeições e não se afasta da vaidade é vítima fácil dos Espíritos fascinadores e, certamente, percorrerá o longo e doloroso corredor do fanatismo.

Acalma teu coração e serena tua mente.

Armelindo, doravante, até que atente para as verdades espirituais, estará entregue às próprias experiências.

Naquela mesma noite, o tutor espiritual do medianeiro fez prece fervorosa. Os olhos úmidos já vislumbravam a estrada de dor escolhida pelo tutelado. Envolveu-o mentalmente como que num abraço de despedida e esperanças, solicitando a Deus não tardasse o despertar.

Tempos depois, o médium se perdia em comunicações fantasiosas.

Os companheiros do Centro Espírita já lhe conheciam a personalidade vaidosa.

Afastou-se do grupo estruturado, sentindo-se traído; e, "abandonado", entregou-se às seitas espiritualistas, formando pequena turba de seguidores fanáticos.

Os anos correram e certo dia, doente, triste e desolado, Armelindo voltou à velha e boa Casa Espírita.

Transfigurado, não foi reconhecido; pediu assistência espiritual.

Enquanto recebia o passe, lembrou-se dos tempos antigos, dos companheiros dedicados, da

movimentação fraterna do Centro, tempos em que recebia o concurso dos bons Espíritos.

E quando sua alma, em lágrimas, atingiu o zênite dos sentimentos superiores, seu protetor lhe apareceu:

— Sê bem-vindo, Armelindo!

As rugas demonstram longa vivência, os cabelos brancos te trouxeram seriedade e os sofrimentos amadureceram tua alma.

A tarefa foi interrompida, mas o trabalhador da última hora sabe aproveitar o tempo.

Desejas recuperar os anos e retificar os passos?

— Com quais Condições? Perguntou o arrependido.

— Com as condições dá simplicidade, da renúncia e do testemunho.

Não me tenhas, filho, na condição de julgador, mas na mão amiga que nunca te abandonou; somos todos devedores espirituais e precisamos ,nos ajudar, subindo degrau a degrau a longa escala evolutiva.

Serás matriculado novamente no trabalho de Jesus, desde que queiras percorrer a estrada pedregosa, fazendo um regime moral, esforçando-te por entrar pela porta estreita.

Fica tranquilo, filho meu. Retorna às atividades, apresenta-te aos companheiros da velha guarda, fala das tuas experiências dolorosas, assume o teu equívoco, reinicia a jornada esforçando-te, primeiramente, na reciclagem dos estudos doutrinários.

Os anos passaram lentamente, e Armelindo sorvia os ensinamentos espíritas. A vaidade se foi com o sofrimento e o fanatismo se transformou em fé raciocinada.

De posse dessas novas armas, trabalhou anos a fio, apagou-se para o mundo, mas produziu luminosamente no campo do espírito, fazendo jus, com a ferramenta mediúnica agora adestrada e disciplinada, ao salário do bom e discreto médium espírita.

Apagou-se para o mundo, mas produziu luminosamente no campo do espírito, fazendo jus ao salário do bom e discreto médium espírita.

Tentativa de fascinação

A noite descia fria.

Nas entranhas da escuridão, movimentava-se um grupo de espíritos obsessores, imantados à Terra pela sensualidade.

Rompendo a “alegria”, uma voz forte e grave chamou a atenção:

— Camaradas! Camaradas!

Era o amargo perseguidor, que interrompeu a conversação, alertando os comparsas.

— Até que enfim os encontrei! A diversão acabou, trago ordens das regiões inferiores. É trabalho, e dos grandes!

— Qual é a nota? inquiriu o responsável.

— É uma missão de fascinação, respondeu o porta-voz, suscitando animação no grupo.

O Chefe, pensativo, solicitou:

— Deixe-me ver as anotações. De quem se trata?

O adversário do bem puxou da ficha e relatou:

— A atuação é no campo da mediunidade. A médium é a sra... Ana... Maria Torres. Casada, mãe de dois filhos, dedicadíssima ao lar, estudiosa do

Espiritismo, faculdades medianímicas primorosas e educação admirável das potencialidades psíquicas.

— E quais as acusações? Perguntou o principal dos obsessores.

— Possui débitos de outras encarnações com os nossos encarregados e é acusada de ser instrumento enganador. Já perdemos experientes camaradas que, por meio dela, caíram nas teias do Cristo. Além disso, está nas reuniões de desobsessão há vinte anos. São duas décadas atrapalhando nosso trabalho. Parece uma rocha!

Traz no coração a piedade, na alma o desejo de servir. Leva este ideal com tal firmeza que todas as tentativas para derrubá-la, até o momento, foram fracassadas.

— Que mais diz ã ficha?

— Na enfermidade, suportou pacientemente; na desarmonia do lar, foi a pacificadora; no desemprego, não desanimou; perturbamos os seus filhos e o marido, mas fomos afastados pelo Evangelho no Lar.

Como vêem, o caso não é simples. É preciso usar nossa última arma. Haveremos de derrubá-la, humilhando-a, fazendo com que caia em desgraça. Ditaremos mensagens ridículas, assinadas por grandes personalidades. Ficará fascinada com os nomes importantes. Usaremos de ilusão, fazendo com que sonhe em ser famosa escritora, oradora, médium de cura, de pintura... Os vinte anos de exercícios mediúnicos nem serão lembrados.

Ela se afastará de todos que tentarem orientá-la, caindo no abismo das próprias imperfeições.

No final, haverá de sentir-se sozinha, abandonada e, finalmente, enlouquecida.

Destruiremos mais uma porta de comunicação entre os dois planos. Não se atreverá a converter mais nenhum dos nossos colegas. O descrédito será total!

É um plano infalível, pois por mais santa que seja a criatura, sempre há uma ponta de orgulho e de vaidade que pode ser explorada. Dificilmente perceberá que será envolvida.

A fascinação tem essa excelente vantagem: a queda é lenta e trabalhosa, mas é eficiente.

A vitória já é nossa!

Nem os Espíritos superiores conseguirão livrá-la, não poderão interferir em seu livre-arbítrio.

Terminada a improvisada reunião, o coordenador da turba trazia um olhar melancólico. No fundo, estava cansado de trabalhar na escuridão, mas faltava-lhe coragem para mudar de lado.

Refeito do torpor que as reflexões lhe haviam causado, deu ordem de comando:

— Adiante, precisamos nos organizar. O tempo urge, e não queremos desapontar o tribunal que nos concedeu o título de vingadores. Vejamos as armas que possuímos.

E, dó pequeno exército, começaram a bradar:

— Minha arma é o melindre! Disse uma voz irritante.

— A minha, o desânimo! Gritou outra, em tom de combate.

O coordenador quis saber:

— E onde estão os fascinadores, já foram contratados?

— Estamos aqui! Gritaram em uníssono, entre gargalhadas e caretas.

— Veja, disse um deles, apresento-lhe o “sr. Allan Kardec”, este é o “Léon Denis”, aquele é “Francisco de Assis”, o outro “João Evangelista”, o “apóstolo Paulo”...

— E eu, interrompeu o mandante, sou “o próprio Jesus”.

Traçadas as linhas gerais, perderam-se na obscuridade, tecendo os detalhes.

Enquanto isso, dona Ana, após prece de agradecimento, recolhia-se na intimidade do lar.

Desprendida do corpo pelo fenômeno do sono, exercia trabalhos edificantes no plano espiritual, quando foi abordada pelos orientadores:

— Ana, minha irmã, chamou o protetor entre terno e afável. A hora dos testemunhos chegou.

Teus adversários do passado organizaram grupo de perseguidores, e estão prestes a te encontrar.

Consideram-se irritados com tua produção no campo do bem. Não entendem que e pelo teu próprio esforço que conquistas companhias espirituais superiores. Incomodam-se com os santos recursos mediúnicos que Deus te facultou para corrigires os passos. Não suportam a idéia de estares progredindo.

Como não te venceram em vezes anteriores, agora pretendem aumentar a carga de influenciação. Haverão de tentar-te no campo das emoções e dos sentimentos, embriagando-te vaidosamente o intelecto.

Prevemos dias difíceis para tua existência! Chegou a hora de demonstrares o idealismo e a fé no Cristo.

Estes são os escolhos no caminho da mediunidade a que se referiu Allan Kardec, mas, o médium dedicado, ciente da tarefa, saberá superar. Como qualquer atividade, a mediunidade não está livre das dificuldades e problemas.

Não guardes sentimento de autopiedade, não te sintas vítima, sabes que teu passado culposo é que te colocará diante dos adversários.

Para ti, será oportunidade de reconciliação, de mostrares definitivamente, aos que te perseguem, que de fato mudaste.

Não queiras vencê-los, mas transformá-los. Nesta área, não será o muito falar que os convencerá, mas o muito viver os ensinamentos do Cristo.

Nossos irmãos infelizes estão muito distantes da realidade que cultivamos. No fundo, têm consciência de que, continuando nesta marcha, se complicam espiritualmente e não fugirão à Lei de Causa e Efeito.

Se corajosa, haveremos de sustentar-te. A providência divina permitirá esta perseguição, considerando que podes aproveitá-la, também, como prova para tua existência. Deus sabe fazer nascer flores nos charcos.

Estás madura na carne, tens conhecimento sólido do Espiritismo, és dedicada companheira, tens méritos espirituais e contas com a simpatia de vários amigos do nosso plano. Por isso, não temas segue adiante, ainda que te sintas sozinha na caminhada.

Se suportares resignada, vivendo o Cristianismo, o bem que fizeres neutralizará os efeitos da Lei de Ação e Reação, recompondo-te ante as leis universais,

imunizando-te, naturalmente, dos assédios das mentes perversas.

Ampara-te na prece e conta com a nossa retaguarda. Sabes que tens condições de vencer. Será a luta da vaidade contra a humildade.

Os adversários bradarão que a hora é das trevas, nós, porém, cantaremos o hino dos testemunhos, da reconciliação e da libertação!

Lembra-te da condição essencial de permaneceres com Jesus e Kardec.

Não guardarás nossa conversa na memória física, mas conservarás na alma a confiança nos desígnios superiores que, deste nosso diálogo, é o mais importante.

Semanas depois, os adversários espirituais a visitavam na Instituição Espírita, acreditando estarem burlando a proteção espiritual.

Contudo, eram monitorados pelo Mais Alto.

Minutos antes do transe mediúnico, que objetivava socorrer os necessitados, a mente da médium era invadida por pensamentos contrários:

— Ana, não estão dando valor à tua mediunidade. Es muito superior, tuas faculdades são primorosas. Foste escolhida para intercambiar Allan Kardec! O pai do Espiritismo! Ele quer completar a Doutrina Espírita, serás a médium da quarta revelação!

A servidora, no campo das provas, foi torturada durante meses. Supostos personagens ilustres a visitavam, acionavam-lhe a Vidência, com propostas missionárias, quase a convencendo.

Foi neste período que os instrutores espirituais, sem que os obsessores pudessem vê-los, a intuíram.

A tarefa tomou dos livros da Codificação e conseguiu se recompor, identificando, pela leitura, que os Espíritos superiores são discretos, humildes, não fazem propaganda de si mesmos, não elogiam, falam somente o que sabem, não costumam fazer profecias prescrevendo datas e acontecimentos nos mínimos detalhes, zelam pela simplicidade, seriedade, e não costumam dar tanto valor aos nomes.

Orou fervorosamente, reconheceu-se como criatura falível, que tem como verdadeira missão a reforma interior. Voltou-se para dentro de si mesma e identificou que, nesta existência, jamais poderia ser uma missionária, pois, conquanto dedicada, trazia na alma sentimentos a sublimar.

Nos meses seguintes, não cultivou os pensamentos que lhe chegavam, sorrateiros. Era estudiosa da Doutrina. Observou as características dos Espíritos superiores, preveniu-se reciclando os conhecimentos sobre a obsessão. Redobrou a vigilância, orou o quanto pôde, envolveu-se com trabalhos assistenciais. Solicitou ajuda aos companheiros de grupo, humilhou-se, reconhecendo-se necessitada de amparo espiritual. Apagou-se diante do mundo, trabalhou com mais discrição. Chorou sozinha muitas vezes, por se ver atormentada por pensamentos inferiores. Lutou intimamente e, sintonizando com esferas maiores, conseguiu sair da sintonia dos fascinadores.

Do outro lado, os obsessores reclamavam:

— O que houve?! Estávamos quase conseguindo... De que forças ela dispõe para mudar os pensamentos que embutimos em sua mente?

Impossível que a vaidade não lhe tenha sobreexcitado. Será esta mulher portadora de forças que desconhecemos?

— Não é isso, disse o chefe, que se sentia profundamente admirado. É que Ana, simplesmente, se esforça no Cristianismo.

Neste instante, espiritualmente a rua se iluminou, instrutor resplandecente se apresentou, cegando-os momentaneamente.

— Afastaste, mensageiro da luz! ordenou um dos vingadores. Vieste ao lugar errado, este é o reino das sombras.

A voz do benfeitor ecoou firme:

— Paz a todos! O Cristo é o sol da esperança, mostrando-nos o caminho da salvação.

E necessário parar de errar na jornada. O coração de vocês clama, por misericórdia. Acordem do sono da ignorância que embebe a alma!

Vejam o firmamento! Nosso destino são as estrelas, o universo infinito nos aguarda, estamos destinados à perfeição.

Abandonem o pântano dos sentimentos inferiores! Jesus não nos solicita perfeição, convida-nos a abandonar as trevas cultivando a luz.

Quem nos autorizou a julgar os atos alheios? É preciso sermos juízes severos com nós mesmos.

Cresçamos juntos, amparando-nos mutuamente.

Esta é a estrada de Damasco. Chega de perseguições, convertam o coração!

Jesus nos convida a construirmos um caminho reto para o progresso!

Nesse momento, o sisudo dirigente das trevas prostrou-se ante tanta bondade.

Sentiu vibrar as entranhas do coração e, de olhos lúcidos, clamou:

— Emissário da paz, trago alma sofredora, a melancolia me envolveu. Acredito que, inconscientemente, esperava por este dia há séculos. Agora entendo a força que provinha daquela que perseguíamos. Nós é que estávamos enganados. Quantos erros, quanta dor, quanta revolta!... Tornamo-nos escravos da maldade, somos monstros de perversidade. Poderá o Criador nos perdoar?

— Não te preocupes com o passado, apaziguou o mentor. Através das reencarnações, haverás de recompor com o bem o mal que proporcionaste. Não tenhas no Criador a imagem de um Juiz vingativo. Jesus nos ensinou a chamá-lo de Pai. E é assim que Ele nos acolhe. Sê bem-vindo, irmão, hoje alcançaste a própria libertação!

Ante o fato inusitado, os comparsas obsessores fugiram espantadiços e o ex-mandante, envolto em luzes, abraçou de maneira filial o preposto do Cristo, libertando-se de anos de amarguras e sofrimentos.

A mediunidade com Jesus e Kardec não se deixa vencer pelas tentativas da fascinação.

A mediunidade com Jesus e Kardec não se deixa vencer pelas tentativas da fascinação.

Despreparo ante a mediunidade

Vinte horas.

O dirigente encarnado fez prece comovente, unindo-nos em vibrações sublimes.

Em seguida, solicitou fossem lidos os nomes dos assistidos para o trabalho de desobsessão.

O orientador espiritual do grupo ligou-se mentalmente ao companheiro responsável pelas vibrações e, à medida que os nomes e endereços eram pronunciados, o benfeitor os registrava para o devido socorro.

Quando o último pedido foi feito, entidade discreta e simpática aproximou-se, esclarecendo:

— Sou Antonieta e este caso é referente ao meu filho Albertino.

Desculpa ocupante o tempo, mas meu coração solicita amparo. Albertino não dispõe de méritos espirituais, mas eu tenho alguns créditos e, se me for permitido, gostaria de utilizados em benefício dele.

Meu filho guarda profundo compromisso com a mediunidade, mas não quer exercitá-la com as orientações espíritas.

Desviou-se para o mediunismo, o folclore, os condicionamentos e a leviandade, esquecendo-se das orientações que lhe leguei.

Por conta disto, angariou falsos orientadores. Estes o estão seduzindo com idéias de riqueza, incentivando-o ao atendimento domiciliar, a fim de promover "trabalhos" para "abrir caminhos", fazendo da mediunidade uma profissão.

Uma pessoa caridosa encaminhou o nome dele para esta reunião.

Se puderes, irmão, ouve minhas rogativas e, ainda que eu não disponha de méritos, pelo menos por misericórdia, ajude-me a evitar que o meu "menino" se perca na obsessão.

Cândido, o orientador, fortemente sensibilizado, prometeu atenção ao caso. O coração materno, um pouco mais' aliviado, aguardou respeitosamente o desenvolver da reunião.

Vinte horas e cinqüenta minutos.

Um dos companheiros fez prece respeitosa, encerrando, no plano físico, as atividades da desobsessão.

Cândido, porém, permanecia em intensas atividades. A mente lúcida e experiente organizava os tarefeiros, valorizando o tempo.

Três horas da madrugada.

O orientador dava as últimas instruções. Antonieta lançou um olhar interrogativo ao benfeitor que, sem demonstrar o menor desânimo, como que lendo o pensamento da mãe sofredora, colocou-se à disposição para o amparo.

Mobilizada a equipe de trabalhadores espirituais, dona Antonieta mostrou o caminho e, com os recursos que possuíamos, nos dirigimos à casa do assediado.

O rapaz aparentava 30 anos de idade. O corpo em repouso manifestava, de tempos em tempos, uma agitação. Era o reflexo das vivências espirituais negativas de que participava.

A casa mantinha amplo trânsito de Espíritos inferiores. Espiritualmente, o cenário era de dor.

Espíritos zombeteiros gargalhavam, outros gritavam, alguns se diziam magos, feiticeiros, profetas, guias, santos...

Os consulentes que, periodicamente, lhe pediam ajuda e pagavam pelas "orientações", traziam consigo seus adversários espirituais, os quais, simpatizando com o ambiente do lar, disputavam o médium com outras mentes perversas.

Todos os adversários viam em Albertino o canal da desarmonia e das paixões. Facilmente poderia ser induzido à vida sensual, saciando a sede das mentes desequilibradas.

Cândido fez prece ardente, todos irradiamos com intensidade.

Os Espíritos -inferiores, observando a mudança do ambiente e verificando a luminosidade que se fez, correram, atropelando-se, e um dos adversários, numa crise de cólera, advertiu:

— Venceram, por enquanto. Antonieta, gritou o obsessor cruel, sei que é obra tua, tens amigos iluminados, mas nós somos muitos. Teu filho já é nosso!... nosso!...

O filho de Antonieta saía, momentaneamente, da influência dos obsessores.

Albertino retornou abruptamente ao corpo e, sentado na cama, tentava organizar as idéias.

Antonieta aproximou-se, enlaçou-o em vibrações ternas e, ajudada pelo mentor, direcionou ao primogênito estas palavras:

— Que aconteceu contigo, filho meu? Onde guardaste os santos ensinamentos de nossa Doutrina? Que fizeste com os livros da Codificação?

Não sabes que perdes tempo? As companhias espirituais que cultivas atrasam teu crescimento. Ajuda-nos a ajudar-te.

Vendo que a emoção a dominava, Cândido solicitou encerrar a visita.

Enquanto nos retirávamos, o mentor orientava a mãe sofredora:

— Acalma-te, Antonieta, confia no Criador. Não nos faltarão recursos para o auxílio. Mas, é preciso lembrar, Albertino está exercendo o livre-arbítrio.

Acredito já esteja no limite da ilusão. Nossa visita hoje foi providencial, certamente ele se sentiu tocado com tuas vibrações. O tutor espiritual do teu filho nos

informou que, agora, com novo reforço, poderá aumentar a ajuda.

Unindo nossos recursos e sob as bênçãos de Deus, as chances de libertação serão maiores.

Certamente, ele engrossará as fileiras dos que vêm ao Espiritismo pela dor. É uma pena que assim seja, mas dos males o menor.

Muitos desconhecem a alegria de trabalhar na seara cristã.

Segundo nos informou o protetor, teu filho será convidado por valorosa colega, na empresa que trabalha, a visitar um bom Centro Espírita.

A li, passará pelo atendimento fraterno, assistência com a fluidoterapia e, finalmente, os cursos de Doutrina Espírita.

Alegará estar perturbado pela mediunidade, mas sabemos que o verdadeiro responsável pelo desequilíbrio são as atitudes impróprias, e não a faculdade mediúnica, propriamente dita.

Os ensinamentos evangélicos o fortalecerão.

Está submisso aos Espíritos inferiores por despreparo, empolgação, falta de seriedade na mediunidade e por ausência de ação no bem.

Será convidado para colaborar nas obras assistenciais e, ao ocupar a mente com atitudes úteis, os obsessores se afastarão.

Aprenderá que a mediunidade é coisa santa, que a tarefa mediúnica é sempre muito delicada, demandando respeito, estudo e prática cristã. Que o local apropriado para o intercâmbio mediúnico é o Centro Espírita, por dispor de companheiros

especializados, experientes na área, sendo preciso contar com o amparo do Mais Alto.

Os verdadeiros caminhos que o Espiritismo abre são os do conhecimento espiritual, ensejando a reforma íntima e o progresso.

Agora, só nos cabe orar.

No dia seguinte, o medianeiro desviado do bem acordou tranquilo, com a sensação de ter convivido com sua mãezinha. Isso lhe trouxe doces lembranças e agradáveis recordações dos primeiros anos de orientação espírita.

Contou a experiência para uma sua colega de serviço que, inspirada pelo protetor do médium, acrescentou:

— Albertino, conheci sua mãe, me impressiona como você se desviou da estrada.

Acaso, não sabe que os amigos espirituais fazem o bem pelo desejo de servir? Desde que você começou a comercializar suas forças psíquicas, carrega na alma profunda angústia.

Já existem comentários aqui na empresa. Estão vendo em você a figura de um charlatão.

Nenhum dos seus “trabalhos” funciona. Os Espíritos amigos não são nossos empregados e não têm interesses materiais.

Assim, você está prestando um desfavor à mediunidade, desacreditando-a publicamente.

Vamos, meu amigo, volte aos círculos espíritas! Tenho certeza, sua mãe é quem está se esforçando.

Sabe como é, coração de mãe “pulsa” até mesmo do lado de lá.

Chega de tormenta! Vamos, eu o acompanho, vou lhe fazer companhia. O que me diz?

O protetor do médium entendeu que os segundos eram cruciais. Ligando-se a ele, emanou os melhores pensamentos. De nossa parte, reforçamos as vibrações emitindo nossas mais salutares influências, imprimindo novo ânimo, aguardando ansiosamente a resposta do medianeiro perturbado.

Instantes depois, enchemo-nos de alegria quando, em seu livre-arbítrio, Albertino decidiu:

— Está certo, chega de ilusão. O orgulho já me legou muita dor e arrependimento. Aceito sua companhia, hoje mesmo iremos ao Centro.

Antonietta, a mãezinha desencarnada, chorava discretamente.

Todos rendemos graças a Deus pela oportunidade de socorro, e só demos o caso por encerrado, quando os acompanhamos à respeitável Instituição Espírita, desejando perseverança aos recém-matriculados no Espiritismo.

Albertino fez os anos básicos de estudos, disciplinou a mediunidade, ocupou o pensamento e aprendeu, empiricamente, que ao explorarmos as faculdades espirituais, não estudando os mecanismos da mediunidade, não produzindo o bem, tornamo-nos vulneráveis ao assédio dos adversários espirituais, mostrando despreparo ante a mediunidade,

promovendo, com isso, um escolho no caminho do próprio progresso.

Os verdadeiros caminhos que o Espiritismo abre são os do conhecimento espiritual, ensejando a reforma íntima e o progresso.

Salvo pelo elemento de sustentação

O relógio apontava o horário do início da reunião.

Enquanto se processava a leitura do texto evangélico, o responsável espiritual pela tarefa da noite alertava, preocupado, os companheiros espirituais:

— Não sei se darão conta do trabalho. Trouxemos, com muitas dificuldades, Agenor Silva, que está tresloucado. Não fossem nossos recursos magnéticos, estaria gritando e agredindo fluidicamente os participantes.

Repararam como os médiuns conversaram animadamente? Como não guardaram recolhimento espiritual? Temo que não obteremos êxito; no entanto, é preciso experimentá-los.

O grupo era bem reduzido, mas continha médiuns interessantes no campo da Vidência, da audição mediúmica e da psicofonia.

Feita a prece de início, não conseguíamos efetuar, o intercâmbio, haja vista a mente despreparada dos intermediários.

As vibrações que continham Silva foram propositadamente suspensas e este, ao ver-se em

local desconhecido e identificando a possibilidade de ligação espiritual, fez-se sentir intensamente.

O vidente captou-o com as características dos obsessores que desejam amedrontar, e tamanho era o seu despreparo que ficou preso à imagem, sem oferecer recursos de ajuda.

O audiente apavorou-se com os urros frenéticos.

O psicofônico, sentindo os fluidos inferiores e percebendo-lhe o mundo íntimo, entregou-se ao medo improdutivo.

Silva encontrou vasto campo de atuação e domínio, contudo, quando nos preparávamos para interferir, almejando a harmonia do trabalho, notamos que dona Nair, que não era médium vidente, audiente nem psicofônica, consciente da importância da sustentação na reunião com vibrações amorosas, começou a irradiar poderosamente em benefício do agrupamento mediúnico.

Unimo-nos a ela, colocando nosso coração em prece e recrutando outros tarefeiros do nosso plano.

A psicofera da sala mudava pouco a pouco.

Os socorristas espirituais estavam prontos a recolher Silva, agora numa crise aguda de cólera e loucura.,

O dirigente encarnado, acionado intuitivamente por um dos nossos, solicitou aos companheiros do grupo elevação do pensamento.

Em segundos, o tresloucado, envolvido por pensamentos fraternos, sentiu o contraste das vibrações; fraco, cessou os gritos e, sob a voz firme e enérgica do orientador, entregou-se aos socorristas como um doente mental.

Tranqüilizado o ambiente, o orientador, visivelmente frustrado, recordou rapidamente do processo de socorro a Agenor Silva: a visita às zonas inferiores, a dificuldade para libertá-lo dos obsessores, que o aproveitaram como mecanismo desequilibrante às suas vítimas, os longos meses de tentativas de aproximação sem sucesso e, finalmente, a alegria de ter conseguido trazê-lo, sem que tivesse plena consciência do que estava acontecendo, às portas da mediunidade.

Lembrou, intimamente, que aquele momento foi muito esperado, pois através do intercâmbio, o campo íntimo de Agenor poderia começar a modificar-se oferecendo condições para que percebesse os benfeitores ao seu lado. Cenas reflexivas sobre o seu passado culposos estavam programadas para serem projetadas, durante o diálogo, visando a despertar o necessitado para a vida maior, o dialogador seria fortemente envolvido para expor com clareza as orientações. Espíritos amorosos ligados a Agenor, por vínculos do passado, contavam com o “choque” mediúnico para se tornarem visíveis.

Toda uma equipe de tarefeiros esperançosos e com inúmeras ocupações foi mobilizada, mas não conseguiram atingir o objetivo desejado.

Agora só restava aguardar nova oportunidade.

Ao final da reunião, os membros se queixavam da proteção espiritual que o Centro, ao qual prestavam serviço, não oferecia!

Reclamavam de não ter ocorrido uma interferência drástica para afastar o obsessor (e o objetivo era socorrê-lo!).

Do nosso plano, resolvemos calar, sabíamos que, posteriormente, refletindo sobre os acontecimentos, identificaríamos a falha.

Os participantes da reunião mediúnica não devem trabalhar isoladamente e, neste caso, o grupo não funcionou como uma equipe, em que medianeiros, elementos de apoio, dialogadores e dirigentes devem se assemelhar a amorosa engrenagem, cujo mecanismo se dirige à sublime tarefa de amparar.

Concluimos, portanto, que, nesta noite, o trabalho foi salvo pelo abençoado, consciente e anônimo elemento de sustentação.

O trabalho foi salvo pelo
abençoado, consciente e anônimo
elemento de sustentação.

Médiuns caídos

O cenário era de dor. Em região escura e gelada do plano espiritual, debatia-se grande massa de Espíritos sofredores. As mentes perturbadas construíram, na matéria fluídica, uma atmosfera densa, difícil de suportar.

No ambiente de trevas, onde se ouviam prantos e ranger de dentes, surge uma entidade hostil trajando impecável temo preto.

Na mão direita, a Bíblia aberta no Velho Testamento. A mão esquerda trazia o indicador em posição de censura, enquanto ele proclamava, orgulhosamente, discurso acusador baseado na velha lei mosaica.

O delator chamava-se Gilberto. Carregava na bagagem espiritual a experiência astuta dos fariseus de outrora e, em sua última existência corporal, revestiu-se da intransigência de alguns pastores protestantes. Julgava-se “ministro” de Deus, cujo dever era punir os que desrespeitavam as leis.

O “pregador” fez pequena pausa, perpassou o olhar de desprezo pela multidão dos desditosos e retomou o discurso com voz severa e impiedosa:

— Não leram o que dizia a lei?

Por acaso desconhecem as orientações do grande legislador israelita?

Nunca foram advertidos de que Moisés proibiu a prática da mediunidade; invocar os mortos, ainda que familiares, conduzir os filhos e as filhas ao fogo?

Certamente que sim. Foram contra as sagradas escrituras e, agora, pagam o preço.

Eu, gritou o ex-fariseu, haverei de fazer justiça, honrarei os ensinamentos de Moisés, cumprirei o mandamento, fazendo com que permaneçam eternamente nas trevas.

Não há misericórdia para os que ferem o sagrado.

A turba agitava-se apavorada, o medo transfigurava o semblante dos infelizes.

— Das sibilas aos médiuns espíritas, continuou o acusador, todos serão condenados.

Verificando que o “pastor” já havia ido longe demais, nossa equipe se fez notar.

Respeitável instrutor espiritual, que há anos laborava naquela região socorrendo as almas desejosas de se recuperarem, apareceu no ambiente com todo o seu esplendor. Quase não o reconhecíamos. Transfigurou-se de tal forma que, para nós, era como se o Sol viesse nos ver. Instintivamente, os Espíritos sofredores cobriram o rosto, murmurando palavras de espanto e admiração.

O instrutor aproximou-se de Gilberto, que entrou em estado de choque, fitou-o profundamente e, com a capacidade dos Espíritos superiores, tocou, com raios mentais, o perispírito do censurador, promovendo-lhe a regressão de memória. O “defensor” da lei tentava fugir, quando forte

magnetismo, partindo de nossa equipe, lhe tirou a lucidez.

Gilberto foi conduzido a uma reunião mediúnica, para que o processo da regressão e a prova da comunicabilidade dos Espíritos, aliados à argumentação inspirada dos dialogadores, pudessem lhe despertar a consciência endurecida.

Antônio, o mentor resplandecente, tomou da palavra e, amorosamente, tranqüilizou os necessitados, dizendo-lhes:

— Caros irmãos em Cristo, paz a todos. Não há condenação eterna.

O Senhor da vida, revelado por Jesus como Pai, irradia misericórdia, desejando que os seus filhos se voltem para a paz e o amor.

É certo que todos vocês são médiuns caídos.

Aqui encontramos intermediários que militaram em muitos segmentos religiosos, da crença grega aos profetas israelitas, dos cultos africanos aos médiuns espíritas.

Todos que aqui estão em sofrimentos morais são a personificação do abuso das faculdades espirituais.

As palavras verdadeiras de Antônio produziram, em muitos deles, uma introspecção. Podíamos ver, plasmada sobre suas mentes, a recordação viva da exploração mediúnica.

Alguns mergulharam em lembranças íntimas de participação em rituais macabros.

Outros se viam enlouquecidos, perseguidos por entidades maléficas que os desejavam escravizar, cobrando-lhes os anos de prestação de serviços espirituais negativos.

Ali, notávamos reflexões de médiuns que se tornaram intermediários de Espíritos de falsos cirurgiões, iludindo o povo com cirurgias superficiais, impressionando os pensamentos fracos, comercializando as forças psíquicas e, finalmente, desprovidos de verdadeira assistência espiritual, fraudando e enganando os carentes e desesperados.

Não faltaram, nas recordações vivas dos infelizes, os que atuaram no movimento espírita, os que se escravizaram ao fenômeno mediúnico, os que apenas diziam estudar Kardec, os que dirigiram e transformaram instituições inteiras em verdadeiras tendas de exposições mediúnicas, onde o trabalho sério e a caridade foram esquecidos, o estudo da Doutrina Espírita relegado a segundo plano, e o culto ao bezerro de ouro ressurgia, através dos interesses materiais.

Observava-se, claramente, nas reminiscências dos perturbados, Espíritos inferiores servindo-se de médiuns vaidosos, ditando-lhes receitas abortivas, trabalhos “mágicos” dedicados à destruição de matrimônios, poções delicadas, envoltas em veneno letal, para facilitar certas ascensões políticas e todas essas rememorações desfilavam na atmosfera individual de muitos ex-médiuns.

O mentor, desejando a renovação mental, deu prosseguimento à palestra, esclarecendo:

— Os abusos praticados em nome da mediunidade foi o que levou Moisés a proibi-la.

O grande legislador verificou, certamente, que não deveria a importante faculdade ser usada mal ou de

modo inconveniente. Primeiro, era preciso disciplinar o povo.

Ele mesmo era extraordinário médium, utilizava-se constantemente da faculdade e desejam que todo o povo fosse feito de profetas (porta-vozes, intermediários), basta lembrarmos o episódio de Eldad e Medad.

No entanto, cerca de 1.300 anos depois, com a vinda do Cristo, a Palestina era terra de profetas e ninguém mais falava da proibição de Moisés (que era para conter os excessos e não o intercâmbio espiritual, propriamente dito).

Jesus elevou a mediunidade a prática santa, desenvolveu-a em seus seguidores, deu testemunho dela quando, no monte, o próprio Moisés, acompanhado de Elias, dois "mortos", apareceram lado a lado com ele, utilizando-se, provavelmente, da mediunidade de efeitos físicos de Pedro, Tiago e João, dando demonstração da possibilidade natural da comunicabilidade dos Espíritos.

Como vêem, não há "pecado" algum na prática mediúnica bem orientada.

A faculdade mediúnica em si é neutra, desponta em todas as camadas sociais, não escolhe credo, nem raça. Os seus portadores, pelas características morais, é que a conduzirão por este ou aquele caminho, sendo responsáveis pelo rumo que derem aos talentos que Deus nos empresta para nosso próprio crescimento.

Contudo, temos de reconhecer que as práticas realizadas por vocês, em nome da mediunidade, de fato são abomináveis e contribuíram para dificultar o

avanzo do Espiritismo, que também não concorda se abuse da mediunidade. Ofereceram vastos argumentos aos adversários do Consolador.

Mas, com a graça de Deus, não faltam sobre a Terra médiuns que fazem da sua faculdade um mediunato e que exaltam, em trabalho cristão, a seriedade e a verdade da Doutrina Espírita, oradores estudiosos compromissados com a pureza doutrinária, divulgando o Espiritismo, separando-o do mediunismo.

A Doutrina Espírita jamais será motivo de escândalos, pois que dispõe de métodos científicos e criteriosos, conduzindo sempre a mediunidade com Jesus.

Antônio orava interiormente, buscava fôlego para continuar suportando aquela região difícil, quando foi interrompido por uma voz ameaçadora.

— Kardec foi a nossa perdição! O Espiritismo nos colocou aqui, nos deixou loucos... loucos...

— Não, meu irmão, respondeu o mentor com voz forte e enérgica, não transfira a culpa, a quem ela não pertence. Seu orgulho, sua vaidade é que o colocaram aqui.

Se tivesse estudado Kardec e se pautado pela orientação espírita que, restaurando o Cristianismo, encaminha para a vivência do "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo" e do "Dai de graça o que de graça recebestes", jamais estaria aqui, padecendo as dores da própria imprudência.

Não se trata de punição ou vingança de Deus. Simplesmente, vocês acionaram a Lei de Causa e

Efeito que, uma vez desencarnados, nos arrasta ao ambiente espiritual compatível com nossas vibrações.

Chega de lamentações! Não podemos mais perder tempo!

Parte do Mais Alto o convite para que sigam o caminho do bem.

Vimos buscar os corações cansados dos erros, os que desejam verdadeiramente progredir e retornar à Terra, através da reencarnação, conduzindo novamente o barco da mediunidade.

Se Deus Ihes concede trabalhar novamente no campo mediúnico, é porque sabe que vocês têm condições de vencer. É certo que não mereceriam a mediunidade, tendo em vista que se perderam no passado. Mas a Lei de Progresso analisa as necessidades das criaturas, e é pela necessidade imperiosa de progredir, um determinismo divino, que o Pai mais uma vez Ihes confiará esse talento, desejando que seja multiplicado em benefício das criaturas lesadas no passado. Reencontrar-se-ão com os que prejudicaram e terão de se reparar ante eles, servindo-os com humildade e simplicidade, retratando-se diante das leis universais.

Nesse instante, houve um tumulto geral. Quase mil Espíritos se acotovelavam, dizendo estarem arrependidos, mas apenas dez produziram a luminosidade característica da sinceridade, o que automaticamente os destacou dos demais, possibilitando-nos o devido socorro.

Recolhidos os que apresentaram sinceridade de espírito, os outros lançavam palavras espinhosas, cujas vibrações não nos alcançavam.

Antônio, visivelmente triste, vendo que muitos foram chamados e tão poucos se colocaram na condição de escolhidos, chorou profundamente, rogando em prece que não tardasse o despertar dos que não se conduziram corretamente à sagrada/tarefa da mediunidade.

Nossa excursão, pouco a pouco, partia do ambiente sombrio, quando abnegado tarefeiro veio dar notícias de Gilberto.

— Antônio, meu amigo, chamou o servidor sorridente, a noite foi produtiva! Conseguimos! Gilberto rendeu-se às evidências, o amor venceu! Eu mesmo o conduzi ao trabalho mediúnico. Pode incluir mais um na sua lista, o pastor renascerá médium.

O amigo espiritual lançou vibrações de amor e perseverança ao recém-convertido, colaborou na programação reencarnatória, prometeu amparo e, quando estavam todos encaminhados, Antônio formou nova equipe de trabalhadores e retornou aos planos inferiores, convertendo-se no grande médium da misericórdia divina.

A Doutrina Espírita jamais será motivo de escândalo, pois que dispõe de métodos científicos e criteriosos, conduzindo sempre a mediunidade com Jesus.

A desencarnação de Elias

Atendendo às vibrações dos companheiros de valoroso Centro Espírita, dirigimo-nos para o hospital municipal.

O pronto-socorro mantinha agitado trânsito de tarefeiros do nosso plano atendendo às mais diversas necessidades.

Num dos quartos coletivos, conforme informação dos confrades encarnados, encontramos um homem idoso, magro, abatido e inconsciente.

Fomos recebidos pelo protetor do enfermo que, após agradável acolhida, nos foi dando informações sobre o caso.

— Este é Elias, médium dedicadíssimo, trabalhador incansável, merece nosso concurso para se libertar do corpo físico.

Este homem, explicou a entidade amiga, se transformou num verdadeiro cristão. Assumiu a mediunidade com coragem espantosa!

Lembro-me das dificuldades por que passou para o adestramento de suas capacidades espirituais; as horas de perturbações, os anos de estudos e, finalmente, a educação mediúnica.

Matriculado na seara dos médiuns, quantas vezes foi vítima dos pensamentos improdutivos dos próprios companheiros de trabalho.

Frequentemente, era acusado de animismo no transe mediúnico, de ser desprovido de assistência espiritual, de não possuir um guia mediúnico, pelo fato de nunca ter intermediado uma mensagem dos Espíritos superiores.

Alguns amigos encarnados parecem não estudar o Espiritismo. Para nós, o bom médium é aquele que aceita as potencialidades que tem, não cobiça as faculdades alheias e, dentro daquilo que pode produzir, se aprimora realizando o que de melhor estiver ao seu alcance, primando pela verdade, honestidade e militando, com as necessárias renúncias, no campo do bem.

No seu programa reencarnatório, constava que sua disposição mediúnica permitiria somente o socorro espiritual, nada além disso. E, nesse campo, nunca deixou a desejar.

Era admirável notar o seu respeito para conosco, sua responsabilidade, seu preparo diário, o cultivo das verdades cristãs e a luta que teve de travar afim de vencer o analfabetismo para estudar a Doutrina Espírita.

Quando precisávamos amparar os Espíritos obsessores, vingativos, malévolos, o primeiro nome que surgia era o de Elias, pela segurança e confiança com que executava suas atividades.

Raramente precisávamos ajudá-lo a sair do transe mediúnico. Demonstrava equilíbrio tão perfeito, do concentrar e desconcentrar, que alguns se recusavam

a acreditar que nosso irmão fosse realmente intérprete dos Espíritos.

Aos olhos humanos, cerrados para as coisas espirituais, nosso médium não tinha a menor expressão.

No grupo espírita, passava despercebido, sempre distante dos "grandes" trabalhadores. Nunca foi solicitado para proferir uma conferência ou ler uma página do Evangelho em público.

Possuía discricção absoluta e, embora sentindo-se discriminado, jamais desanimou.

Contudo, à medida que suportava as alfinetadas do comportamento humano, resgatava o passado culposo e angariava a simpatia dos Espíritos superiores

A entidade ainda falava, quando a conversa foi interrompida por inúmeros Espíritos desejosos de visitar o desencarnante.

Solicitaram-nos, então, receber os visitantes e orientá-los sobre 'a situação do paciente.

— Como está meu libertador; perguntou um homem rude com olhos marejados, fiquei sabendo que iria fazer a passagem e desejo dar-lhe as boas-vindas.

Sem nos conceder tempo para esclarecer, foi logo nos contando sua história.

— Eu o perseguia, era vítima de Espíritos vingativos que me enganaram a respeito deste santo homem.

Atormentei-o dia e noite, queria que lhe ficasse a marca de desequilíbrio, que fosse desacreditado

mediunicamente e, finalmente, internado num hospício.

Mas como prosseguir? Esta criatura-não era dona de si, vivia para os outros, nunca o vi se vangloriar de nenhuma realização.

Como poderia odiá-lo se todos os dias ele orava por mim? Como amaldiçoá-lo se desenvolvia anonimamente, solitariamente, trabalhos de assistência? Como poderia atacá-lo se, a cada dia, ele me suportava pacientemente, cultivando atitudes cristãs?

A irmã não pode calcular meu remorso. Eu o fiz sofrer tanto...

Certa vez, acrescentou o Espírito, quis conduzi-lo ao alcoolismo: fiz com que pessoas viciosas se aproximassem dele, que o convidassem, que o instigassem e, sabe o que aconteceu? Todos eles largaram o vício.

Utilizei-me de sua sensibilidade natural, e conduzi Espíritos terrivelmente desequilibrados e enfermos, para que as vibrações negativas lhe atingissem o corpo, produzindo-lhe o desequilíbrio e a destruidora autopiedade. Sabe o que ele fez? Vendo-se doente, foi visitar outros enfermos, para não pensar que sua dor era a pior do mundo.

Observei tudo aquilo; aquele homem valente não poderia ser o que me diziam. Foi aí que caí em mim, reparei o quanto havia me complicado espiritualmente.

Dei minha palavra espontaneamente na reunião mediúnica, disse que o perseguia e, após ser literalmente doutrinado pelos intelectuais espíritas,

preferi ficar com a “doutrinação” exemplificada por Elias.

Eu me libertava enquanto ele recebia, do dirigente, enérgica orientação para vigiar os pensamentos, pois sua falta de moral atraía os obsessores.

Desejei protestar, falar a verdade, mas o mentor de Elias explicou-me que, na Terra, muitos guardam o verbo do amor nos lábios quando deveriam revelá-lo por meio das atitudes humanas. Alertou-me de que tudo isso serviria de prova para o médium. Chorei de arrependimento, tornei-me seu amigo e, desde então,, interessei-me particularmente por ele, estando submetido às ordens do Mais Alto. E, graças ao testemunho deste querido médium, eu me libertei.

Terminado o relato, estávamos todos envolvidos num clima de emoção. Anotamos o nome do convertido e prometemos endereçar seus votos de agradecimentos.

A fila de companheiros espirituais que vieram receber o medianeiro era interminável; uma mulher aflita solicitou-me informações e, novamente, antes de lhe dizer qualquer coisa, ela começou a narrar:

— A senhora desconhece o respeito que tenho por este homem.

Há mais de vinte anos, minha filha padecia de grandes tormentos, vítima de uma obsessão terrível.

Este senhor nos visitava toda semana, falava-nos da Doutrina Consoladora, ensinou-nos com seu jeito simples os princípios básicos, instalou em nossa casa o Evangelho no Lar e, quando minha filha tinha seus “ataques”, ele a atendia pacientemente, retirando-a

do domínio inferior, além de encaminhá-la ao Centro Espírita, onde se curou definitivamente.

Mas não foi só isso, os adversários dela voltaram-se contra ele e, somente aqui, no mundo dos espíritos, vim a saber o quanto, para de, foi preciso lutar e testemunhar até vencer.

E o mais impressionante, continuou a mulher admirada, e que os obsessores de minha filha também se renderam à sua bondade, todos foram transformados e estão aí na fila!

Vê como é importante para nós este momento, desejamos abraçá-lo, falar do nosso reconhecimento...

Foi preciso interrompê-la dizendo-lhe:

— Compreendemos, minha irmã, mas Elias está no processo da desencarnação, não se desligou totalmente, ainda precisaremos de algumas horas.

Volte tranqüila às suas atividades; respeitemo-lo, compreendendo que é um momento muito delicado. Todos que vieram abraçá-lo devem entender que a hora não é oportuna.

Quando nosso irmão estiver restabelecido, certamente receberá o abraço de vocês. Voltem, portanto, às suas tarefas, confiantes de que o Senhor zela por todos nós.

Acalmando o tumulto, o responsável pelo enfermo aproximou-se de nós e o que aconteceu ficaria, para sempre, gravado em nosso coração.

— Companheiros e amigos, disse o benfeitor, o momento chegou.

Na Terra, poucos valorizam o anonimato; os que conheceram nosso irmão, jamais poderiam imaginar os méritos que conquistou silenciosamente.

De fato, nosso companheiro aceitou seguir o Cristo, apesar da cruz das próprias imperfeições.

É o exemplo de quem soube aproveitar as faculdades espirituais aplicando-as em favor dos semelhantes e, conseqüentemente, promovendo o próprio progresso.

Agora, é importante o sustentarmos, recebendo-o na vida maior.

Estamos nos minutos finais, louvemos ao Senhor pela oportunidade, unindo-nos em prece.

Orávamos com fervor, quando o quarto foi invadido por intensa luz.

Era inacreditável, mas ò desencarnante recebia a visita de um dos grandes vultos do Espiritismo.

Lembrei-me, naquele instante, de que realmente Jesus estava certo, "a cada um segundo suas obras".

Refleti sobre muitos que, na Terra, vivem iludidos apresentando, orgulhosamente, títulos de intelecto ou nobreza, gozando a vida de maneira irresponsável; e à nossa frente estava um homem envolvido na simplicidade de espírito, apresentando no limiar da nova vida os títulos da autoridade moral.

A entidade adentrou no ambiente enchendo-nos de alegria e saudando-nos com um agradável sorriso.

O paciente já estava parcialmente desprendido, o processo da desencarnação já havia se iniciado há dias.

O Espírito superior fechou os olhos, estendeu os braços sobre o corpo do moribundo e de suas mãos

partiram raios luminosos promovendo o desligamento total do- médium.

Os aparelhos, no plano físico, acusavam a morte do corpo biológico. Elias, agora em espírito, foi ternamente abraçado pela entidade sublime.

O recém-desencarnado, envolto pelas vibrações superiores, sentindo-se mais fortalecido, abriu os olhos e pôde desfrutar da doce alegria de despertar na pátria espiritual, entre amigos.

— Elias, disse a entidade com voz doce e serena, venceste meu irmão, passaste pela porta estreita. Todos os teus esforços serão, agora, naturalmente recompensados pela Lei de Causa e Efeito.

Fizeste de tuas faculdades um mediunato; cumpriste com teu compromisso, foste verdadeiramente cristão.

Valeu a pena suportares as humilhações, as desconfianças, as ironias; não te preocupes mais com isso, essas idéias partiram de mentes que não despertaram para a verdadeira fraternidade.

Fizeste valer a orientação cristã que diz: "Aquele que se exaltar será humilhado e aquele que se humilhar será exaltado".

Dorme agora, tranquiliza-te, tudo-já passou. Quando estiveres fortalecido, conversaremos. Por ora, descansa, haveremos de sustentar-te.

E, antes de partir, o ser iluminado voltou-se para o quarto coletivo, compadeceu-se dos enfermos e os envolveu em fortes vibrações curativas, provocando, na maioria, um restabelecimento "milagroso" aos olhos físicos.

Muitos de nós não conseguimos conter as lágrimas. A entidade sublime, após oração de agradecimento ao Criador, partiu para esferas maiores à semelhança de estrela cadente, levando consigo, para planos superiores, o querido Elias e nossa eterna gratidão.

O bom médium é aquele que aceita as potencialidades que tem, se aprimora primando pela verdade, honestidade e militando, com as necessárias renúncias, no campo do bem.

Extraterrestre na Mediunidade

O tarefeiro espiritual adentrou abruptamente na sala, onde se promoviam os preparativos para a reunião mediúnica, trazem do na face singular expressão.

— A situação é grave, relatou o trabalhador, nossa Instituição está sendo ameaçada pelos adversários do bem!

Não fossem nossas vibrações e recursos magnéticos isolantes, não teríamos condições de trabalho nesta noite.

Lembra-te do caso dós “extraterrestres”?

— Sem dúvida, respondi preocupada.

— Pois bem, continuou o tarefeiro, mobilizamos uma caravana a fim de socorrer os desencarnados e encarnados envoltos em espantosa fascinação, e trouxemos alguns deles para o atendimento desta noite.

O dirigente, no plano material, haverá de pedir pelos envolvidos nesta ocorrência. Durante as vibrações, alguns médiuns sentirão a presença

desequilibrada desses Espíritos, e isto dará a impressão da instantaneidade de atendimento do pedido, contudo, já lutamos com este caso há dias.

Os adversários organizadores deste movimento estão revoltados porque socorremos alguns dos seus; montaram guarda na frente do nosso prédio, para tentar invadi-lo e destruir nossos propósitos.

— Não te preocupes, acrescentei confiante, o Senhor nos abençoa. Já estamos acostumados com estes quadros, porém, todo cuidado é pouco. Nenhuma das nossas atividades será alterada.

Quando terminarmos o labor com a mediunidade, nesta reunião, haveremos de acompanhar este processo pessoalmente.

Reforçaremos a guarda com vigilância, oração e o concurso de outros tarefeiros, com a elevação do pensamento e a inabalável confiança em Deus.

A noite prometia trabalhos dinâmicos e intensos. Na organização espiritual da reunião, encaminhamos alguns Espíritos, do agrupamento ao qual já nos referimos, para o atendimento através do intercâmbio mediúnico.

Os medianeiros tiveram dificuldades em lidar com mentes tão desequilibradas.

Os adversários trajavam-se de maneira exótica, colorida, fantasiosa, à maneira das festas carnavalescas com enredo futurista.

Muitos dos comunicantes programados se renderam às evidências da lógica, da razão, do bom senso e do

Cristo, graças ao diálogo amigo e às sinceras vibrações dos companheiros encarnados, coadjuvados por nossa assistência.

Encerrada a reunião de desobsessão, desfeito o tumulto exterior e distribuídas algumas tarefas para a finalização de nossas atividades neste campo, constituímos equipe de trabalhadores experientes e disciplinados, dirigindo-nos à casa onde nosso socorro era esperado.

O local, realmente, era de espantar!

Assemelhava-se aos filmes de ficção científica, no qual a imaginação construiu cenários esdrúxulos para satisfazer a vaidade dos Espíritos fascinadores.

Construídos no ambiente de fluidos, notávamos réplicas de pretensas naves espaciais, mapas estelares, pedras com aparência intencionalmente mística, emanando discreta luminosidade, para impressionar as mentes fracas e vaidosas.

Tudo foi pensado, meticulosamente organizado para que os videntes, tão valorizados entre eles, observando do plano físico a construção fluídica, dessem testemunho da suposta realidade espiritual.

Se um médium despreparado vislumbrasse a casa no ambiente fluídico, teria uma visão verdadeira, mas de um conteúdo falso e enganador.

A Vidência tem nuances delicadas, matizes que carecem de rigorosa análise e interpretação.

A faculdade de ver espiritualmente, quando de forma educada e disciplinada, usada com ética e discrição, é elemento auxiliar nas atividades espíritas; contudo, quando se torna veículo de exibição e exaltação mediúnica, é sempre sinal de perigo.

Não havia verdade, os adversários desejavam escravizar os encarnados, fazendo com que, dia após dia, ficassem dependentes daquela alucinante "assistência espiritual".

Se o intermediário não estuda os mecanismos da própria mediunidade e as leis que regem o intercâmbio espiritual, fatalmente será vítima dos fascinadores.

É interessante notar a criatividade de certos grupos de Espíritos obsessores no tocante à obsessão coletiva.

Alguns irmãos encarnados se prendem a idéias missionárias, sem demonstrar a menor aptidão moral, no campo dos testemunhos; estão longe de vivenciar o Cristo. Enquanto agirem assim, os obsessores terão largo campo de ação, e nós, muito trabalho!

Geralmente, um dos primeiros passos realizados pelos adversários, nesta área, é tocar no ego das criaturas com elogios, conquistando a confiança para que a vaidade faça desaparecer a lógica e a razão.

E o antídoto para evitar tantas dores, problemas e arrependimentos está nas obras de Allan Kardec, que infelizmente são pouco estudadas! Quando a humanidade descobrir o avanço científico, filosófico e religioso dessas obras, muitas dificuldades serão evitadas.

Segundo os levantamentos feitos pelas entidades superiores, que os monitoravam com objetivo de ajudá-los, os residentes encarnados praticavam o mediunismo sem qualquer estudo doutrinário, embora "conhecessem" o Espiritismo.

Desprendidos do corpo, por ocasião do sono, os moradores confundiam-se com os obsessores.

Estavam todos aguardando a chegada de uma nave espacial.

Observávamos com respeito e cautela aquelas expressões fantasiosas, sem que fôssemos percebidos pelas entidades perispiritualmente grosseiras.

Um dos coordenadores do movimento extraterrestre que dizia ser da mais alta hierarquia angelical, entendendo que 'era preciso organizar seu exército, deu ordem enérgica, reunindo todos os presentes a sua frente.

— Amigos, disse a entidade fanática, em breve, naves espaciais haverão de nos conduzir para mundos superiores.

Fomos escolhidos para sermos os salvadores do planeta, somos todos missionários!

Enquanto aguardamos a hora adequada, nossa missão, de alertar os homens sobre os perigos que estão causando à Terra com o avanço tecnológico, deve continuar.

Dores, problemas sociais, terremotos, maremotos, pranto e ranger de dentes; tudo será modificado no

planeta, haverá grande destruição, porém, aqueles que perseverarem nesta nova doutrina serão salvos.

Nosso compromisso é com o futuro! É preciso nos unirmos no objetivo de fazer prosélitos, de irradiarmos nosso novo ideal, a fim de um número maior de pessoas aderir ao nosso movimento.

O mundo vive em enganos de toda sorte, perde-se por completo; nós, porém, seremos os salvadores. Haveremos de trabalhar dia e noite para que nossa mensagem 'seja divulgada.

Os que estão na carne têm a missão imperiosa de convencer a qualquer custo aqueles que os rodeiam.

Nada de orações, nada de religiões raciocinadas, nosso grande objetivo será divulgar "a nova era".

Notávamos aquelas expressões, compadecidos de tanta ignorância. No fundo, eram criaturas, seres espirituais fugindo da própria desgraça.

Utilizavam-se daqueles recursos, criando novas doutrinas para não enfrentarem as conseqüências dolorosas das atitudes impensadas do passado, sentenciadas pela própria consciência, complicando-se, ainda mais, no presente.

Sabiam que a Lei de Ação e Reação, mais dia ou menos dia, os buscariam, não ignoravam a reencarnação como fato, mas insistiam em fugir da realidade escondendo-se no fanatismo, usando a máscara da fascinação, ocupando o tempo com as mentes vazias e desequilibradas de alguns encarnados.

Certamente, existe vida em outros planetas. Somos todos seres espirituais, viajantes no universo infinito. Nossa Via Láctea é um grão de areia no cosmo.

Porém, muitos dos relatos feitos de contatos com seres de outros planetas carecem de fundamentação e comprovação. Há muito mito e fantasia em torno disso.

A constatação de que seres de outros planetas visitam a Terra utilizando-se de nova tecnologia, discos voadores, não está no campo do Espiritismo e, sim, no da ciência oficial, acadêmica.

A tarefa do Espiritismo não é ficar procurando óvnis, e sim promover a transformação moral dos que o compreendem. Os espíritas, já temos muito com que nos preocupar. Todavia, isso não impede que o adepto da doutrina estude, particularmente, racionalmente, certos fenômenos, mas trazer esses estudos para o Centro Espírita, ou fazer da mediunidade objeto de especulação, é não compreender a finalidade do Espiritismo e banalizar a faculdade mediúnica.

“Melhor é repelir dez verdades que aceitar uma única falsidade, uma só teoria errônea”. É a recomendação de Erasto em *O Livro dos Médiuns*.

A mediunidade deve ser utilizada para fins superiores de socorro, instrução e oportunidade de servir.

Por esta faculdade, também se fazem revelações valiosas. Entretanto, para uma revelação, através do intercâmbio mediúnico, ser aceita no âmbito do

Espiritismo, é preciso ficar com Kardec, que se utilizou do consenso universal, analisando rigorosamente, cautelosamente, com lógica, razão e bom senso, as informações provenientes do mundo espiritual através de vários médiuns, desconhecidos entre si, e de vários pontos do globo.

Se estiver nos planos do Criador revelar novas verdades, através do fenômeno mediúnico, certamente desejará a técnica do consenso universal para o estudo dessas realidades.

Sendo o Espiritismo uma doutrina progressista, que caminha lado a lado com a ciência, das conquistas científicas que forem úteis para a humanidade, procurará uma finalidade superior. E se estiver no campo de atuação da Doutrina, e se expressar um caráter contínuo, demonstrando perfeita lógica das idéias, o Espiritismo adotará essa nova revelação no seu corpo doutrinário, após inúmeras análises racionais.

Por isso, deixemos para a ciência o que compete à ciência, como recomendou Allan Kardec, e preocupemo-nos com nossa transformação moral.

Em tudo isso pensamos, desejosos de compartilhar essas informações com aqueles corações iludidos.

Coletados os dados, deixávamos o lar conturbado a fim de tomarmos as providências necessárias; já de saída, fomos abordados por alguns familiares, desencarnados, dos residentes, que conseguiam nos

ver graças aos sentimentos superiores que cultivavam.

Uma senhora simpática, demonstrando delicadeza no trato, solicitou-nos urgência no amparo, esclarecendo:

— Sou Catarina. Minha neta, Augusta, é quem está, materialmente, organizando estes sistemas.

Não tem a maturidade espiritual necessária, está empolgada com as primeiras manifestações mediúnicas, deixa-se envolver por estes pensamentos inferiores.

Por amor e misericórdia divinos, façam algo! Todos os meus recursos se esgotaram.

Se não fossem meus amigos do Mais Alto e meu esforço de sintonia superior, estes adversários já teriam me escravizado, como fazem com muitos que chegam do lado de cá despreparados.

O pedido de ajuda foi encaminhado ao núcleo onde vocês prestam serviço, por um dos meus parentes encarnados. Alertado por mim em sonhos, está passando por assistência espiritual e, com a graça de Deus, não se envolveu com esta loucura que estamos presenciando. Conseguimos inspirá-lo para que conduzisse os nomes destes aos entrevistadores do Centro, que, observando a necessidade do caso, conduziram os nomes à reunião mediúnica. Há meses aguardamos uma solução!

Diante de tão doloroso pedido, só nos restou acalmá-la, dizendo-lhe:

— Confia no Senhor e tudo o mais será acrescentado.

Faremos o que estiver ao nosso alcance, mas, lembra-te, é necessário respeitar-lhes o livre-arbítrio.

No caminho de volta, traçávamos nossas diretrizes de socorro. Seria preciso encaminhar alguém estudioso do Espiritismo para tentar esclarecer o grupo fascinado.

Assim, rememoramos nosso círculo de amigos encarnados e identificamos naquela região a figura de Angelina, trabalhadora dedicada do Espiritismo, que poderia nos servir de instrumento libertador.

A madrugada já estava avançada. Localizada no plano espiritual, desprendida parcialmente do corpo pelo fenômeno do sono, a cooperadora tomou conhecimento resumido dos fatos.

Horas depois, Angelina, nossa esperança encarnada, acordou envolta em doces lembranças e suaves vibrações, guardando na memória o convívio com entidades amigas.

Na convivência social, morando nas proximidades da família em questão, não foi difícil promover a aproximação de nossa médium com alguns pretensos missionários do agrupamento extraterrestre, principalmente porque a fama de fanáticos já havia corrido o bairro.

Semanas depois, convidada a participar da palestra de supostos seres evoluídos, nossa colaboradora encarnada, sem guardar na consciência os bastidores espirituais, movida por um desejo de observação provocado por nós, compareceu à reunião marcada.

Durante os trabalhos, os médiuns vestiam-se com roupas estranhas; usavam objetos sem nenhum efeito espiritual e com palavras cabalísticas, sem o

menor sentido, numa língua confusa e inexistente, invocavam seus "mestres" que se apresentavam, através da mediunidade, com nomes esquisitos e ridículos.

Após alguns segundos, víamos os fascinadores avançarem sobre os medianeiros à semelhança de sanguessugas vorazes, vampirizando-os energicamente, além de falarem desassombradamente sobre a doutrina revolucionária que traziam.

Angelina, assim como nós, observava respeitosa e orando a Deus não lhe faltasse proteção; de nossa parte, endereçamos-lhe vibrações de ânimo e coragem.

A reunião durou três longas horas, entre comunicações cansativas e repetitivas sem conteúdo digno de nota.

Os médiuns videntes vislumbravam, fanatizados, o cenário espiritual. Nos minutos finais da interminável reunião, elevamos nosso pensamento em oração. Nossa equipe era composta de trinta companheiros bem experientes e com grande desejo do bem.

Quando nossos pensamentos se uniram vibrando harmoniosamente, o ambiente se iluminou por completo, os adversários perceberam-nos através do contraste das vibrações e, neste momento, um legítimo extraterrestre se apresentou.

Entidade belíssima, daquelas que, por processo evolutivo determinado por Deus a todas as criaturas, alcançou, graças ao esforço próprio, o direito de habitar os mundos ditos ou felizes, tendo feito sua evolução anímica em outro sistema solar.

A entidade abraçou-nos amorosamente num só olhar.

Viera a pedido de nossos superiores e tivera de modificar seu perispírito, revestindo-se da matéria fluídica do nosso mundo, além de densificar o corpo espiritual para o socorro necessário.

Desejava transmitir palavras orientadoras através da mediunidade, mas não havia quem pudesse intermediá-la.

Observando Angelina, a entidade de planos sublimes envolveu delicadamente nossa intérprete, tocou-a com seus pensamentos, acionando-lhe o mecanismo mediúnico e, pela faculdade da psicofonia, começou a falar mais ou menos nestes termos:

— Caros irmãos em Jesus, paz a todos.

É louvável o interesse que nutrem pela salvação da Terra. Isso expressa caridade para com os semelhantes.

Contudo, este desejo não está sendo bem exercitado.

É preciso, de fato, salvar o planeta: da ignorância, da inveja, do orgulho, da vaidade...

E isso se consegue vivendo, praticando o bem.

Assim, como missionários que se consideram, precisam de fato salvar o mundo.

O mundo íntimo de inúmeras crianças órfãs.

O mundo de muitos idosos que se despedaça na solidão.

O mundo dos enfermos que se acaba em dores.

O mundo dos marginais que precisam de alguém que os reconduza à sociedade.

O mundo emocional já acabou para quem sente fome, sede, frio e não tem teto sob o qual morar.

Enquanto esperam as chamadas naves espaciais, o planeta se acaba, não com o avanço tecnológico, mas pela falta de ação no bem, pela falta de fraternidade, pelo muito falar em salvação e o pouco se praticar a caridade.

Entretanto, o planeta não está perdido. Há uma organização superior que mantém a harmonia universal.

E o Senhor da vida revela sua sabedoria respeitando o livre-arbítrio das criaturas, pois sabe que, na grande escola da vida, até do mal tiramos um bem.

Por isso é que esta nova doutrina, à qual vocês se dedicam, precisa ser repensada, pois, se a Terra é uma abençoada escola, se pode ser aproveitada para nosso crescimento, se Deus é imparcial, ama seus filhos igualmente e não há regime de exceção, nem privilégios, por que estaria o Criador querendo retirar deste educandário as criaturas ainda em aprendizado?

Assim, se estão desejosos de ajudar a salvar o mundo, o campo é vasto. Está faltando pegar a charrua e arar a terra. O trabalho cristão se converterá em "espaçonave" que nos conduzirá para o progresso espiritual, após verdadeira caridade e inúmeros testemunhos.

Lembrem-se de que não há amor maior do que doar a vida, trabalhando em benefício dos semelhantes, salvando-os das dificuldades.

Se, por vezes, a sociedade aparenta estar passando por problemas e confusões, geralmente é pela falta de atuação no bem!

É preciso assumirmos o compromisso de cooperarmos com Jesus na transformação moral do planeta, em vez de quereremos abandoná-lo.

Em relação aos cataclismos que vez por outra assolam os seres humanos, não devem ser encarados como descaso do Criador. É a Lei de Destruição funcionando como mecanismo de progresso. Não há morte para o espírito imortal. E, às vezes, pelas situações materiais dolorosas é que a humanidade desperta para as coisas do espírito.

O Senhor da vida nada faz inutilmente. E, à medida que progredimos intelectualmente, a moral forçosamente tende a acompanhar, porque a inteligência reconhecerá a necessidade de convivência pacífica para um mundo melhor, questionará, o porquê e para quê das coisas, encontrando um Deus mantenedor do Universo; e a tecnologia será utilizada para a diminuição destes problemas naturais para a prolongação da vida na Terra, visando a um melhor aproveitamento do espírito, corrigindo as imperfeições da matéria.

Como veem, tudo no Universo é amor e harmonia.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Terminada a comunicação, o Espírito superior se afastou da médium, após ter semeado bom senso.

Os familiares desencarnados de alguns dos presentes, sobretudo Catarina, emocionados, vibravam para que as orientações libertassem as mentes dos participantes.

No campo espiritual, os adversários, diante de tanta luminosidade, tentaram fugir da verdade.

O anjo de luz, num brado de louvor a Deus, enlaçou-os em intensas vibrações de compreensão, piedade e amor.

Ninguém resistiria a tanta bondade; muitos caíram de emoção, choravam quais crianças reencontrando o caminho de volta para casa.

Outros confessavam-se enganados e enganadores. Pudemos, naquele instante, socorrer grande número de alucinados e, o mais importante, os obsessores chefes foram abraçados verdadeiramente pelo nosso desejo de amparar e se renderam às evidências e às nossas amoráveis argumentações.

No plano físico, parte desta cena foi registrada pelos médiuns videntes.

Tivemos à nossa frente um verdadeiro ser de outro planeta caracterizando-se, através de sua linguagem traduzida em conselhos edificantes e atitudes cristãs, como um ser verdadeiramente superior, tendo demonstrado suas qualidades nos moldes da avaliação proposta pelo Codificador.

O mensageiro disse o essencial sem, em nenhum momento, se orgulhar ou relatar seu mundo, suas técnicas, exaltando, contudo, a mensagem cristã, comprovando que, no Universo, reina absolutamente a vontade do Criador; e que, nos revestindo deste ou daquele corpo, neste ou naquele mundo, somos todos

irmãos, filhos de Deus, cujo objetivo é progredir incessantemente rumo à perfeição.

Terminada a agitada assembléia, Angelina foi o foco dos comentários. Diante da mensagem do Espírito amigo e o relato dos médiuns videntes, nossa companheira encontrou reforço para que suas colocações pudessem ser analisadas.

Muitos, no grupo, ficaram assustados, arrependidos, decepcionados, e ouviam atenciosamente nossa representante versando, inspirada por nós, sobre os mecanismos da comunicabilidade dos Espíritos, seus objetivos, riscos, problemas e vantagens à luz do Espiritismo.

— A mediunidade, iniciou Angelina, é uma faculdade humana e natural que nos permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos, ensejando o intercâmbio entre o mundo físico e o espiritual.

Sendo uma faculdade, pode ou não ser utilizada, e acompanha o homem desde os tempos mais remotos. Como mecanismo de progresso, aliada à moralidade no executar das atividades mediúnicas, ela nos enseja inúmeros benefícios: comprovação da imortalidade da alma, contato com entes queridas que retornaram ao Mundo Maior antes de nós, aprendizagem com as orientações dos Espíritos comprovadamente superiores, orientação dos necessitados colhendo-lhes as experiências, além da oportunidade de servir.

Contudo, o Espiritismo é uma doutrina que disciplina este fenômeno, explicando-o com metodologia científica.

O médium, porém, é um intérprete, um porta-voz muito delicado pelo qual os Espíritos agem. Há inúmeros tipos de mediunidade e fenômenos, todos com explicações científicas.

Assim, na condição de uma pessoa comum, convidada para assistir a uma palestra e com a experiência de quem já labora neste campo há anos, é que posso afirmar com lucidez: essas expressões mediúnicas, produzidas por vocês nesta noite, ensejam perigo e fanatismo.

Primeiro: dificilmente o lar oferecerá ambiente tranqüilo e equilibrado para o executar das atividades medianímicas.

Segundo: sem o conhecimento da anatomia mediúnica, ficará difícil para o médium intercambiar com segurança as informações espirituais.

Terceiro: toda e qualquer manifestação dos Espíritos precisará ser analisada racionalmente, rigorosamente, observando a natureza dos Espíritos, seus objetivos, intenções e propósitos.

Quarto: os Espíritos superiores guardam certas características; agem com doçura sobre o médium, são discretos, não fazem promessas, aconselham sempre para o bem, calam-se diante daquilo que não sabem, e entendem que nosso maior desafio é sermos cristãos.

Quinto: a prática mediúnica espírita é exercitada com simplicidade, sem roupas especiais, aparatos, velas, imagens, pedras etc. Nosso contato com Deus se faz em espírito e verdade, conforme ensinou Jesus.

Inúmeros outros fatores compõem esta compreensão da mediunidade, para ser praticada com

equilíbrio; no entanto, é preciso estudar, dissecar as obras básicas da Doutrina, sobretudo O Livro dos Médiuns, que é manual de instrução desta faculdade.

Assim, todos vocês correm perigo!

Tirando um pequeno cartão da bolsa, Angelina continuou:

— Se quiserem, este é o endereço de uma respeitável Instituição Espírita que, organizadamente, lhes poderá esclarecer, pelos chamados cursos de Espiritismo, sobre as questões basilares da Codificação Kardequiana e a comunicabilidade com os seres espirituais.

Lançadas as primeiras informações e após responder a uma série de indagações, nossa colaboradora agradeceu a acolhida, despediu-se dos presentes, dirigindo-se à porta, ganhando a rua, e voltou para casa louvando ao Senhor, em prece, pela oportunidade de aprendizado e orientação.

De nossa parte, sentíamos que agora só restava esperar. Os obsessores foram afastados, os participantes encarnados receberam o esclarecimento adequado às suas necessidades no momento, contavam com Espíritos familiares de boa formação doutrinária e moral. Tudo já estava providenciado, restando aguardar-lhes a decisão, utilizando-se do livre-arbítrio: a aceitação racional de uma doutrina lógica com fé raciocinada, ou a fascinação vaidosa, improdutiva e alucinante.

No plano espiritual, Catarina, a avozinha aflita, guardava a certeza de que o caso estava encerrado. Nós, porém, experimentados nessas ocorrências, antes de comemorarmos, preferimos orar, para que vibrações superiores os ajudassem a discernir corretamente.

Tendo feito o bem no limite de nossas forças, e porque não nos cabia decidir por eles, confiamos à Catarina a tarefa de zelar pelo agrupamento, escalamos outros companheiros para possíveis emergências e nos despedimos, colocando-nos à disposição para as eventuais necessidades.

Um ano depois, recebemos o pedido de ajuda de Catarina, e com presteza, nos apresentamos prevendo antecipadamente os acontecimentos.

Na casa de Augusta, neta de Catarina, a matriarca desencarnada, onde se processavam as reuniões de mediunismo, a situação, agora, era muito pior.

Augusta, "líder" do agrupamento, envolvera-se completamente com a vaidade. Da formação original, poucos se renderam aos esclarecimentos da entidade sublime e às argumentações de Angelina, nosso instrumento encarnado de orientação para aquele caso.

O ambiente retomara, de forma mais intensa, o aspecto desequilibrante; novas entidades obsessoras aproximaram-se do grupo, que não cultivava nada além da vaidade, do desejo de se comunicarem com grandes personagens e altas hierarquias do espaço sideral.

A avó de Augusta, em prantos, nos procurou, dizendo:

— A senhora tinha razão, a questão não estava encerrada, de que adiantaram nossos esforços 1

— Não diga isso, minha irmã, acrescentei acalmando-a, infelizmente os nossos companheiros ainda estão dando maior importância à fama que à vivência discreta do Evangelho. Será um aprendizado dolorido, um caminho de espinhos escolhido por eles; mas não existe mal eterno, mais dia ou menos dia despertarão, mesmo que seja em outras reencarnações! Confiemos no Cristo, fizemos o que estava ao nosso alcance. Foste heroína, demonstraste amor verdadeiro e, por teus méritos, o Senhor haverá de continuar lançando luzes de misericórdia sobre eles e as leis universais aguardarão pacientemente o despertar.

Agora nos compete o afastamento. Haverão de ficar entregues à própria vaidade e assumirão as conseqüências desagradáveis destas ações.

Não nos cabe a imposição das verdades espirituais. Estas devem ser uma conquista da criatura. Compete-nos oferecer o alimento da alma, mas, quem tem de digerir, é a própria pessoa. Quando não somos ouvidos, entendemos que é preciso respeitar o outro dentro da evolução e do entendimento que apresenta.

Não te preocupes, minha irmã, a vida é grande educadora.

Quanto a ti, não poderás mais ficar neste ambiente. Nossos superiores desejam aproveitar-te em trabalhos maiores.

Coragem, vamos! Entreguemos a situação às leis divinas. Não penses que os adversários venceram, não estamos numa guerra, permanecemos na

condição dos que amam e o amor não exige transformação do dia para a noite.

Assim, por amor, é preciso que nos afastemos, para que a liberdade de ação traga a responsabilidade e a reparação no âmbito das experiências humanas.

Não sejamos egoístas e exigentes a ponto de imaginar que o Criador atenderá nossos caprichos pessoais violando a Lei de Causa e Efeito, além da oportunidade de aprendizado entre as criaturas.

A anciã, compreendendo a seriedade do momento, abraçou, com olhar amoroso, triste, porém compreensivo, os que não souberam aproveitar a misericórdia divina.

Recordando todo o trabalho de valorosos tarefeiros, quis desculpar-se, mas foi imediatamente interrompida pelo abraço carinhoso dos membros da nossa equipe, que afirmavam ter cumprido simplesmente com o dever da fraternidade, evitando em Catarina o constrangimento e o sentimento de autopiedade.

Deixamos a residência, profundamente emocionados, cabisbaixos e reflexivos, louvando a Deus com um hino de oração, vislumbrando as estrelas e contemplando a sabedoria das leis universais.

Anos depois, quando promovíamos o socorro de entidades maldosas envolvidas com médiuns internados num hospício, pela própria imprudência no executar das atividades medianímicas, alguém nos tocou o ombro e o abraço afetuoso revelou a presença de Catarina, após longo tempo de separação.

A matriarca de outrora, pela qual desenvolvemos laços de amizade e profundo respeito, compunha o grupo de tarefeiros responsáveis, espiritualmente, pelo hospital, e organizava os socorristas com o dinamismo que lhe é característico.

Catarina introduziu a conversa, dizendo:

— Presto serviços a esta Instituição. Meus superiores me permitiram trabalhar aqui, somente assim posso ficar perto de Augusta.

— O quê? Perguntei interessada.

— Sim, respondeu a anciã, minha neta deixou-se dominar por completo, Augusta enlouqueceu há dez longos anos, conforme temíamos! Está internada aqui, deverá desencarnar hoje ou amanhã, por conta da alteração emocional produzida pela aparição dos adversários. Somente desta forma, desprendida do corpo totalmente, vendo por si a realidade, quem sabe conseguiremos socorrê-la? Estou fortalecida e confiante nos desígnios divinos.

Enquanto falava, conduzimo-nos para o quarto onde nossa paciente agonizava.

Foi impressionante notar o progresso e equilíbrio de Catarina. Todos os enfermos recebiam dela o mesmo tratamento. Entendera, enfim, que ante as leis divinas não há regime de exceção; no mundo, todos somos irmãos, e os nossos familiares se distinguem, por

serem o próximo mais próximo de nós, ligados por laços espirituais de afetividade ou rivalidade.

Em nosso plano, ao redor de Augusta, notavam-se os adversários esperando-a, enquanto ela chegava à triste conclusão de ter sido iludida.

Os psiquiatras atribuíam as expressões de horror às alucinações produzidas pela mente desequilibrada. Augusta, tendo os pés e mãos atados no leito, por conta da exaltação do sistema nervoso, agora descobrira a verdade. Os obsessores riam, faziam chacotas, mostravam a verdadeira face. E identificando os acontecimentos, sentira-se ferida no seu orgulho, tivera uma crise de cólera. Agitara-se excessivamente, gritara enlouquecida querendo aniquilar os Espíritos disformes que lhe apareciam, lançara nos fluidos do ambiente emanções de ódio profundo, até que, no auge da agitação, em estado agudo de descontrole emocional, doses altíssimas de tranquilizantes tiveram de ser ministradas pelas enfermeiras. Mas o coração frágil, apunhalado por ondas eletromagnéticas de profundo rancor e decepção, não agüentou a descoberta da realidade, e um enfarto fulminante retirou-a da carne.

Os fascinadores, ligados a ela magneticamente, foram os primeiros a recepcioná-la, conduzindo-a às regiões infelizes.

Catarina orava com fervor. Abraçamo-nos fortemente numa atitude de apoio, enquanto a cena rasgava-lhe o peito maternal à maneira de lâmina afiada, e dos olhos da anciã brotavam lágrimas silenciosas, queimando-lhe a face numa amargura indefinível.

Enquanto orávamos, rendemo-nos à evidência de que a mediunidade, como maquinismo de espiritualização, quando não utilizada com o rigor da lógica, da razão, da discricção, do bem e do amor a serviço do Cristo, enseja dificuldades das mais variadas.

Mecanismo instituído para o progresso, quando abusado e embebido no vinho sinistro da vaidade, complica a evolução do seu portador, exigindo prestação de contas e reparação.

Não conseguiríamos ali, no leito de "morte", amparar Augusta, por estar colérica e envolvida numa simbiose com os obsessores. Seria preciso aguardar que os ânimos se acalmassem, que essas ligações se enfraquecessem, para proporcionarmos nosso socorro que contaria com o apoio das reuniões de desobsessão, numa complicada tarefa de resgate, coadjuvada pelos companheiros encarnados, considerando que, neste estado de loucura, a recém-desencarnada não conseguiria produzir bons pensamentos para merecer por si mesma o amparo do Mais Alto, além de não nos perceber espiritualmente.

Unimo-nos à forte Catarina e dirigimo-nos às zonas infelizes, integrando a caravana socorrista a fim de, com a misericórdia divina e com os inúmeros méritos da dedicada tarefa, resgatar Augusta na medida do possível e acabar de vez com mais este doloroso episódio de fascinação na mediunidade.

Não penses que os adversários
venceram, não estamos numa
guerra, permanecemos na condição
dos que amam.

A mediunidade a serviço do malfeito

Anoitecia...

Berta retornava para casa após doze horas de trabalhos ininterruptos, em luxuoso condomínio de casas onde prestava serviços domésticos.

Dirigia-se para a favela pensativa, refletindo sobre as injustiças. Por que tantos sofrimentos? Tanta miséria? Por que haveria de passar por tantas dificuldades, desprovida dos recursos básicos?

Além disso, fervilhavam em sua mente idéias de um amor impossível. Afeiçãoara-se ao patrão e, agora, não conseguia ter outro tipo de pensamento senão o de conquistá-lo afetivamente.

Antônia Souto, a patroa, nutria por Berta um sentimento de piedade; jamais poderia imaginar que a empregada cultivasse idéias tão infelizes a seu respeito.

Berta sentia-se incomodada com tudo, desde a cultura até os bens materiais dos seus empregadores. A riqueza daquele lar lhe despertava os mais variados desejos, queria ser um dia a sra. Souto. Desejava seduzir o patrão, guardando na alma a ilusão de ser correspondida amorosamente.

A condução deixou-a nas proximidades da favela. Durante a viagem, arquitetava planos e meios para atingir seus objetivos. Apelaria para o "sobrenatural", consultaria as forças inferiores do mundo invisível, as quais, se bem pagas, poderiam, a seu ver, realizar prodígios. Guardava no peito o desejo ardente das conquistas fáceis.

Após tomar a singela refeição, dirigiu-se ao modesto "templo", localizado nas entranhas da favela onde se promovia o intercâmbio com as forças inferiores.

O barracão era envolvido fluidicamente por espessa nuvem escura, caracterizando as vibrações negativas. O clima místico e sombrio mexia com o psicológico dos consulentes. No chão de terra, velas e riscaduras de pontos ajudavam a impressionar. Imagens grotescas de falsas divindades imprimiam no psiquismo dos presentes medo e admiração.

Às portas da casa mística, entidades tresloucadas faziam a segurança, à maneira de feras selvagens.

O ambiente estava preparado para amedrontar. Berta guardava no coração o anseio de destruição e de desarmonia do lar no qual trabalhava, enquanto lutava para controlar o medo.

Remoendo estes pensamentos, chamou a atenção dos Espíritos daquele ambiente que lhe excitavam a consciência para a realização dos planos inferiores. Ela estava disposta a qualquer coisa. Pensava nas formas "mágicas", desejava dialogar com as meretrizes do além, imaginava que elas fossem portadoras de orientações miraculosas, almejando a poção mítica do amor.

Em pouco tempo, o barracão ficou repleto de pessoas; gente que trazia os mais variados desejos no campo das conquistas materiais. A exploração da mediunidade estava evidente.

Entidades inteligentes, dedicadas à prática do mal, controlavam com o poder do magnetismo hipnótico muitos Espíritos infelizes, sofredores, aterrorizando-os com ameaças enganosas, tolhendo-lhes o livre-arbítrio.

Entidades sensuais buscavam entre os encarnados sensações orgânicas às quais se escravizavam, padecendo sofrimentos terríveis por não se libertarem.

Espíritos maléficos lançavam no ambiente fluidos excitantes, frutos de suas mentes doentias, com o objetivo de estimular os presentes em suas petições, envolvendo-os num clima de perversidade.

Utilizar-se-iam, durante os trabalhos macabros, do ectoplasma de alguns médiuns para produzir pequenos fenômenos de efeitos físicos. Desejavam, com isso, conquistar a confiança dos presentes, embora os efeitos produzidos ficassem no campo do ridículo. Aquelas entidades malévolas teciam teias de cobiça e destruição, envolvendo suas vítimas num emaranhado de mentiras e ilusões.

Não demorou muito para que as luzes se apagassem por completo e velas nas mais variadas cores fossem acesas.

Os médiuns, adentrando o ambiente vestindo roupas místicas e envolventes, posicionavam-se no terreiro, enquanto risos convulsivos iniciavam o ritual

de invocação, clamando deliberadamente pelas forças inferiores.

Nomes de divindades mitológicas foram pronunciados, estremecendo o coração dos encarnados e desencarnados que eram crédulos e invigilantes.

Músicas exóticas, tambores e danças primitivas ajudavam a formar um ambiente psíquico profundamente negativo. Ervas foram queimadas envolvendo a casa numa fumaça entorpecente; bebidas alcoólicas, acompanhadas de alucinógenos, eram distribuídas entre os médiuns, alterando-lhes o estado de consciência.

Embora se utilizassem destes recursos para promover uma espécie de expansão perispiritual, a sintonia com as entidades era realizada através dos pensamentos e dos sentimentos dos medianeiros dedicados à delinqüência das faculdades psíquicas.

Quando os intérpretes das trevas atingiram o entorpecimento mental, as entidades inferiores começaram a envolvê-los intensamente, à maneira de serpentes venenosas destilando, sobre o corpo perispiritual dos médiuns, fluidos profundamente nocivos. Os centros de força, absorvendo as energias deletérias, transmitiam-nas à organização física, causando grandes desequilíbrios biológicos. Eram verdadeiros fantoches nas mãos dos adversários do bem. Desconheciam completamente os princípios da Doutrina Espírita, que ensina seja a mediunidade utilizada somente para o bem e a caridade, sem o uso de qualquer bebida ou ritual para o intercâmbio

espiritual, além do estudo sério da mediunidade e do mediunato com Jesus.

O fanatismo estava presente em toda a sua expressão. As comunicações se davam com gritarias e uivos para confirmar que de fato eles vinham das regiões inferiores.

Qualquer um que tivesse o menor contato com os estudos espíritas, e depois presenciasse estas expressões, sentiria o coração cortado e a alma ferida no tocante à falta de respeito para com a mediunidade, o mau uso das faculdades espirituais e os perigos que médiuns e participantes corriam cultivando a maldade.

Pessoas desequilibradas, e na maioria desesperadas, sem nenhum sentido religioso, procuravam naquelas forças “desconhecidas” solução para os seus problemas.

Aqui, um pedido de emprego com um excelente salário; ali, o desejo de ascensão profissional à custa do desemprego do próximo; acolá, moças aflitas desejando fórmulas abortivas, e muitas outras coisas mais. .

Nos bastidores espirituais, as entidades perversas riam das consultas; sabiam que tudo não passava de um grande teatro, que nem sempre poderiam atender a todos os pedidos, pois que no universo há leis divinas estabelecendo limites de ação.

Berta, a empregada doméstica, observava assustada, porém não poderia recuar agora.

Conduzida pelos trabalhadores encarnados à entidade “principal”, teve de respirar profundamente para não desmaiar. O Espírito comunicante guardava perispiritualmente-forma horripilante: olhos grandes e vermelhos, rosto pálido e expressão medonha, além do olhar astuto e desconfiado; servia-se de um porta-voz que se vestia à moda mítica das entidades malignas criadas pela Igreja Romana. Iniciou o diálogo com uma voz rouca e pavorosa dizendo:

— Veio atrás de quê, minha filha?

Veio procurar as forças das regiões inferiores porque seu Deus não resolve seus problemas, não é?

Casos como o seu são típicos. Nós vamos atender a todos os seus pedidos, temos poderes para isso!

Agora diga, o que é que você deseja de mim? (risos)

Berta, gaguejando, sentindo o coração acelerar, buscava forças para dizer:

Eu... eu... quero... que o senhor... faça com que meu patrão se apaixone por mim, quero ser a dona da casa em que eu trabalho. Já estou farta de tanto trabalhar, de tantas dificuldades financeiras e , se Deus não olha por mim, o senhor haverá de me ajudar.

Neste instante, envolvida completamente pelos adversários espirituais, sentiu-se fortalecida para dizer:

— Morte! Quero que dona Antônia, minha patroa, morra! Eu é que deverei ser a sra. Souto, custe o que custar! E depois, o dr. Souto, estando viúvo, conseguirei conquistá-lo e ninguém jamais saberá quais forças agiram para estas realizações.

— Tem consciência do que está pedindo, disse a entidade das trevas, sabe da gravidade do pedido? Sabe das complicações que isto pode acarretar?

— Mas vocês não são poderosos, não conseguem tudo? Dêem o preço, o que for necessário. Não me importo com as consequências, estou farta de tanta injustiça, Deus não existe!

O Espírito das sombras observou a ingenuidade de Berta, consultou telepaticamente seus comparsas, que já se sentiam estimulados traçando planos para o processo obsessivo e, repentinamente, respondeu:

— O preço é você, queremos que nos sirva de instrumento para nossas manifestações. Nós atenderemos sua solicitação e você nos servirá de canal para nossas comunicações.

Faremos sua iniciação, você terá poderes sobrenaturais, grande capacidade, nada nem ninguém a atingirá. Será tão poderosa quanto nós. Entregue-se aos poderes das Trevas. A Luz exige muito dos que a procuram. Aqui nada lhe será exigido. Com essas capacidades que lhe daremos, poderá conquistar quantos homens quiser. Pense rias riquezas que poderemos lhe proporcionar! O seu futuro está em suas mãos. A decisão é sua. Nós faremos o que prometemos e você se dedicará, de início, uma vez por semana às nossas reuniões.

Berta refletiu superficialmente e, porque estivesse embriagada pela cupidez, respondeu afirmativamente, dando a autorização moral para, a partir daquele instante, iniciar sua desgraça espiritual e complicar a sua vida, além de ser envolvida por uma multidão de Espíritos obsessores.

Terminada a reunião, a empregada deixava o “templo” das Trevas, retornando para casa, guardando a enganosa convicção de que alcançaria seus objetivos.

Os Espíritos infelizes não perderam tempo, começaram a se organizar imediatamente. Seguiram Berta, aguardaram que adormecesse e, desprendida parcialmente do corpo pelo fenômeno do sono, começou a ser envolvida pelos adversários.

No plano espiritual, de frente com as entidades, ela gritava de medo, porque agora estava face a face com elas sem o concurso de um médium, podia vê-las tal como se apresentavam.

O Espírito responsável pela execução das tarefas debochava do pavor da consulente, dirigindo-se a ela nestes termos:

— A partir de hoje, todas as noites vamos solicitar o seu concurso. Pensa que vamos ajudá-la de graça? Suas pretensões maldosas a assemelharam a nós, de forma que seus sentimentos inferiores nos fazem ter ascensão sobre você no campo moral. Neste momento, integrará a equipe dos nossos trabalhadores e conviverá conosco, ajudando-nos no executar de nossas inúmeras atividades.

O protetor espiritual de Berta estava impotente. Há meses tentava retirá-la daquela idéia fixa. Inspirava-lhe bons pensamentos e a incentivava a procurar uma religião, mas a protegida estava irredutível.

Então, numa última tentativa, baixou seu padrão vibratório e apareceu no ambiente dizendo:

— Berta, minha irmã! Atenta para o que estás fazendo, ainda há tempo!

Lembra-te dos compromissos assumidos. Recordate de que saíste do mundo dos espíritos repleta de débitos para saldar. Rememora os tempos das riquezas e da vida sensual, o quanto te complicaste. Agora, estás no capítulo dos testemunhos, resgatando tuas faltas do passado. O trabalho disciplinado te libertará das mazelas espirituais, além de te servir como prova. Não creias que o Criador te esqueceu. Estes Espíritos te oferecem riquezas e glórias, mas são cegos também, cairão todos no buraco da própria ignorância.

Aproveita a vida que Deus te concedeu, valorizando a existência numa atitude digna e honesta. Jesus afirmou que os que sofrem são bem aventurados. Isso se dará se a pessoa sofrer resignadamente, confiando nos desígnios divinos. Não almejes recompensas imediatas, é preciso ter coragem para vencer o mundo.

Não te percas nas dificuldades, não te associes aos que não estão despertos para as verdades do Cristo.

Lembra-te da prece! Estou contigo minha filha, guardo a missão de orientá-la no bom caminho e não desejo falir na minha tarefa.

É teu futuro, filha minha, que está em jogo. Estás te envolvendo numa seita de fanáticos que utilizam a mediunidade, a serviço do malfeito, faculdade sagrada que foi instituída pela sabedoria divina para

proporcionar o bem. Vê que te complicarás ao te consorciarestes com estas criaturas infelizes.

Ouve o pedido dos que te querem bem; não te deixes enganar. O Senhor da vida sabe de todos os teus problemas. Ele é misericordioso, ama-te igualmente. Na Terra, assumiste um compromisso com o próprio progresso, o de suportar resignadamente os efeitos das atitudes pretéritas. Contudo, não te sintas sozinha, tens amigos espirituais que te amam, velam por ti e, se não podemos tirar-te das expiações, está ao nosso alcance fortalecer-te. Reflete que, se suportares resignadamente, progredirás de forma muito satisfatória; ao passo que, se te entregares às inferioridades, haverás de te complicares ainda mais.

Desejamos nos unir a ti, ajudando-te a carregar a própria cruz, mas não podemos carregá-la em teu lugar. A cada um segundo suas obras, é a orientação do Cristo. Nosso amor e a promessa de sustentação estarão sempre contigo, para que venças e retornes vitoriosa à vida maior!

O protetor espiritual silenciou por alguns instantes, enquanto o adversário do bem usou da palavra e disse:

— Não, Berta! Isto tudo é uma farsa!

Nós somos a salvação! Ao nosso lado você estará protegida; dispomos de amigos influentes, pessoas que haverão de abrir os seus caminhos. Para que esperar uma felicidade distante na chamada vida futura, se podemos lhe proporcionar isso agora?

Seu coração guarda inúmeras amarguras. Esses que dizem ser seus amigos espirituais, em verdade,

desejam o seu sofrimento. Jesus é a personificação dos fracos, os fortes não se deixam matar.

Não dê ouvidos a este mensageiro. Veja: ele dispõe de luzes que nunca alcançaremos, são os escolhidos do Senhor. Temos caminhos mais fáceis. Se o preço para alcançar a luminosidade é renúncia e humildade, nós, os fortes, as desprezamos.

Vamos, Berta, ordenou o obsessor, somos os seus verdadeiros protetores.

A empregada, desprendida do corpo, refletia amargurada. Tinha consciência de que o mensageiro da luz estava com a razão, mas a cobiça pela riqueza e a paixão lhe inebriavam o pensamento.

Entre colérica e amargurada, com lágrimas nos olhos, decidiu-se, gritando:

— Não quero mais os sofrimentos do mundo. Se tenho livre-arbítrio, escolho as Trevas. Se a reencamação é um fato, deixarei para recuperar minhas possíveis falhas no futuro.

Colocando-se ao lado dos adversários, acenou para o protetor, ordenando aos berros, seguidos de pranto copioso, que desaparecesse e nunca mais voltasse.

A entidade amiga poderia contra-argumentar, mas seria lançar pérolas aos porcos! Repousou o olhar profundo sobre sua protegida, endereçou-lhe vibrações de amor verdadeiro e, silenciosamente, com olhos marejados e num sofrimento moral indefinível, retirou-se cabisbaixo, respeitando o livre-arbítrio de Berta que, certamente, traria para ela, no

futuro, mais choro e ranger de dentes; a Lei do Retorno nos encontra sempre!

Tendo o Espírito protetor se retirado, o ambiente espiritual foi envolvido por vibrações sombrias. As entidades inferiores abraçaram a mais nova aquisição do mal, conduzindo-a para regiões infelizes.

De madrugada, nossa personagem acordou sentindo-se vazia, estranha, atordoada, trazia leve sensação de torpor. Era o reflexo das energias negativas das quais compartilhara em companhia das entidades malfazejas. Recordara vagamente da vivência espiritual, sem poder definir bem a essência dos acontecimentos.

Preparava-se para a luta diária, tendo a certeza de que, mais dia ou menos dia, o trabalho que encomendara para dona Antônia surtiria efeito.

As entidades trevosas montaram plantão na residência do casal Souto. De início, fizeram um reconhecimento. Ele, advogado brilhante, intelectual, escritor, muito conceituado na sociedade. Ela, professora universitária. Ambos ligados às ciências, às artes, ao intelecto.

As entidades conversavam entre si:

— Esta causa já está ganha. Vejam, são céticos, não acreditam em nada além da matéria, não cultivam nenhuma expressão religiosa, vivem a vida dos sentidos. Isso já facilita setenta por cento o nosso trabalho. Não vamos ter os mensageiros nos atrapalhando. A propósito, eles valorizam tanto a vida material que seus protetores não encontram acesso para intuí-los, acho que já se cansaram e não vão nos incomodar. As luzes do Evangelho não estão acesas

nesta casa, a caridade não convive com eles, e o “amor” está no campo da posse.

Durante algumas semanas, os adversários espirituais conviveram com o casal em questão, verificando os pontos fracos, traçando planos e ataques, concluindo, ao final:

— Muito bem, já temos o perfil de nossas vítimas: egoístas, materialistas e, o mais importante, ciumentos.

Esta será nossa grande arma, o dr. Souto é um poço de ciúmes, além de ser um tanto violento. Já pensaram, confabulava o obsessor, poderíamos induzir a idéia de que dona Antônia troca confidências com outro homem, ele não suportaria; como Berta é fantoche em nossas mãos, poderíamos fazer brotar nela esta idéia e montarmos um flagrante de aparente adultério e um crime passional resolveria nosso caso, deixando para a empregada o caminho livre. Poderíamos todos nos consorciar, Berta seria nosso canal de sensações, envolveríamos os dois nas teias dos vícios e dos desequilíbrios.

E, assim, começaram a trabalhar. Em pouco tempo, o espaço fluídico da casa se transformou. Imagens imitando divindades primitivas foram plasmadas pelos adversários espirituais, uma reunião macabra foi programada, com objetivo de preparar o ambiente com vibrações grotescas, e se processou na sala do casal onde, espiritualmente, entidades infelizes promoviam as mais variadas algazarras.

No dia seguinte, iniciou-se o processo de envolvimento. O casal sem filhos tinha a mente

completamente voltada para o trabalho e os gozos materiais.

Em poucos dias, deixando-se contaminar pela psicofera pestilenta de fluidos, o casal trazia marcas claras de irritação, de alteração emocional causada pelas energias inferiores produzidas pelos Espíritos infelizes.

Dona Antônia atribuía a irritação ao estresse e jamais poderia desconfiar do que se processava espiritualmente.

Enquanto isso, Berta, semanalmente, como havia prometido, visitava o "templo" das trevas, colocando-se à disposição dos adversários.

As entidades, observando nela certas capacidades psíquicas, começaram a "desenvolvê-las" e não demorou para que ela se tornasse intérprete de criaturas inferiores. Em pouco tempo, já estava alucinada, envolvida nos rituais primitivos, exaltando forças que desconhecia e de que não tinha capacidade para se libertar. Tornara-se, definitivamente, escrava dos adversários espirituais.

Neste período, o dr. Souto manifestava peculiar transformação. Envolvido pelas entidades das sombras, não conseguia se dedicar ao trabalho como antes, permanecia lacônico, oprimido e uma desconfiança aguçada de que sua esposa já não era

mais a mesma. De fato, dona Antônia estava em profunda depressão e, tomando o efeito pela causa, (dizia que o estado de espírito pelo qual passava era devido a uma crise no casamento. Procurou os amigos, desabafando:

— O Souto não é mais o mesmo, vive calado. Sempre foi ciumento, mas agora está demais! Não conseguimos nem conversar. As coisas no escritório não andam bem, ele está até um pouco violento.

Os amigos, inspirados pelos protetores do casal, recomendaram-lhes a busca por uma religião, além de um terapeuta de casais.

A primeira opção foi francamente rechaçada, a segunda aceita apenas por hipótese. Para eles, religião era coisa de gente pequena, eram intelectuais e não cultivavam aquelas expressões.

Diante dessas posturas, os obsessores se fortaleciam aproveitando-se da invigilância e da falta de fé dos nossos protagonistas.

Os amigos espirituais dos nossos personagens acompanhavam os acontecimentos inspirando o bem o quanto-podiam, mas, geralmente, não eram "ouvidos". Diante da necessidade de respeito ao livre-arbítrio, aguardaram pacientemente que os protegidos oferecessem sintonia.

Os Espíritos amigos, preocupados, conversavam entre si:

— Veja que abuso, disse um dos protetores, e pensar que toda esta confusão foi causada pela cobiça e, além disso, a mediunidade foi e está sendo o veículo da discórdia, explorada por essas almas doentes.

Quantos no mundo desperdiçam a sublime faculdade! Berta está se complicando muito; ainda na semana passada, pedi aos meus superiores que enviassem ao "templo" das trevas mensageiros espirituais que pudessem orientar os ignorantes que lá trabalham num processo de exploração mediúnica; e qual foi a minha surpresa quando meu pedido foi negado; o instrutor afirmou que inúmeros mensageiros já haviam alertado o agrupamento e nenhuma das orientações espirituais fora aceita; já não são tão ignorantes, têm consciência de que praticam o mal e não querem parar.

Haverão de responder profundamente sobre o mau uso da mediunidade. Mas, se Deus permite que estas coisas se dêem no nosso planeta, é porque ainda somos criaturas que precisamos destas experiências dolorosas para despertar. Por exemplo, se este casal tivesse uma religião qualquer, das que conduzem verdadeiramente ao bem, e praticasse os princípios ensinados por ela, os adversários não conseguiriam envolvê-lo. As ondas mentais negativas seriam diluídas pela fé e confiança em Deus.

Quem sabe, passando por estas dificuldades, despertem!

A mediunidade não é culpada, é simples instrumento que se submete passivamente à moralidade do seu portador.

Os meses passaram, Berta estava impaciente, cultivando dia a dia a idéia fixa de casar-se com o patrão.

De volta ao "templo" das trevas, solicitou urgência nas atividades, desejava ver o trabalho concluído.

O dirigente espiritual de natureza inferior "orientou":

— Olha, minha filha, se você deseja que os trabalhos sejam agilizados, convém fazer um despacho. Você vai comprar o que eu lhe disser e fará as oferendas para nossas divindades às portas da casa onde você trabalha. Lembrete: a hora ideal para este despacho é a meia-noite!

Será o desfecho. Depois disso, tudo vai mudar, a mulher do seu patrão não vai passar do amanhecer, concluiu a entidade.

Os Espíritos que a acompanhavam zombavam de tudo, entendiam que as horas nenhuma influência têm nos acontecimentos espirituais, que as oferendas nada representam espiritualmente. O que é verdadeiro são as ondas mentais negativas direcionadas para suas vítimas. Contudo, os adversários do bem exploravam as credices populares como fator místico e condicionante.

Berta retornou para casa preocupada. Desprovida de recursos financeiros, utilizou-se de todas as suas reservas para comprar os utensílios necessários, chegando a vender alguns poucos móveis.

Pobre Berta! Não percebera, mas já estava completamente alucinada. Não se dava conta, mas se envolvera profundamente com entidades perigosas!

O maior obstáculo a vencer, para a execução do projeto, eram os guardas da portaria do condomínio. Teria de convencê-los a deixá-la ficar após o expediente. Pensou em seduzir um deles e o problema estaria resolvido.

Assim aconteceu. O porteiro, sem saber dos planos de Berta, prometeu segredo e facilitou sua permanência no condomínio, após o expediente, despedindo-se e encerrando seu turno sem maiores questionamentos. A intérprete das sombras escondeu-se entre as árvores espessas do residencial, enquanto a noite avançava.

Próximo do horário combinado, Berta dirigiu-se cautelosamente à residência do casal Souto, que dormia profundamente. Próximo da porta dos fundos, local privilegiado, sem muita luminosidade e voltado para estreita rua erma do condomínio, a doméstica deu início ao estranho ritual. Velas multicoloridas, imagens horripilantes, alguns pratos com pedaços de animais, sacrificados especialmente para a ocasião, formavam o cenário organizado pela empregada.

Preparada a tola encenação, Berta entrou em profunda concentração, clamando mentalmente pelas forças inferiores, estabelecendo sintonia (brecha) com entidades maléficas. As entidades produziam verdadeira algazarra no ambiente espiritual. Outras

mentes espirituais, vibrando na mesma sintonia, foram atraídas perfazendo uma falange de Espíritos trevosos.

As entidades infelizes resolveram zombar da empregada, dizendo um deles:

— E se a ronda aparecesse por aqui? Se pegassem nossa intérprete nesta posição ridícula? Seria engraçado, não é? Ve-la correndo desesperada e ainda tendo de explicar o motivo de estar ali. Já temos o casal em nossas mãos, conseguimos influenciado com facilidade, ela já não é tão necessária, e depois será divertido, concluiu o Espírito perverso.

As mentes espirituais desequilibradas envolveram os guardas que estavam distantes, influenciaram mentalmente o motorista que mudasse de rota, e o vigilante, como que hipnotizado, deixou-se vencer pela sugestão dos adversários espirituais, dirigindo-se vagarosamente para a rua erma que ladeava a casa onde Berta trabalhava.

Quando o carro se aproximou, a empregada foi envolvida mediunicamente pelos adversários e, porque já estava embriagada com as bebidas que comprara para o ritual, não notou a aproximação dos seguranças. Um deles viu um vulto revelado pela luminosidade das velas e pensou fosse um assalto. Desceu às pressas do carro gritando para que o desconhecido se identificasse. Berta, completamente ébria, assustou-se e tentou fugir atemorizada. Ela correu e eles atiraram uma, duas, três vezes e a doméstica caiu quase morta. Os guardas aproximaram-se, tendo certeza de terem pego um assaltante. Um deles, surpreso, a reconhece, levam-

na às portas do flagrante. Os patrões acordaram com os tiros e a gritaria. Ficaram lívidos diante do acontecimento, participando dos minutos finais da doméstica infeliz.

Nos braços dos vigilantes e diante dos objetos materiais do malfeito, numa cena indescritível, Berta lança o olhar para o casal e encontra forças para odiá-los e, antes de conseguir dizer suas últimas palavras de rancor profundo, fecha os olhos para a vida física e é arrancada do corpo pelos adversários espirituais, entre gargalhadas e risos alucinantes.

A serviçal do casal Souto, chegara ao fim da vida física. Quem é que poderia imaginar o final trágico de uma história que teve início na cupidez?

Os protetores dos personagens encarnados lançaram preces sinceras em direção da recém-desencarnada, esperando autorização do Mais Alto para socorrê-la.

Dona Antônia e o dr. Souto, diante da tragédia, se abraçaram mutuamente, sem terem acesso aos bastidores espirituais.

Tomadas as devidas providências nas autoridades competentes, começaram a refletir silenciosamente sobre a vida e a morte, a importância do casamento, a idéia de Deus e, instintivamente, compreenderam que a desarmonia ocorrida entre eles poderia ter sua gênese nos desequilíbrios da empregada.

Os dias correram e o casal, inspirado pelos próprios protetores espirituais, procurou uma religião.

Filiaram-se a um dos vários templos cristãos, aprenderam o poder da prece, valorizaram as coisas espirituais, fortaleceram-se no casamento e se matricularam nos trabalhos assistenciais, angariando, assim, a simpatia de Espíritos superiores que promoveram o afastamento dos adversários espirituais, atraídos pela desencarnada.

Diante de acontecimentos dolorosos, recordamos Kardec: "A melhor forma de afastar os maus Espíritos é atrair os bons" (O Livro dos Médiuns, 2a parte, cap. IX, item 132-13).

Nosso pensamento se voltou para a protagonista deste drama que, utilizando-se do livre-arbítrio, se complicou espiritualmente, tendo, agora, que responder pelas próprias atitudes.

A contratada da família Souto envolveu-se voluntariamente com os adversários do bem, como aqueles imprudentes que, na Terra, se comprometem espontaneamente com bandidos e assassinos, colhendo os frutos da própria invigilância. Berta preferiu aprender pelo caminho mais difícil. E como Deus até do mal tira um bem, por meio destas experiências dolorosas é que o casal despertou para os valores cristãos.

Contudo, a Terra é um mundo de provas e expiações, onde os Espíritos se encontram e reencontram para se reabilitarem entre si e ante as leis universais, onde Deus nos permite agir com liberdade relativa, para que a responsabilidade traga

o aprendizado. E se casos dolorosos como esse ainda acontecem, é porque desta ou daquela forma oferecemos sintonia. Sempre que não valorizamos os princípios éticos do Evangelho de Jesus, nos colocamos à mercê de pessoas encarnadas e desencarnadas que, não tendo alcançado o progresso, ainda tentam burlar as leis divinas em seu próprio benefício, causando escândalos no próprio caminho. Aos que forem surpreendidos por acontecimentos semelhantes sem que os mereçam, as leis divinas prevêm que servirão de prova e testemunho aos alunos matriculados na Terra.

Porém, aqueles que estiverem com o Cristo estarão fortalecidos para suportar qualquer problema. Onde há fé, a discórdia não domina, onde há esperança, a solidão não maltrata, onde há amor, o mal jamais vencerá, e onde houver o Cristo, certa é a proteção e a vitória no porvir. Estes são os verdadeiros antídotos para vencer o malfeito e afastar os adversários do bem!

Do ponto de vista espírita, é lamentável que a mediunidade ainda seja utilizada para o malfeito. O Espiritismo é a doutrina que melhor estudou a faculdade mediúnica, dando-lhe uma finalidade nobre, superior, edificante, elevando-a ao grau de mecanismo de espiritualização humana.

Em *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec, vamos encontrar todos os subsídios para a utilização correta da faculdade mediúnica. O Codificador, comentando

os ensinamentos dos Espíritos superiores, faz inúmeros alertas sobre os perigos da ferramenta mediúnica mal utilizada.

Entretanto, à medida que o progresso avança no planeta, a mediunidade será santificada por todos os medianeiros. Quando a utilizarem a serviço do Cristo, farão da própria vida e das potencialidades psíquicas um verdadeiro mediunato.

Quando utilizarem a mediunidade a serviço do Cristo, farão da própria vida e das potencialidades psíquicas um verdadeiro mediunato.

Caravana do progresso

Em planos superiores, os trabalhadores espirituais aguardavam orientações para as tarefas nas regiões sofredoras.

O benfeitor espiritual, trazendo no semblante paz e alegria, pronunciou as seguintes palavras orientadoras:

— Queridos irmãos em Cristo!

Desejando servir à causa cristã, colocamo-nos à disposição para o amparo necessário às zonas inferiores. Muitas criaturas invigilantes e imprudentes padecem as consequências das próprias atitudes. Entretanto, o Criador estende as mãos paternas que os tirarão do mar de lama criado pela própria consciência.

Não estamos na condição de acusadores, juízes impiedosos, uma vez que, também nós, em nosso passado, dominados pela ignorância, já estagiamos por longo período no reino das sombras. Hoje, encontramos-nos reabilitados espiritualmente após inúmeras reencarnações e incontáveis testemunhos; por isso, compete-nos cumprir as determinações

superiores, nos transformando nos mecanismos que executam as leis divinas, descendo aos planos infelizes, suportando regiões densas, climas fluídicos sufocantes, para que os submersos nas águas abissais dos sofrimentos possam emergir, saindo das sombras em direção da luz.

É certo que os adversários do bem tentarão impedir nossa missão, mas onde fulgura a chama da verdade, a escuridão da ignorância não se faz.

Para que tenhamos êxito em nossa tarefa, haveremos de contar com a ajuda de duas entidades superiores com bastante experiência nesse campo.

Façamos nossa prece de agradecimento, esperando que as mensageiras do progresso se apresentem para a condução desta equipe socorrista.

O mentor, sinceramente envolvido com o objetivo de ajudar, fez oração comovente, levando-nos à mais profunda emoção e, ao terminá-la, quando nossas mentes em silêncio diziam "assim seja", dois focos de luzes se apresentaram, metamorfoseando-se na figura de duas belas senhoras, representando a maturidade do espírito humano.

As entidades, demonstrando intimidade com o serviço, nos abraçaram com estes incentivos:

— Queridos amigos, disse uma delas, estamos a serviço do Cristo e da prosperidade espiritual. É necessário renunciarmos a nós mesmos para ajudar os que padecem. Almejo conduzir as mentes desejosas em crescer para mais uma excursão na carne e, para atingir meu objetivo, adotarei, apenas como simbolismo do progresso, o nome de "reencarnação".

— Eu também, disse a outra entidade, para que trabalhe no anonimato, adotarei igualmente, como símbolo de recuperação e crescimento espiritual, o nome de “mediunidade”. Haveremos, em conjunto, de oferecer os mecanismos necessários aos desejosos em progredir verdadeiramente.

O instrutor, sensibilizado, aproximou-se das servidoras (que, tendo ocultado o próprio nome, exaltavam, por assim dizer, a sabedoria divina, fazendo de si mesmas os mecanismos de ajuda no campo da reencarnação e da mediunidade) e passou-lhes discreto envelope, acrescentando a seguir:

— Eis os nomes. Nesta lista está a relação de uma centena de Espíritos sofredores que a Lei de Progresso deseja sejam especialmente convidados. Isso não significa que outros, desejando a reparação, não sejam igualmente socorridos.

Estamos esperançosos de que os sofredores aceitem nosso desejo de ajudar.' Sigam adiante, emissárias do bem! E que o Pai de misericórdia faça brilhar a luz do Cristo nos corações obscurecidos pela ignorância e pelo sofrimento.

Assim, a caravana do progresso, liderada pela “reencarnação” e pela “mediunidade”, partiu para o vale das sombras como um luzeiro de esperança, levando consigo uma legião de servidores espirituais.

Eis que, aproximando-se das regiões infelizes, a psicofera pouco a pouco se alterava. Os Espíritos amigos não mais se locomoviam com os recursos do pensamento, mas como se estivessem no corpo denso. Mantinham silêncio absoluto e profunda

discrição para não humilhar os necessitados com suas capacidades espirituais.

No vale sombrio, a paisagem era de entristecer. Multidões perambulavam, quais doentes mentais, acorrentadas às lembranças do passado, murmurando palavras, para nós desconexas, mas profundamente significativas ao mundo íntimo de cada um dos habitantes do vale sofredor.

De tempos em tempos, grupos de obsessores passavam por nós e, ao identificarmos, corriam em desespero, avisando aos comparsas sobre a "invasão" da luz.

Percebia-se uma agitação no ar, muitos olhavam a excursão desconfiados e amedrontados. Certos Espíritos tinham o ímpeto de pedir ajuda, mas temiam os adversários do bem que os dominavam.

Alguns gritavam:

— É a reencarnação, fujam! Veio ceifar em nosso campo. Querem nos aprisionar de novo na carne!

Outro dizia, completamente apavorado:

— A mediunidade também veio, eu as reconheço, foram elas que, há décadas, me aprisionaram no corpo físico. Eu não quero a reencarnação muito menos a mediunidade... Senhoras, deixem-nos em paz!

As tarefeiras apiedaram-se da alma torturada e a senhora símbolo das faculdades psíquicas, como que reconhecendo aquela voz enferma, lançou olhar profundo e piedoso ao doente mental, caminhando em sua direção, irradiando ternura e compreensão.

— Juliano? És tu, meu filho? Perguntou a senhora, repleta de esperança.

— Afaste-se de mim! Não quero sua afabilidade, respondeu o perturbado.

A emissária do adiantamento espiritual, profundamente comovida, agradecendo às leis divinas pelo reencontro, abraçou afetuosamente o desventurado, segurou carinhosamente entre as mãos a face do amigo perdido, beijou-lhe ternamente o rosto abatido e cadavérico; e, contendo-se para que a emoção não impedisse o esclarecimento, falou-lhe, de maneira maternal, nestes moldes:

— Juliano, que bom te encontrar! Há muito tenho pedido a Deus me conceda socorreste. Desde que te perdeste no mundo, corrompendo as faculdades espirituais, minha alma sofre.

— Não tenha piedade de mim, disse o desafortunado em lágrimas.

— Como não nos apiedarmos dos que amamos? Quanto te advertimos, lembra? Mas estavas completamente fanatizado e não escutaste a nossa voz.

Esquece o passado, meu querido, o Pai nos permite recuperarmos o tempo perdido, ouve a voz da própria consciência, despertando-te para o porvir. Foi a amizade, o amor que nos une que vibrou em ti. Ainda me lembro de exercitaste nos primeiros anos de ensaios psicográficos. Recorda como nos emocionamos? Tinha de ditar mensagens singelas, esperando teu amadurecimento doutrinário. Antes de te conceder tarefas maiores, foi preciso observaste as realizações sinceras, o estudo do Espiritismo, avaliando-te os propósitos desinteressados, o desejo do bem, para que pudéssemos investir em ti,

guardando segurança de que não te desviarias do caminho da humildade e da discrição; mas te perdeste sorvendo o cálice amargo da vaidade, vangloriando-te do verbo fácil, inspirado por nós, que te permitia emocionar assembleias; te envolveste com cultos estranhos, “magias”, entidades inferiores que te enganaram oferecendo falsas riquezas e glórias no mundo material, o que não aconteceu! E, surpreendido pela morte, o que encontraste aqui, do outro lado, foi um cenário bem diferente!

Desejando ajudá-lo, a “mediunidade” acionou, com raios mentais, o perispírito do necessitado, promovendo-lhe uma visão panorâmica dos principais acontecimentos da sua vida.

— O que está acontecendo? Perguntou o ex-médium.

— Estamos rememorando o teu passado para que verifiques que a justiça divina não foi ingrata contigo.

E o necessitado viu, em sua tela mental, cenas que revelavam comércio, abuso e desrespeito para com as capacidades espirituais.

O sofredor, envolto nos braços suaves da anciã do progresso, emitindo voz entrecortada pela emoção, tendo o rosto banhado em lágrimas, envergonhado e sem poder negar as evidências, clamou misericórdia, pedindo:

— Senhora, dê-me nova oportunidade, diga que vai me acompanhar como outrora, que vou poder contar com as bênçãos das faculdades de intercâmbio para a minha recuperação e crescimento, que iluminará os meus passos como fez nas noites tristes de minha última existência!

Diga que me perdoou, que minhas palavras mesquinhas não a atingiram, que estará novamente comigo! Não me abandone, minha irmã, desejo progredir...

— Sim, filho meu, respondeu a mensageira, Jesus haverá de nos conceder esta alegria, entretanto, será necessário que recordes os princípios do Espiritismo, que te dediques ao estudo e à prática do bem sem esperar nada em troca.

— Haverá de recordar todos estes princípios, de estudar com profundidade a terceira revelação de curar os enfermos, palestrar como antes, esclarecendo as mentes necessitadas, intermediar os Espíritos superiores, rendendo as glórias de tudo isso a Deus.

Nesse momento, a "reencarnação" se aproximou, interrompem do os minutos de emoção, tomando a palavra e esclarecendo o infortunado:

— Juliano, Juliano!

Não compreendeste, ainda, as leis universais? Certamente renascerás médium, mas não com as capacidades de antes. Enterraste tuas faculdades espirituais, utilizando-as egoisticamente; complicaste a própria situação, não valorizaste o verbo, não respeitaste as intuições, não seguiste os ensinamentos superiores que intermediaste, te perdeste sem multiplicar os talentos que o Senhor te concedeu.

Nesta nova oportunidade, terás a sensibilidade aumentada para socorrer os Espíritos necessitados, terás de ser muito disciplinado para lidar com os sofrimentos alheios, tua mediunidade será de trabalho, mesmo! Quando desejares abandonar a

tarefa, tua sensibilidade natural te impulsionará ao Centro Espírita, onde, com apoio dos encarnados e desencarnados, e, em serviço cristão despretensioso, encontrarás o equilíbrio para que continues caminhando, impedindo-te, naturalmente, de te perderes de novo. Não terás a facilidade do verbo, renascerás na mais absoluta pobreza; isso será necessário, visto que as tuas promessas de riqueza levaram muitos à ruína; tua fluência verbal enganou muitas criaturas; e, se desejas progredir, haverás de agarrar esta oportunidade com todas as tuas forças! Não te faltará o apoio necessário, confia em Deus e em ti mesmo, estamos todos trabalhando para o teu crescimento espiritual.

Juliano, profundamente decepcionado consigo mesmo, mas estimulado pelas servidoras do bem, entregou-se aos companheiros socorristas traçando planos para o futuro, recebendo o abraço afetuoso da “mediunidade”, comprometendo-se com a própria evolução.

O trabalho continuava.

A servidora da pluralidade das existências, pegou a lista e começou a chamar os nomes:

- Maria das Graças!
- Não temos ninguém com este nome, diziam os zombeteiros.

Fora os eleitos do Senhor! Afastem-se de nós, este reino nos pertence, fora os intrusos! Fora!

— Calem-se! Gritou uma mulher visivelmente transtornada. Não preciso de defensores. Quem é que me chama? Perguntou a infeliz, lançando risos de desprezo.

— O Senhor é quem te chama, respondeu a tarefa ira. Somos apenas instrumentos da bondade divina. Desejamos ajudar-te, os benfeitores julgam que já é hora de começar a escalar as colinas das próprias imperfeições.

A convidada, surpreendendo a todos, curvou os joelhos, lançou-se ao solo cobrindo o rosto com as mãos enquanto gritava, chorando:

— Eu não sou digna desta ajuda, deixem-me em paz! Vocês não sabem o que eu fiz, sou uma assassina, e minha condenação é ficar neste inferno eternamente; nosso sacerdote já traçou a sentença e me proibiu de engajar-me em qualquer tentativa de redenção!

— Acalma-te, és filha de Deus, disse a “reencarnação”, não estás condenada eternamente; o inferno em que te confinaste foi produzido pela tua consciência. Chega de remontar ao passado, o Criador te oferece nova oportunidade, quantas forem necessárias até que atinjas a perfeição. Estou aqui para te servir, haverei de conduzir-te à vida material e ajudar-te na senda do progresso. Deixa o que passou, estende a tua mão, concede a ti mesma uma chance. Se me aceitares, promoverei o esquecimento de tua existência anterior, para que mergulhes na carne sem o destrutivo sentimento da culpa, até que, restabelecendo-te com aqueles que desviaste do caminho, espiritualizando-te e fortalecendo-te,

estejas em condição de administrar tuas lembranças sem que te perturbes. Já colaborei com o reequilíbrio de criaturas muito mais complicadas, histórias dolorosas, que encontraram na justiça e misericórdia divinas um “final” feliz, o adiantamento espiritual.

Os que chegam à Terra pelas minhas mãos têm objetivos bem definidos, tais como: contribuir na obra da criação, passar por provas e expiar erros passados, evoluindo sempre.

No retorno ao planeta, não te faltará o amparo necessário. Tudo o que for preciso para o teu crescimento espiritual será providenciado. Não te preocupes com os outros, assume o compromisso contigo mesma, apoia-te no Senhor da vida e a vida te revelará a bondade divina.

Maria das Graças, encorajada pelos mecanismos do progresso, aceitou a verdade e deu o primeiro passo para a própria liberdade, sendo recolhida pelos trabalhadores espirituais.

Quando os demais nomes foram pronunciados, a equipe se dedicou profundamente ao amparo, garimpado-os nas regiões sofridas, convidando-os, dialogando longamente, argumentando com amor e fraternidade, conseguindo, finalmente, após esforços inenarráveis, socorrer vários Espíritos cujos nomes estavam na lista.

Entretanto, muitos outros não aceitaram o convite, permanecendo nas regiões sofredoras, o que não desanimou a equipe de incansáveis tarefeiros.

À medida que os necessitados eram organizados pelos cooperadores espirituais, as' senhoras do progresso observavam o último nome. Era Vicente, um ex-sacerdote da Igreja Romana. Sem que precisassem chamá-lo, ele mesmo se apresentou:

— Eu sou Vicente, procuram por mim também?! Exijo libertem os meus, não têm o direito de arrebatá-los de mim.

O vigário, completamente perturbado, continuou:

— Eu os trouxe um por um. São todos falidos no mundo, cumpro a justiça divina, sou o diretor deste local e não admito sejam levados daqui.

O pontífice trazia consigo uma falange de obsessores prontos para atacar, desejavam aniquilar a equipe socorrista.

— Afastem-se, sou um homem de Deus, tenho o título de pastor, de intermediário entre o Criador e as criaturas, e por isso posso julgá-las.

Os tarefeiros do bem compreenderam-lhe a mente profundamente perturbada. Entretanto, a "reencarnação", enternecida, endereçou-lhe estas palavras:

— Meu amigo, servimos ao mesmo Deus. Contudo, a imagem de divindade que trazes no pensamento está profundamente distorcida: reténs a idéia de um deus vaidoso, preocupado com cultos exteriores; teus títulos teológicos de nada valem aqui, somente possui valor a autoridade moral, a qual infelizmente não conquistaste. Dos ensinamentos do Cristo,

amar aos semelhantes, perdoar os inimigos, fazer o que estiver ao nosso alcance para a felicidade alheia são os mais importantes.

Estás embriagado pela vaidade, não encontraste o céu que esperavas e, agora, desejas exteriorizar tua decepção dominando os fracos e sofredores .

Tu também sofres e não desejas admitir. Acusaste inúmeras pessoas de adorarem o demônio, mas esqueceste que o próprio Cristo sofreu acusações análogas. Onde vem tua autoridade de acusação se o Mestre, ao qual segues, ensinou que "com a mesma medida com que medires serás medido"?

Como sabes, estás parado no tempo. Não ignoras que a Igreja, na qual serviste, já progrediu consideravelmente. Hoje, não há mais inquisição, as manifestações espirituais eclodem no mundo inteiro num verdadeiro pentecostes e o Espiritismo já esta no mundo, esclarecendo e disciplinando as capacidades espirituais dos seres humanos. O destino da humanidade é a iluminação, e não podes ignorar as evidências. Lembra-te: contra fatos não há argumentos. Basta de tantas lutas, chega de tanta revolta, a hora é da verdade!

A entidade adversária estava colérica. Aos gritos congregou a falange de Espíritos obsessores. Os adversários da luz formaram verdadeiro muro vivo diante das benfeitoras, aguardando as ordens do pároco.

A "reencarnação", agindo com a sabedoria dos representantes do Senhor, continuou intrépida:

— Recorda-te, meu irmão, das palavras do Cristo: “O reino dos céus é conquistado pela força e são os que se esforçam que o têm conquistado”.

É preciso que te esforces no bem, que libertes estes sofredores, sabes que não adianta fugir, a verdade é sempre a verdade e, se não te renderes às evidências, haveremos de retornar amanhã e depois... e depois... até que te conscientizes ou, então, até que as leis divinas te conduzam compulsoriamente ao renascimento, objetivando teu progresso.

— Nunca! Respondeu o adversário.

Não vamos deixar que nos envolvam! Bradou o mandante das tradições romanas, incitando a turba de fanáticos.

— Vamos atacar! Gritou o coordenador das trevas conclamando os obsessores à batalha.

O ambiente estava tenso, uma guerra seria travada se algo não fosse feito. Parte da grande equipe de emissários do bem se reuniu junto às responsáveis pela caravana. Enquanto os trabalhadores das trevas cultivavam sentimentos inferiores, tais como a revolta e a violência, os mensageiros da luz mantinham profunda compaixão.

Observando que não cederiam às argumentações das realidades espirituais e temendo fosse o trabalho prejudicado, as mensageiras uniram-se em oração.

Irradiamos o que podíamos no campo do amor e da compreensão e, num instante, a “noite” se fez dia, as enviadas do Alto se transfiguraram, unindo-se em vibrações excelsas.

Os adversários ficaram cegos, fugiram diante da luz da verdade, o exército das sombras se desfez e o ex-sacerdote foi imobilizado magneticamente.

— Será Maria santíssima acompanhada dos seus anjos? Veio finalmente dar-me as glórias dos céus, levar-me ao trono celeste junto de Nosso Senhor? Perguntou o eclesiástico lunático.

— Não, meu amigo, esclareceu a “reencarnação”, não se trata de Maria, terás de caminhar muito para merecer a presença desse Espírito adiantado, ainda nós não temos méritos para conviver tão de perto com a mãe de Jesus, trata-se apenas da verdade e contra ela nada podemos.

Completamente espantado, Vicente perdeu a voz; permanecia petrificado, enquanto ondas fluídicas de compreensão e paz invadiam-lhe a alma.

A “mediunidade”, valorizando o tempo, aproximou-se de Vicente. Dos olhos do desafortunado vertiam lágrimas discretas, controladas ainda pelo orgulho ferido e, sem desejar humilhá-lo, a preposta das faculdades psíquicas tocou-lhe carinhosamente a fronte, adormecendo-o, por assim dizer, conduzindo-o aos círculos da carne para que o contato mediúnico e a observação do Movimento Espírita pudessem ajudá-lo a compreender a nova realidade.

Muitos dos convertidos que aguardavam a condução para as instituições refazedoras do mundo

espiritual choravam de alegria. A verdade mais uma vez venceu! A luz dissipou as trevas!

A "reencarnação", depois de ajudar a "mediunidade" a encaminhar Vicente ao trabalho de intercâmbio espiritual, juntou-se aos necessitados, abraçando-os um a um, incentivando-os à vitória no porvir.

E após 24 horas de trabalhos ininterruptos, nas regiões inferiores, a caravana do progresso retornou ao Mais Alto louvando a Deus.

Rompemos, assim, a neblina escura e densa, que caracteriza os círculos infelizes, vislumbramos o céu, contemplando o sol; rendemos graças ao Criador pela reencarnação e pela mediunidade, como mecanismos de aperfeiçoamento espiritual, concluindo, com os olhos perdidos no infinito, como numa prece silenciosa, que a perfeição é o destino de todos nós...

Rendemos graças ao Criador pela reencarnação e pela mediunidade, como mecanismos de aperfeiçoamento espiritual. A perfeição é o destino de todos nós...

A visita de Bezerra

Estávamos nos primeiros minutos da madrugada. O Centro Espírita, no seu aspecto físico, permanecia em silêncio.

No plano espiritual, porém, a Casa mantinha intenso trânsito de trabalho.

Equipes socorristas se mobilizavam para os atendimentos aos necessitados. Inúmeros confrades encarnados continuavam as tarefas, desdobrados do corpo. Grupos de médiuns reuniam-se para o prosseguimento do labor com a mediunidade. Os passistas atuavam intensamente, dando continuidade à assistência espiritual, atendendo centenas de pessoas dos dois planos da vida. Os entrevistadores também prestavam serviços a encarnados e desencarnados. Todos os cooperadores, organizadamente, doavam-se com amor.

Cerca de três horas depois, quando as atividades se concluía, grande parte dos trabalhadores dirigiu-se ao amplo salão de palestras.

Aguardávamos Bezerra de Menezes que, numa de suas visitas, faria breve exposição de estímulo aos tarefeiros do bem. O local estava repleto, todos

queríamos ouvir o benfeitor. Alguns encarnados, emancipados parcialmente do corpo, perguntavam:

— Onde está Bezerra?

Esperavam encontrar o missionário elegantemente trajado, sendo escoltado por um exército de luz, distante do povo. Contudo, o apóstolo do bem saiu serenamente de uma das salas do Centro, confundindo-se com os trabalhadores anônimos e, acompanhado pelo mentor da Instituição, assumiu discretamente seu lugar na tribuna, enquanto transmitia as últimas orientações para os casos de obsessão que, em trabalho, acabara de atender.

Instantes depois, os Espíritos de Gustavo, o fundador do Centro, e de Eurípedes Barsanulfo surgiram no corredor, amparando, nos braços caridosos, desventurado suicida que acabavam de resgatar das regiões sofredoras. Encaminhado o Espírito infeliz, os nobres servidores tomaram lugar à mesa, apresentando-se rigorosamente no horário marcado.

Alguns, que observaram a chegada desses vultos do Espiritismo, emocionaram-se. Esperavam encontrá-los em grande posição de comando, aguardavam uma entrada solene, com música, aplausos, exaltando-os pelo bem que fizeram à humanidade. Entretanto, os respeitáveis tarefeiros, de fato, estavam revestidos de grandes responsabilidades, mas comandavam o socorro espiritual com o próprio exemplo, rendendo a Deus os méritos de qualquer realização, cultivando humildade plena.

Após a prece de início, Bezerra levantou-se, envolvendo-nos docemente nestas palavras:

— Queridos irmãos, Jesus nos abençoe e concedamos sempre a oportunidade de servir.

Estamos às portas do século XXI e, mais do que nunca, é preciso continuarmos com a divulgação espírita através da nossa vivência.

Este Centro, nesses mais de sessenta anos de trabalhos edificantes, tem merecido, do Mais Alto, proteção e incentivo. Contudo, ainda precisamos trabalhar muito para a concretização da programação espiritual desta Casa. É preciso lembrar que, sem o apoio de todos, sem o concurso sincero dos trabalhadores, sem o ideal nobilitante, a obra dificilmente sobreviverá.

Somos pequeninos servidores de Jesus e o título que desejamos é o de simples tarefeiros comprometidos com o ideal espírita.

É verdade que a Casa tem crescido muito, que os verdadeiros idealistas são poucos, que os necessitados aumentam e as dificuldades se multiplicam. Mas do Cristo partem mensageiros que nos sustentam e nos apoiam, para a edificação do bem.

Se Deus tem nos permitido este crescimento, é pelo cumprimento verdadeiro e sério da programação espiritual deste Centro, que tem raízes profundas na espiritualidade e que carrega n'alma o compromisso com a pureza doutrinária. A prática da caridade, porém, é a conseqüência natural da mente esclarecida pelos postulados espíritas.

Sabemos que não é fácil conduzir um barco destas proporções, ainda mais sobre as águas turvas da sociedade atual, com ondas constantes de violência,

fome, guerras, desemprego etc. Mas não podemos desanimar. O mundo é de provas e expiações e compete-nos acalmarmos as tempestades do comportamento humano com a palavra e a vivência do Cristianismo.

Na Terra, os que trabalham no bem não estão livres das provas e expiações, não estarão isentos das investidas das sombras, entretanto, estarão fortalecidos pelos Espíritos do Senhor e haverão de suportar e vencer.

Assim, caminhemos cultivando a mais absoluta humildade para que somente o Cristo apareça.

Todos temos um compromisso com a Casa mas, sobretudo, com a Causa; perseveremos, portanto, unidos, sem abandonar as tarefas, afastando os melindres e nos convertendo em pequeninos servos cumprindo simplesmente os desígnios do eterno Pai.

O “Kardec” brasileiro calou-se, respirou profundamente como a agradecer aos céus a oportunidade. Retirou do bolso um pequeno envelope e, passando a carta a Gustavo, anunciou:

— Temos aqui a mensagem de um dos grandes tarefeiros, um dos dedicados divulgadores do Espiritismo em terras, brasileiras, trata-se de Cairbar Schutel, que, por meio desta, envia palavras de esperança, as quais vamos ouvir na voz. do querido companheiro Gustavo.

Gustavo levantou-se, saudando-nos com simplicidade, lendo, em seguida, o recado fraterno do bandeirante do Espiritismo.

"Caros Irmãos!

Desejamos falar-lhes com amor e idealismo.

Este Centro avança. As bases Kardequianas continuam sendo respeitadas sem nenhuma mescla, atendendo à programação espiritual; e pelo esforço, acrescido do trabalho de todos, Jesus percorre, diariamente, os corredores desta Instituição através das atitudes humanas. Desta forma, estamos apenas enviando singela mensagem de estímulo e apoio diante destes anos todos de trabalhos edificantes.

Assim, ante os testemunhos, confiança em Deus.

Ante os adversários espirituais, conduta cristã.

Ante os companheiros desequilibrados, misericórdia.

No trabalho espírita, disciplina e tolerância.

Avancemos! Jesus precisa vibrar em nós, a fim de nos tornarmos criaturas melhores.

Nossa contribuição deve ser a do trabalhador que labora sem dar trabalho, exaltando a bondade divina, aprimorando nossa disposição de servir. Se esta Casa continuar honrando os ensinamentos superiores com o mesmo idealismo com que, há seis décadas, vem iluminando a humanidade, nunca faltarão amparo e oportunidade de cooperação. Estejamos, portanto, unidos no estudo constante, na pureza doutrinária e na caridade, atuando em conjunto sempre!"

Terminada a leitura, dos olhos de Gustavo vertiam lágrimas discretas, recordando, talvez, os companheiros queridos que continuam o trabalho na Terra. Sentimo-nos estimulados e enlaçados por Cairbar Schutel.

Refletíamos profundamente em torno das considerações do apóstolo de Matão, quando o mentor da Casa solicitou a Eurípedes Barsanulfo que fizesse a prece de encerramento das atividades da madrugada.

O médium de Sacramento, firme e vivaz, de olhos lúcidos e brilhantes, contemplou-nos como se quisesse nos abraçar, elevou o olhar iluminado, à semelhança de quem busca inspiração, pronunciando, segundos depois, esta inesquecível oração:

— Somente a ti, Senhor, nos cabe agradecer!

Tu nos deste a vida, amor, conduzindo-nos sempre ao progresso.

Diante das nossas lutas, provas e expiações, o Centro Espírita é um verdadeiro oásis, onde bebemos a água do Evangelho de Jesus. E por isso que te rogamos:

Concede aos trabalhadores encarnados, ânimo e desejo de servir cada vez mais. Faze com que os cooperadores de qualquer área ou função tragam,

cravados no peito, os ensinamentos do Cristo. Permite que Kardec vibre na alma de cada um de nós, mostrando-nos o caminho da redenção, apontando para Jesus.

Ajuda aos confrades queridos que, militando na carne, estejam provando e expiando; não te pedimos que os retire das experiências ou das reparações, mas que os fortaleça, a fim de que, quando no capítulo dos testemunhos, sejam capazes de glorificar o teu nome.

Bem sabemos, Pai, o quanto a vida, na Terra, exige de renúncia e sacrifício dos que desejam caminhar no bem; que não faltem, aos companheiros em jornada terrena, a esperança e a coragem para a edificação do teu reino no planeta.

Senhor da vida, nós te suplicamos:

Enquanto permanecermos do lado de cá, concede-nos estarmos junto daqueles que, no mundo, lutam e continuam carregando o estandarte do Espiritismo no coração, testemunhando o Cristianismo. Dá-nos, sempre, a oportunidade de ampará-los quando em dificuldades, de compartilharmos de seus momentos de dores, conquistas e alegrias espirituais para juntos rendermos graças a ti.

Por fim, Senhor, queremos render-te glórias, porque te encontramos em todas as partes, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, no esplendor da natureza conclamando-nos à perfeição.

Abençoa, Pai, este celeiro de luz, este hospital-escola, esta Universidade do Espírito, para que o trabalho no teu campo seja perpetuado por todos aqueles que o Espiritismo te revelar.

Somos teus servos e te suplicamos, não nos afastes do trabalho redentor, e que a luz do Evangelho jamais se apague nesta Casa!

Terminada a prece, nosso coração, silenciosamente, dizia "assim seja". Estávamos mergulhados em sublimes vibrações. Indescritível a emoção empregada nestas palavras. Espíritos superiores foram atraídos pela oração de Eurípedes Barsanulfo, iluminando e enchendo de bênçãos aquele Centro Espírita.

Chorávamos, agradecendo a Deus pelo trabalho e aprendizado, quando, instintivamente, exaltando a fraternidade, nos abraçamos uns aos outros, desejando paz, alegria e perseverança nas atividades do Centro.

Passada a emoção mais forte, procuramos com o olhar os benfeitores, a fim de buscarmos convivência mais, íntima, e fomos surpreendidos ao encontrá-los em intensas atividades de organização, auxílio e socorro ao grande número de necessitados atendidos pela Casa, demonstrando que, acima de tudo, é preciso honrar, louvar e agradecer a Deus em verdadeiro e ininterrupto trabalho cristão.

Acima de tudo, é preciso honrar,
louvar e agradecer a Deus em
verdadeiro e ininterrupto trabalho
cristão.

Mediunidade desviada

João Victor contava vinte e uma primaveras. Na flor da juventude, a mediunidade desabrochou, prometendo trabalho e reabilitação no campo moral.

Incentivado pelos amigos mais caros, sob as mais sublimes inspirações, Victor dirigiu-se a respeitável Instituição Espírita, onde as primeiras noções doutrinárias revelaram-lhe as realidades espirituais, matriculando-se, tempos depois, de forma equilibrada no serviço mediúnico.

Durante alguns anos, o trabalho sério de atendimento aos necessitados foi coroado pelo anonimato e pelo estímulo discreto dos dirigentes. Nada de sensacionalismo, nada de ilusões; disciplina e seriedade absoluta garantiam a proteção espiritual do médium que laborava satisfatoriamente no campo do bem.

Contudo, quando estava em plena atividade medianímica, produzindo luzes de esclarecimento e amor, entidades maléficas procuraram-no, desejando

impedir o trabalho de benemerência que o conduziria ao próprio progresso.

João Victor estava diante dos adversários do passado que lhe desejavam aniquilar as disposições mediúnicas. Almejavam tirá-lo do caminho sério e verdadeiro, conduzindo-o à sensualidade. Envolvido pelas entidades, o médium sentia-se vazio e deprimido, não conseguindo saber o que de fato acontecia. Os malfeitores espirituais agiam ocultamente, cuidadosamente e, à semelhança de invasores invisíveis, povoavam, pouco a pouco, a mente do medianeiro com pensamentos estranhos.

Era a Lei de Ação e Reação solicitando o reajuste. A justiça divina caminha lado a lado com a misericórdia, e o Senhor nos permite enfrentar as conseqüências de nosso pretérito culposos, somente quando temos condições de suportar e vencer.

João Victor, ontem, estava na pele de médico mercenário, explorando os santos recursos da medicina em seu próprio benefício.

Entre os seus perseguidores, estavam os abortados de outrora; os que receberam medicamentos intencionalmente equivocados, sendo assassinados; os que ficaram paralisados, loucos, deformados, sob a custódia de interesses familiares e heranças volumosas, das quais João Victor era sempre beneficiado.

Entretanto, o médium estava pronto para a inexorável tarefa de reparação, de reabilitação com os inimigos, e neste caso só havia um jeito: suportar pacientemente, resignadamente, as investidas dos adversários, trabalhando incessantemente no campo do bem, demonstrando, pelo próprio comportamento, sua transformação moral.

Os inimigos, porém, eram muito bem preparados, organizaram-se cuidadosamente, instituíram verdadeiras equipes de detetives espirituais para encontrar o médium; conheciam-lhe as vibrações e, mais dia ou menos dia, num universo de ondas e fluidos, haveriam de se reencontrar. E sob a permissão da lei divina, que objetiva a reparação dos erros entre as criaturas humanas, João Victor recebia, agora, a visita das suas vítimas convertidas em perseguidores cruéis.

Tendo a mediunidade como um dos mecanismos de reparação, sua sensibilidade se afinava com os fluidos de Espíritos enfermos, desequilibrados mentais etc.

A medida que o ex-médico intermediava as almas doentes, recompunha aos poucos, com renúncia e dedicação, as atrocidades do passado,, angariando, certa proteção espiritual, convertendo-se em médico de almas, trocando a mesa cirúrgica pela mesa mediúnica, substituindo o título passageiro de doutor pela função anônima de médium-socorrista.

Seu protetor, bem como seu guia mediúnico, sabiam dos dias difíceis e das horas de aflições pelas quais haveria de passar, mas não podiam interferir no processo de reabilitação.

O ex-médico estava sendo amparado moralmente, fora prevenido pelos benfeitores espirituais; por meio das mensagens gerais, falaram da necessidade de vigilância e oração, do estudo da Codificação e da coragem para vencer as provas e expiações. Espiritualmente, as entidades amigas que, particularmente, se interessavam pelo médium, o incentivavam e o protegiam sem ultrapassar o limite da Lei de Causa e Efeito.

O intérprete dos Espíritos, diante das várias orientações, guardou-as no coração, sem acreditar que, ele mesmo, pudesse ser a vítima; afinal, pensava ele, diante de alguns anos de prática mediúnica, sentia-se fortalecido e poderia, portanto, voar com as próprias asas, desvencilhando-se, por si próprio, das eventuais investidas das sombras.

Os dias corriam e a mente de João Victor continuava receber do idéias estranhas:

— Você precisa constituir família, não deve se dedicar tanto à religião, diziam os perseguidores espirituais.

Claro que o casamento é bênção divina, mas não estava na programação do médium; ele próprio havia solicitado, na vida do infinito, o celibato, para que pudesse se dedicar inteiramente à tarefa redentora; contudo, aquelas infiltrações mexiam intensamente com seu íntimo.

Vieram, então, os “amigos” do mundo, aconselhando e incentivando-o a dar vazão às forças sexuais da alma; diziam, seduzindo-o, ser preciso experimentar os prazeres sexuais até encontrar a pessoa certa.

O médium, no campo das reparações, cedeu, acreditando ser realmente necessário passar pelas experiências sugeridas pelos colegas.

Os amigos espirituais se mobilizaram, inspirando-o para a moderação, conclamando-o à tarefa, advertindo-o no momento do sono, conduzindo-o à convivência com pessoas verdadeiramente esclarecidas; mas os adversários do bem o conheciam profundamente, valiam-se de suas tendências, envolvendo-o no campo das emoções.

Assim, tempos depois, João Victor, exercendo o livre-arbítrio, banalizava as forças criadoras, tornando-se escravo do sexo desvairado.

No campo da mediunidade, seu psiquismo começava a ser abalado, suas capacidades de concentração se modificaram, não conseguia mais sintonizar com esferas superiores com a facilidade de antes.

Enquanto isso, os perseguidores de João Victor conspiravam contra ele:

— Nosso momento está chegando, haveremos de destruído em pouco tempo. Nossa vingança será, enfim, alcançada. Veremos o sanguinolento morrer! Haveremos de recepcioná-lo deste lado, prontos para torturá-lo; haverá de sentir nossa chibata, haveremos de triturá-lo, como fez com muitos de nós nas clínicas

abortivas, impedindo-nos o nascimento no mundo. Nosso objetivo será escravizá-lo e somente o conseguiremos explorando suas fraquezas.

O médium, de fato, caíra em grande desregramento. No trabalho com a mediunidade, não produzia satisfatoriamente. Os orientadores espirituais já haviam feito o possível para despertá-lo, mas o porta-voz entregava-se aos mais variados delírios no campo do sexo, destruindo-lhe a capacidade de sintonia espiritual superior, uma vez que deixou de cultivar boas atitudes.

Sentia-se, dia a dia, mais fraco e distante dos benfeitores espirituais, enquanto os adversários do bem lhe ocupavam completamente os pensamentos. Afastou-se definitivamente do trabalho mediúnico bem equilibrado, abandonando os amigos encarnados que o orientavam acerca da mediunidade com Jesus. Entregara-se completamente à vida sensual. Pessoas desequilibradas se aproximaram envolvendo-o em cultos estranhos. Agora, cultivava a mediunidade de forma bem diferente das orientações kardequianas. Buscava com as forças psíquicas angariar a confiança alheia, comercializando suas capacidades espirituais, atraindo para si Espíritos mercenários. Desta forma, o médium perdia a natural proteção espiritual de que todos os intermediários sérios e caridosos dispõem. João Victor se desviava do caminho.

Assim, homens inescrupulosos aproximaram-se do desviado, envolvendo-o nos mais perigosos elogios, exaltando suas capacidades mediúnicas, mexendo com o ego de João, desviando-o do Espiritismo com estas palavras:

— João Victor, meu amigo, você não pode mais perder tempo! Allan Kardec está ultrapassado, a Doutrina Espírita com idéias sobre Deus, Lei de Causa e Efeito, reencarnação, amor ao próximo, isso tudo não existe. Jesus foi fraco, viveu há dois mil anos e nem se importa conosco, permanece muito ocupado. Eu conheço um lugar interessante, onde você poderá ficar rico, onde não exigem compromisso, esforço moral, muito menos estudo. Temos mestres que estudam por nós, que nos falam do futuro, fecham o nosso corpo, sem contar que você poderá ser um executivo, um homem de negócios, além de desenvolver infinitamente suas capacidades sexuais. Estas idéias de trabalhar no anonimato com discrição, tolerando, atendendo a Espíritos doentes, isso tudo é muito trabalhoso e não leva a nada. Venha conosco, você vai gostar!

O intérprete desviado lembrou-se fugazmente das aulas de Espiritismo, dos amigos espirituais, mas estava completamente fascinado pelas promessas de riqueza e sexualidade. Esqueceu-se do compromisso assumido com o próprio crescimento espiritual, mergulhando nos mais variados cultos de "magia negra".

João Victor contava, agora, com 30 anos; transformara-se, fisicamente, num homem maduro,

mas suas tendências ainda eram muito fortes; trazia resquícios de sua reencarnação passada, na qual viveu em grande desregramento moral.

Na vida social, possuía pequeno comércio, que almejava, um dia, transformar em grande rede de lojas, com ajuda do "sobrenatural". Havia esquecido todos os conceitos espíritas, convivia com a superstição e a crença cega, aboliu completamente a análise das informações espirituais que vinham por seu intermédio e de outros intérpretes da espiritualidade inferior.

Comercializando suas capacidades espirituais para o mal, nosso personagem era bem remunerado, mas os Espíritos mercenários, que não admitiam ser explorados, envolviam-no com pensamentos sensuais, levando-o, pela boêmia, a gastar todo o dinheiro arrecadado.

Nos bastidores espirituais, os obsessores diziam:

— Haveremos de conduzir o infeliz para grande cilada! O médico assassino já é nosso! Enfim, a vingança!

João estava sendo envolvido em terrível conspiração que o levaria à morte: seus novos amigos encarnados eram membros de alucinante seita das trevas, cujo objetivo era seduzir e angariar pessoas imprudentes para sacrifícios humanos em rituais macabros.

Os Espíritos amigos se mobilizavam preocupados, intuíram os companheiros de equipe no Centro

Espírita, no qual João Victor aprendera as bênçãos do Espiritismo, para procurá-lo. No grupo, “de repente”, um dos membros lembrou-se do amigo perdido, citou o seu nome e instantaneamente todos se recordaram e procuraram saber notícias. Encontraram o médium em seu estabelecimento comercial, completamente transformado. Sua loja não progredia, seus vizinhos tinham-no na conta de feiticeiro e, materialmente, já beirava a falência.

Os amigos espíritas apresentaram-se, abraçando-o fortemente; os adversários, quando viram a casa de João Victor ser envolvida pela luz da amizade e fraternidade, imediatamente investiram contra a equipe fraterna, gritando palavras ofensivas, emanando fluidos negativos; mas os companheiros encarnados estavam vibrando em outra sintonia, sentiram o contraste, mas não se envolveram fluidicamente, além de contarem com uma equipe de Espíritos superiores.

Um dos companheiros iniciou a conversa:

— João Victor, estamos preocupados contigo! O que aconteceu, meu irmão! Há anos nos abandonou. Temos sentido a tua falta!

O médium, diante daqueles olhares bondosos, das vibrações fraternas, começou a chorar compulsivamente. Eram os amigos espirituais tocando-lhe a alma e o coração, abraçando-o sinceramente, desejando despertar o pupilo, salvando-o da morte certa.

Os amigos, compadecidos, acalmaram-no e João Victor contou toda a sua história, seus desejos,

sonhos, dificuldades e sofrimentos, argumentando ter sido esquecido por Jesus.

O protetor do médium aproximou-se do responsável pela excursão, envolveu-o com seus melhores pensamentos e disse, através dele, as seguintes palavras, num extraordinário fenômeno de psicofonia intuitiva:

— Companheiro, isso não é verdade! Estavas trabalhando no bem, seguias um caminho justo, contavas com respeitável proteção espiritual, contudo te envolvereste com os próprios adversários, cedendo às tentações.

Todos já erramos no mundo, por isso estamos de volta, para construirmos o caminho da felicidade, mas para isso é preciso consertar os buracos provocados pela nossa incúria na grande estrada da vida. As crateras, produzidas por ti enquanto caminhavas, prejudicaram outros que percorriam o mesmo caminho, agora é preciso pavimentar e prosseguir viagem.

Sabes das leis divinas, estudaste as noções básicas da Doutrina; somos teus amigos, podes contar com nosso apoio, não queremos ser os donos da verdade, mas diante dos fatos, olhando-te, podemos afirmar que te desviaste do caminho certo, da bondade, da humildade. Nós podemos te ajudar. Primeiro fecharás este comércio; nós te arrumaremos um emprego no limite de nossas forças, mudarás de residência, hospedando-te, por algum tempo, em minha própria casa, abandonarás teus amigos lunáticos e retomas tuas atividades doutrinárias. O que achas?

O médium quase não acreditava no que acontecia, jamais poderia imaginar que os companheiros de outrora nutriam tamanho carinho por ele. Tocado nos sentimentos mais íntimos, e envolvido pelos instrutores espirituais, entregou-se às evidências, baixando as portas da loja, abandonando a periferia da cidade e a seita das trevas, para retomar o caminho do próprio progresso.

Semanas depois, o medianeiro estava transformado, sentia-se como que uma enorme pedra houvesse sido retirada de sua cabeça.

As leis divinas concediam-lhe uma trégua, sob a intervenção dos amigos espirituais, mas estes não podiam retirar as expiações e provações do medianeiro. Assim, alguns meses depois, os adversários retornaram irados. Além dos inimigos do passado, João Victor se complicou mais porque se comprometeu com Espíritos mercenários. Os seus adversários espirituais agora tinham um nome: Legião, porque eram muitos. Somente uma grande renúncia e uma forte vontade para a transformação moral poderiam libertá-lo; entretanto, estava decidido a vencer. Tivera demonstração de carinho por parte dos amigos encarnados, todo o apoio do Centro Espírita, fraternidade caridade absolutas modificaram completamente os sentimentos de João Victor. E, numa das reuniões de intercâmbio, um Espírito amigo se pronunciou através da mediunidade

de um dos companheiros do grupo, endereçando-lhe estas palavras:

— *Querido João Victor!*

Eis que a mediunidade te foi concedida para reparares os erros do passado; saíste do mundo espiritual cheio de planos e promessas de reabilitação; tiveste uma infância livre das perseguições espirituais porque te protegemos o quanto possível, aguardando o teu fortalecimento físico e mental para que pudesses enfrentar a expiação; as leis divinas sempre exigem reparação e, quando estavas em condições de trabalhar em teu próprio benefício, permitimos aos teus adversários te encontrar. Não penses, contudo, que Deus te castiga, não imagines estares condenado ao sofrimento eterno, não advogues a causa falsa de que a mediunidade te trouxe perturbação; nada disso é verdade. O Pai, que tudo sabe e a todos ama, nos permite o retorno à carne para aprender, progredir e recompor, com o bem, o mal que, porventura, tenhamos praticado nos tempos de antanho. Desta forma, teus adversários de outrora, quando te dedicavas aos abortos e assassinatos, às torturas e deformações dos corpos alheios, haverão de investir contra ti, e somente a tua transformação moral poderá te retirar das faixas vibratórias que lhes permitem encontrar-te. De nossa parte, poderemos apenas sustentar-te para o bem, mas tu mesmo és quem precisará enfrentar as conseqüências das próprias atitudes. Portanto, vigilância e oração; suporta resignadamente, deixa as idéias de riqueza e

sexo de lado, isso tudo é passageiro e não devemos nos escravizar.

Certamente passarás por dias de angústias e desilusões, mas nós, os teus guias, te sustentaremos, seremos os cireneos do teu caminho. Sofreremos contigo, se for preciso, mas não poderemos fazer isso em teu lugar. Por isso, meu irmão, coragem; porque, passando pelo calvário, criado por ti mesmo no passado, suportando a crucificação fluídica dos adversários, sepultando o homem velho que ainda vive em ti, haverás de ressurgir de forma luminosa em plena glória espiritual diante de ti mesmo, reabilitando-te espiritualmente, vencendo-te primeiramente e compreendendo, por fim, que os que te perseguem estão cegos pela ignorância. E tua alma sofrida e reabilitada converterá, diante dos testemunhos, os teus adversários, que se arrependem quando ouvirem de ti: Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem. Claro que não estamos te comparando ou te colocando à altura do Cristo; nosso Mestre sofreu para ensinar a humanidade, e nós ainda não atingimos o estágio sublime do sacrifício em benefício alheio. Permanecendo em nosso egocentrismo, ainda sofremos por nossos próprios erros, pelo desvio do caminho do bem que exige reparação sempre; sabes o quão distante estás do Mestre, por isso que estamos apontando-te o caminho seguro para tua verdadeira libertação. Sê corajoso, filho, a vitória só depende de ti.

O benfeitor afastou-se do médium que, minutos depois, informava a presença dos adversários de João Victor, solicitando aos tarefeiros serenidade e absoluta confiança em Deus.

Os protetores espirituais permitiram a entrada de muitos obsessores que, um a um, eram atendidos pelos médiuns, com exceção da mediunidade de João, que permanecia isolado pelos amigos espirituais.

Um dos adversários, o coordenador do movimento contra João Victor, manifestou-se aos gritos, dando trabalho ao médium que o intermediava, sendo preciso usar a disciplina mediúnica e a caridade para filtrar o nome de João Victor, impedindo, assim, o natural constrangimento que o Espírito desejava causar:

— Maldito seja! Ele teve é sorte!

Vocês não vão nos derrubar, estamos imantados a ele como uma serpente, um réptil grande e venenoso esperando para dar o bote. Uma serpente, ouviram bem? Uma serpente cruel, que haverá de destilar veneno mortal em sua vítima.

Foi capaz de me retirar do ventre materno, me assassinou cruelmente, não me deu chance de defesa, maldito!

Agora estarei enrolado nele, esperando o momento oportuno.

E porque o Espírito estivesse completamente alucinado, desferindo poderosas ondas mentais sobre si mesmo, mentalizando-se como uma víbora, seu corpo perispiritual, atendendo ao comando da mente desequilibrada, sofreu alteração molecular, por assim

dizer, assemelhando-se a enorme serpente com traços humanos, num fenômeno similar ao da zoantropia. O adversário afogava-se na própria fala, contaminava-se no próprio ódio e, porque não seria possível o diálogo, o esclarecedor encarnado limitou-se a orar com fervor, pedindo aos instrutores espirituais afastassem o irmão que se demorava nas teias das próprias imperfeições.

Após o socorro, os médiuns recompunham-se equilibradamente, o mentor fez as considerações finais, incentivando o grupo ao trabalho e motivando João Victor, com palavras evangélicas, à tarefa redentora.

O tempo passava, o médium de volta ao campo do bem prosseguia em silêncio, encontrando no Espiritismo, nos amigos e no Centro Espírita, forças para continuar caminhando.

No recomeço, tinha pesadelos terríveis, em que uma grande cobra com face humana o perseguia, enrolando-se em seu corpo; acordava assustado, mas entendia que aquilo eram os lembretes para sua vigilância e dedicação no campo do bem. Suportou com paciência os adversários, inscreveu-se em obras de caridade, edificou campanhas contra o aborto, ajudou mães carentes a cuidarem dos filhos, sacrificou os finais de semana engajando-se nos

grupos de visitação a enfermos, consagrou os feriados em benefício das criaturas necessitadas, trabalhou no anonimato absoluto e, pouco a pouco, se reabilitava espiritualmente, saindo da faixa vibratória dos adversários.

Enquanto João Victor se anulava, crescia espiritualmente e, certa vez, na reunião de intercâmbio espiritual, quando já estava no inverno da existência, um dos médiuns se pronunciou:

— Vejo em nosso ambiente um Espírito serpentiforme; os amigos espirituais permitiram sua entrada para que seja socorrido, solicito dos companheiros ajuda no campo das vibrações para intermediar esta criatura enferma.

A entidade, gravemente desequilibrada, monitorada, porém, pelos Espíritos amigos, sentindo-se de fato um r ptil, aproximou-se como a serpear em torno do médium e, porque fosse bastante inferior, enrolou-se, por assim dizer, no corpo perispiritual do medianeiro socorrista, iniciando a comunicação com estas palavras:

— Chega de sofrimento, eu não aguento mais; não consigo retomar minha condição humana!

O que fizeram comigo? Eu não mereço este castigo, eu sou vítima, que Deus   este? Onde a justiça, alguém me ajude! Me ajude!

Clamando em lágrimas, atraiu a atenção do dialogador que, envolvido pelo instrutor espiritual, iniciou o diálogo:

— Paz em nossa alma!

— Paz? Eu nem sei o que é isso! Só tenho desespero! Estou louco, não consigo andar, s 

rastejo, socorro! Eu queria vingança, mas aquele a quem eu persigo desapareceu! Sempre que penso nele vejo um clarão de luz! E eu permaneço em trevas!

João lembrou-se dos sonhos com uma grande cobra e que, agora, não lhe ocorriam já há alguns anos, mas não ligou os fatos, não identificou nenhuma relação, afinal, já estava acostumado a suportar as dificuldades e entendeu que todos os necessitados precisam de sinceras vibrações; começou, então, a irradiar amorosamente em benefício da entidade pensando: Pai, perdoa-lhe porque não sabe o que faz!

O Espírito recebeu o pensamento como um raio de luz, identificando a figura de João. Os amigos espirituais projetaram, para o Espírito comunicante, cenas em que o ex-médico atendia com carinho os enfermos, laborava nas campanhas contra o aborto, dedicando-se em inúmeras outras tarefas. Compreendeu, enfim, que o seu perseguido havia se modificado e, diante das vibrações que partiam do peito de João Victor, a entidade disse:

— Perdão?! É de que eu estou precisando... que alguém me perdoe, estou cansado de fazer o mal, me perco no caminho!

O dialogador, entendendo a complexidade do caso e a necessidade de recomposição perispiritual, utilizou-se da sugestão, para modificar-lhe o pensamento, dizendo-lhe:

— Todos somos carentes de perdão, e aquele que se arrepende verdadeiramente produz festa no céu!

Entretanto, meu irmão, você não é uma serpente, você é filho de Deus, lembra dos anos da tua infância... a entidade interrompeu o diálogo dizendo:

— Eu não tive infância, me impediram de nascer.

— Não, meu irmão, continuou o dialogador, talvez lhe tenham impedido de renascer. Não sabe que temos várias vidas? Você se apegou a uma mágoa destrutiva.

E utilizando-se da regressão da memória, sob ajuda espiritual, o dialogador lançou estas palavras:

— Vamos clamar aos nossos amigos espirituais que te permitam ver o passado.

O instrutor espiritual aproximou-se da entidade, tocou-a perispiritualmente, permitindo que pudesse ver, em sua própria tela mental, os anos remotos de uma de suas existências.

— Eu vejo, disse o Espírito, mas estou tão diferente...

— Não se preocupe, interrompeu o dialogador, o que importa é que você já teve várias reencarnações, terá novas oportunidades, veja braços, pernas, tronco... lembre as vezes em que você podia caminhar com naturalidade...

Tendo renovado seus pensamentos e sentimentos com ajuda da espiritualidade superior, o Espírito, pouco a pouco, se modificava; o perispírito readquiria, sob o comando da própria entidade, a forma humana. O obsessor chorava intensamente, os membros da reunião emocionaram-se, as entidades amigas adormeceram-no, conduzindo-o para as regiões de socorro espiritual onde concluiriam a assistência.

O médium retornou do transe e, instantes depois, um dos amigos espirituais se dirigiu a João Victor dizendo-lhe:

—. Meu amigo, venceste!

Teus obsessores acabaram de se render; estás livre das perseguições espirituais, tua vivência evangélica te libertou.

João Victor chorava de alegria, agradecendo a Deus pelos anos de sacrifício e renúncia; e também à admirável Lei de Causa e Efeito que permite a extraordinária oportunidade da reparação do mal com o bem, além do progresso moral.

O ex-médico que, um dia, se desviou da mediunidade com Jesus, achou a trilha de volta, livrando-se das perseguições espirituais com a própria transformação moral, fazendo das capacidades psíquicas, um mediunato de luz, apontando, para si mesmo e para os outros, o caminho da redenção.

A justiça divina caminha lado a lado com a misericórdia, e o Senhor nos permite enfrentar as conseqüências de nosso pretérito culposos, somente quando temos condições de suportar e vencer.

Mediunato

Joaquim Ribeiro, abnegado mentor espiritual, abraçara o compromisso de ajudar os desafortunados. Visitava periodicamente as regiões sofredoras, conclamando as almas necessitadas de reajuste para a reabilitação no caminho do bem. Dedicado servidor, jamais desanimava; para todos enviava palavras de esperança e esclarecimento. Afabilidade e ternura abençoavam-lhe o trabalho repleto de luz e desprendimento. Entretanto, aguardava o dia em que a providência divina lhe permitiria o retorno à Terra para, ao lado dos irmãos em humanidade, irradiar as doces palavras do Evangelho, contribuindo para a transformação do planeta.

Certa vez, quando laborava na tarefa de amparo e socorro, deparou-se com um grupo de Espíritos bastante renitentes e endurecidos. Caberia convidá-los para a reencarnação ofertando valiosa ferramenta de trabalho, a faculdade mediúnica.

O mentor, assessorado por dedicada equipe de cooperadores espirituais, reuniu a pequena multidão, encheu-se de ânimo e começou a palestra com estas palavras:

— Caros amigos!

Eis que o progresso nos conclama para o retorno à carne para a continuidade de nossa espiritualização. Os que estão nesta zona de dores e sofrimentos devem deixar o personalismo e buscar a iluminação através dos próprios esforços, despojando-se dos sentimentos inferiores; aqui, crimes hediondos, ali, exploração das criaturas humanas, acolá, obsessores cruéis. O momento é de pensar no futuro', a hora é de recomeço e o Senhor da vida oferece a reencarnação como abençoada oportunidade de reparação, aprendizado, progresso e grande possibilidade de vitória no porvir.

Nosso desejo é que todos os presentes, padecentes dos mais variados sofrimentos, nas mais diversas torturas morais, compreendam a gravidade do momento. Estamos programando a volta dos que estão preparados para a recomposição de si mesmos, os desejosos em abandonar o homem velho e construir o homem novo. E, para isso, a lei divina concederá um valioso maquinismo de ajuda, para o processo de recomposição e aprendizado.

A faculdade mediúnica é valiosa ferramenta de espiritualização humana. Os que aceitarem o trabalho, neste campo, terão a sublime oportunidade de servir à causa cristã. É preciso, no âmbito das reparações, esquecermos de nós mesmos, pensando no bem-estar do outro, sairmos do casulo do egoísmo e da vaidade, abrindo as asas para a própria libertação, que deve ser a consequência de uma vivência evangélica.

Um dos Espíritos, habitante do plano inferior, interrompeu à fala do mentor, protestando, de maneira mordaz, nestes termos:

— A mediunidade nos dará a possibilidade de aparecermos socialmente? Poderemos utilizá-la para interesses financeiros? Será concedida a nós a capacidade de lotar auditórios com nossos recursos psíquicos? Poderemos, publicamente, dar testemunho de Vidência, audição mediúnica e de uma série de outros fenômenos? Teremos, como mentores, grandes personalidades da história? Nossos nomes ficarão para sempre na mente das criaturas humanas, nos livros de pesquisas, nos tratados das ciências do paranormal? Por acaso seremos exaltados como missionários? Seremos? Seremos?

O Espírito amigo, compadecendo-se de tanto orgulho, sarcasmo e vaidade, explicou:

— Não, meu irmão!

Sabes da impossibilidade das tuas colocações. Ninguém conquista planos superiores tendo no coração a presunção e nas palavras a ironia ferina. A mediunidade é sempre mecanismo que deve ser aplicado em benefício das pessoas necessitadas, gratuitamente, como ensinou Jesus. O médium deverá, para a vitória de sua tarefa, trabalhar na mais absoluta discrição, a fim de que a vaidade não lhe destrua a oportunidade de trabalho; quanto à divulgação dos nomes, lembremos o Mestre Nazareno: “Que a mão esquerda não saiba o que dá a direita”. Devemos nos ocultar exaltando, em

trabalho, o Messias de Deus. Agindo dessa forma, alcançaremos tesouros na vida espiritual.

Neste instante, o emissário do amor foi novamente interrompido pelo Espírito revoltado que bradava no ambiente estas palavras:

— Então, não queremos tua oferta, desprezamos a mediunidade que nos ofereces. Odeio o anonimato, quero a notoriedade!

Retorna tu à Terra! Pára de indicar o caminho da redenção aos outros e per corra-o primeiramente! Já que irradias tamanha benemerência, por que não te matriculas nos círculos da carne e trabalhas com a mediunidade no mais completo anonimato? Tu não és superior ainda, nem luzes vemos em torno de ti. Trilha o caminho que nos apontas, dá-nos o exemplo. Cristo morreu por nós; e tu, renascerás por nós?

Sua fala provocou risos na multidão e logo a gritaria se fez. Parecia um bando de suínos presos na pocilga dos pensamentos insanos.

— Não queremos a mediunidade, esbravejavam alguns. Abaixo a faculdade mediúnica, diziam outros, num barulho ensurdecador, envolvendo-nos a todos em terríveis vibrações.

Joaquim Ribeiro, o emissário da luz, com olhos lacrimosos, lamentava a rejeição do convite, compadecendo-se da ignorância, sentindo fluidicamente a animosidade que partia deles, pelo simples fato de terem sido conclamados para o crescimento espiritual. Os sofredores deveriam estar em festa pela oportunidade do resgate!

Diante do tumulto provocado por alguns agitadores espirituais, o orientador do progresso deu ordem

enérgica solicitando silêncio, atraindo a atenção da assembleia que se calou de imediato.

O sublime tarefeiro colocou-se em posição onde todos pudessem vê-lo e ouvi-lo, iniciando sua fala com estas colocações:

— Caros Irmãos!

Nosso desejo é o do companheiro que almeja ajudar com amor os que se desviaram do caminho: Não nos sentimos superiores nem perfeitos, entretanto, queremos crescer juntos, ajudando-os no que for possível. Contudo, o amor divino nos solicita fraternidade e ensino pelos próprios exemplos. Desta forma, desejando auxiliá-los imensamente, eis que diante de todos anuncio: retornarei, brevemente, à Terra. Trabalharei com a mediunidade, socorrerei Espíritos necessitados, trilharei os caminhos de espinhos, se necessário for, para que, outros irmãos possam verificar que não há amor maior do que dar a própria vida pelo semelhante.

Após o anúncio, do peito do benfeitor partiram luzes de amor e compreensão, que envolveram a assembleia nas mais profundas vibrações. Neste ínterim, muitos conversavam entre si:

— Não acredito!

Ele retornará ao planeta?! Que coragem! Que capacidade!

— Está realmente testemunhando, mostrando que os superiores, além de amar sinceramente, não

indicam apenas o caminho para os desventurados, mas, sobretudo, os ajudam a... caminhar!

Verificando que nada mais poderia ser feito para estimulá-los à reencarnação, o mentor colocou-se em prece pronunciando, emocionado, esta oração:

— *Pai!*

Quantas vezes desejamos acolher como filhos os irmãos que se desviaram na jornada! Quantas vezes almejamos retirá-los da ignorância e fracassamos!

Perdoa as falhas deste pequeno servidor e, já que meu empreendimento faliu e não consigo ser útil a estes que o Senhor me confiou, permite-me o retorno à Terra onde, certamente, terei mais chance de servir, onde, provavelmente, encontrarei os desejosos de uma palavra amiga, os que precisam de um afago, um diálogo, ou, então, aqueles a quem poderei falar da minha dor por não conseguir tocar o coração daqueles que tanto prezo. Perdoa-me se ainda trago comigo certas imperfeições impedindo o Teu trabalho e desculpa-me, ainda, as lágrimas que embargam minha voz neste momento sublime e respeitoso em que me dirijo a Ti! Gostaria que minha missão fosse bem sucedida, mas penso ser preciso retornar ao mundo, sofrer com os necessitados, para desenvolver a sensibilidade das palavras, a fim de conseguir tocar o coração dos meus irmãos.

Assim, Senhor, por acréscimo de misericórdia, lança Teu olhar para este servo infeliz e concede-me a mediunidade para que meu exemplo, numa vivência

essencialmente cristã, possa demonstrar que a faculdade mediúnica não é capacidade punitiva, não é castigo, mas, sim, bênçãos de trabalho e auto-iluminação.

Se me permitires o renascimento na esfera terrestre, faze com que minha vida seja materialmente pobre. Entretanto, que do meu próprio trabalho possa retirar o básico e necessário para minha sobrevivência, possibilitando-me o testemunho e aperfeiçoamento no campo do espírito, evitando, assim, o orgulho e a vaidade que me poderiam retirar da senda da verdade.

Concede que minha alma encontre a razão da minha vida no socorro aos necessitados, semeando amor e consolo, cumprindo Teus sagrados desígnios, segundo os quais o mais forte, em qualquer campo, deve ajudar o mais fraco.

Permite, por caridade, ter o Espiritismo como força esclarecedora e disciplinadora das minhas possíveis capacidades medianímicas, facilitando-me o trabalho. Concede, ainda, encontrar-me com pessoas lúcidas doutrinariamente, para me apoiarem e incentivarem ao estudo constante da Doutrina dos Espíritos e à prática ininterrupta da caridade. Que não me sobre tempo para o lazer, que tenha a mediunidade como esposa e companheira de caminhada. No meu caso, desejo cultivar o celibato, a fim de ocupar todo o meu tempo com a Boa Nova na Terra, acolhendo como filhos queridos todos os que se me apresentarem corroídos pelos mais diversos sofrimentos. Sublimarei as forças sexuais da alma, trabalhando com amor em benefício da humanidade, disciplinando

equilibradamente os instintos que a carne, providencialmente, lega à espécie humana, canalizando as energias genésicas para o labor no campo do bem. Farei das potencialidades espirituais, que porventura me concederes, um farol alimentado por Jesus e direcionado para os encarnados e desencarnados, iluminando-os e amparando-os com o sagrado intercâmbio entre as duas realidades da vida.

Numa vivência essencialmente cristã, a faculdade mediúnica não é capacidade punitiva, não é castigo, mas, sim, bênçãos de trabalho e auto-iluminação.

Mediunidade suspensa

João Pires era um médium "reclamão".

Entre uma conversa e outra, dizia sempre: -

— Há cinco anos realizei os cursos básicos de Espiritismo e me descobri médium.

A Doutrina Espirita ensina que a mediunidade é oportunidade de redenção espiritual, contudo não me sinto feliz. Agora tenho de vigiar e orar muito, sinto-me sensível demais. Quando alguém, que não está bem espiritualmente, se aproxima de mim, capto os seus desequilíbrios; isto acontece em casa, no trabalho, no lazer.

Os dirigentes dizem que preciso exercitar a educação mediúnica, sintonizando com esferas superiores e vencendo esses naturais obstáculos dos primeiros anos de consolidação na mediunidade. Afirmam que, somente assim, no trabalho sério e verdadeiro, discreto e anônimo, os Espíritos superiores me darão a necessária retaguarda.

Acontece que eu não quero mais ser médium. Esperava entrar em contato com grandes personagens da história, intermediar familiares já desencarnados, num correio comprobatório da imortalidade da alma, quem sabe contribuir no campo da arte mediúnica, mas nada disso aconteceu. Para que, então, tanto esforço?

Tenho me privado das coisas do mundo para atrair a atenção dos bons Espíritos, mas parece que não me enxergam. Gostaria de dizer-lhes que não desejo mais a mediunidade. É verdade que o Centro Espírita nunca me obrigou ao desenvolvimento das capacidades psíquicas, mas, também, não me perguntou se eu as desejava; quando percebi, já estava mergulhado nos exercícios mediúnicos, sentindo coisas que agora não consigo fazer sumir de mim. Hoje, tenho uma antena que insiste em captar Espíritos perturbados.

Os dirigentes estimularam-me ao bem, à caridade, mas o fato é que estou cansado da faculdade medianímica!

Durante meses, João despejava, nos amigos, os seus argumentos repetitivos. Por mais que recebesse dos companheiros experientes orientações carinhosas, permanecia revoltado.

Um dia, quando estava num dos seus ataques de mau humor mediúnico, um Espírito amigo lhe apareceu.

— Que o Senhor te abençoe, João, disse o benfeitor.

O médium estava paralisado, enfim a oportunidade de se queixar com a pessoa certa. E, antes que a entidade pudesse falar, Pires começou a protestar:

— Já era tempo de alguém ouvir as minhas reclamações! Por favor, o senhor poderia fazer com que minha mediunidade desaparecesse? Eu quero ter

uma vida normal, quero voltar a ser uma pessoa comum.

O Espírito amigo, mantendo grave expressão no olhar, disse-lhe:

— Meu irmão, a mediunidade não lhe tira a oportunidade de uma vida normal. Porventura não tens estudado a Codificação? É preciso viver no mundo sem ser mundano.

Se há necessidade de certa renúncia, é apenas em relação aos excessos, e o esforço numa vida digna e honesta. Porém, quanto mais renunciares, maiores serão os méritos.

Tuas reclamações não têm justificativas sólidas. Apoiam-se na preguiça em promover a transformação moral. Reténs a ilusão de que mediunidade é sinônimo de fama, quando, em verdade, revela disciplina e trabalho árduo de anos a fio. Tens necessidade de provas e expiações, e a mediunidade é a ferramenta que te impedirá o envolvimento com os problemas do mundo. Enquanto tua mente está ocupada com o estudo e a prática do bem, teus valores morais haverão de se consolidar na caridade. Cada um possui o que é preciso para o próprio crescimento espiritual; além disso, tua mediunidade é o resultado da programação feita na vida do infinito, onde tu mesmo aceitaste, antes desta reencarnação, o compromisso mediúnico, para uma oportunidade de espiritualização, servindo no campo do Senhor.

— Não importa, interrompeu o medianeiro, eu não aguento mais, exijo retire minha faculdade. Solicitam muito do médium: não faça isso, não faça aquilo, estude isso, estude aquilo, não elogie, ele

pode se orgulhar. Já estou farto de tanta disciplina, de não ser valorizado, de estarem sempre com medo que eu me envaideça, chega disso!

— João, disse o benfeitor compadecido, entendo que realmente a vida mediúnica exige certos sacrifícios, tolerância e resignação. Alguns dirigentes de fato exageram, mas é porque, quem sabe, não sejam médiuns ostensivos, e precisamos lembrar, também, que são companheiros que precisam usar a lógica e a razão rias análises mediúnicas; mas isso não é motivo para que desistas. Estas dificuldades servirão para teu amadurecimento, pensa no número de Espíritos que poderão ser socorridos por teu intermédio, quantas almas haverão de te agradecer o concurso, quantos amigos granjearás com a prática do bem! Trabalha sem esperar recompensas. Vais desistir da luta no momento em que começaste a lutar! Tens nas mãos uma arma muito valiosa, precisa ser acionada em teu próprio benefício. Não desanimes, o Senhor espera muito de ti.

— Não adianta, já falei que não, respondeu João Pires num tom autoritário e ríspido.

— Muito bem, disse a entidade, veremos o que será possível fazer. Se as autoridades superiores atenderem a tua solicitação, perderás anos de progresso e terás de reencarnar muitas vezes para recuperar, durante séculos, o que poderias restabelecer em algumas décadas.

O benfeitor espiritual partiu para o Mais Alto levando consigo o "pedido" de Pires.

Pela manhã, João acordou sentindo-se diferente. Após as atividades de rotina, dirigiu-se ao Centro Espírita, onde semanalmente se dedicava ao estudo e à prática da mediunidade e, pela primeira vez, desde que se desenvolveu mediunicamente, não sentiu o mundo espiritual. Terminada a reunião, saiu do Centro radiante de felicidade.

Entretanto, ao atravessar a rua, não viu o carro em alta velocidade, seu protetor lhe gritou o nome, mas, agora, sem poder transcender o corpo, não pôde captar, rápida e claramente como antes, a advertência do tutor espiritual, e foi lançado contra o asfalto, permanecendo alguns dias hospitalizado.

No mês seguinte, bateu o automóvel, no outro foi assaltado; na seqüência perdeu o emprego, caiu da escada, envolveu-se em duas brigas corporais, cultivou desafetos, entregou-se aos vícios, caminhou lado a lado com a maledicência, vivendo meses de verdadeiro tormento.

Foi aí que decidiu voltar ao Centro Espírita, não para pedir ajuda, mas para mais uma vez reclamar!

Recepcionado pelos companheiros fraternos, foi logo se queixando:

— Os Espíritos retiraram minha mediunidade e agora querem se vingar, minha vida virou uma loucura! Há seis meses tenho sofrido inúmeros tormentos.

Os amigos, então, conduziram-no à reunião mediúnica para que a prece e o passe pudessem auxiliá-lo. Iniciada a sessão, o valoroso mentor se

comunicou, através de um outro médium, tecendo as seguintes considerações:

— Caro João Pires, saúde e alegria é o que te desejamos.

Notamos que as tuas reclamações perduram, que teu mau humor permanece.

Acaso pensas que as desgraças que te sucederam, até o momento, foram produzidas pelas Espíritos superiores? Certamente que não, meu filho! A maioria foram resultado da tua própria imprudência. Se, antes, os problemas que te sucediam eram poucos, deviam-se à proteção que os benfeitores espirituais te concediam, para um bom estado físico e emocional e o cumprimento da tarefa mediúnica. Como rejeitaste o labor com a mediunidade, os teus protetores, pessoas sérias e comprometidas com o trabalho, não encontrando mais acesso de comunicação por teu intermédio, procuraram outros que estivessem desejosos em produzir bons frutos na seara mediúnica cristã, sem reclamar, deixando-te à própria sorte.

A grande parte dos males que te visitaram são provenientes da tua inconstância. Desejando ser uma pessoa do mundo, te afastaste dos ensinamentos espíritas, do exercício cristão e da reforma íntima, saindo da sintonia superior.

Afastando-te da mediunidade, abandonaste, também, o ideal cristão e a falta da vivência evangélica é que te trouxe certos desequilíbrios, agravados por alguns adversários espirituais do teu passado delituoso. Não estamos te acusando, mas dando explicações sobre a tua própria desgraça.

Volta, meu filho, aceita a tarefa redentora, trabalha na Instituição Espírita, recorda os tempos felizes em que, suportando as críticas alheias, superando as investidas das sombras, vigiando e orando sempre, compadecendo-te dos necessitados, crescias a passos largos.

Na vida do espírito, nada se consegue sem esforço e devotamento, renúncia e sacrifício. Estamos no mundo para aprender a escolher acertadamente, e nós, teus guias intangíveis, aguardamos o dia em que te libertes das viciações da Terra, escolhendo erguer a fronte para contemplar as estrelas e buscar o céu.

Terminada a preleção de luz, João estava em prantos, e, em oração silenciosa, pediu que a suspensão da mediunidade fosse revogada.

Na semana seguinte, o trabalho da pequena Casa Espírita contava, em seu grupo de médiuns, com a presença do ex-“reclamão” João Pires, em intensas, anônimas e discretas atividades mediúnicas.

Na vida do espírito, nada se consegue sem esforço e devotamento, renúncia e sacrifício. Aguardamos o dia em que te libertes das viciações da Terra, escolhendo erguer a fronte para contemplar as estrelas e buscar o céu.

Aconselhando o médium*

* Nota da Editora: Este texto foi publicado, primeiramente, no livro Aconteceu na Casa Espírita, por representar o objetivo, diretrizes e alerta do Espírito de Nora aos médiuns. Reapresentamos, agora, por fazer parte desta coleção de crônicas.

A reunião mediúnica estava prestes a começar.

Os medianeiros mantinham-se respeitosos; Espíritos amigos organizavam os necessitados programados para o intercâmbio. Tudo corria com a costumeira tranqüilidade.

Porém, aquela noite era de especial importância para cinco entidades da categoria dos bons Espíritos.

Com o início das tarefas e a permissão do mentor do agrupamento, o quinteto espiritual aproximou-se de Constantino, um dos médiuns dedicados, promovendo-lhe o desdobramento para conversa e trabalhos edificantes.

Recepcionado, no plano espiritual, pelas entidades luminosas, o medianeiro teve desejo de abraça-las, fazer perguntas, mas foi interrompido por um dos instrutores, que lhe dirigiu as seguintes palavras:

— Sabemos do teu coração e da gratidão com que nos envolve, reportemos tudo isso ao Senhor e aproveitemos os minutos.

A Instituição Espírita, à qual prestas serviços mediúnicos, tem colecionado as páginas produzidas por nós através da tua faculdade de Psicografia. São

mensagens singelas, mas que trazem respeitáveis instruções espirituais, calcadas em Jesus e Kardec.

Feita rigorosa análise doutrinária de nossa produção, os companheiros encarnados julgam que podem ser aproveitadas para a edificação geral; isso atende à nossa programação.

Por isso queremos prevenir-te:

Não penses ser um privilégio ter algumas páginas publicadas; principalmente porque as idéias não são tuas; partem do Mais Alto.

Os adversários do bem certamente te procurarão, desejando aniquilar a luz que ilumina consciências. Será preciso firmeza na vigilância e na oração!

Muitas pessoas trarão os elogios, constituindo um dos mais graves obstáculos na mediunidade. Evita-os sempre e, se não puderes, reporta os méritos ao Criador, contentando-te, somente, com o estímulo à continuidade da tarefa.

Outros te solicitarão provas sobre a imortalidade da alma, exigindo mensagens de amigos e parentes desencarnados. Nossa proposta é com a simplicidade e, pelo menos por ora, em linhas gerais, o Senhor não nos autorizou este correio.

Diante disto, age sempre com honestidade, dizendo que estas questões estão nas mãos dos amigos espirituais.

Não te faltarão os acusadores, bem como os que desacreditarão das tuas faculdades. Não te preocupes, o Cristo também passou por isso e tu sabes a distância que nos separa do Mestre.

Nossas páginas se revestem de singeleza e amor. Não esperes nada além disto.

Ainda estamos aguardando que testemunhes muitos dos ensinamentos que intermedeias!

Lembra-te de que, para venceres na mediunidade, é essencial que te sintas como pequenino servidor. Guarda-te da empolgação orgulhosa, livra-te da vaidade e mantém-te em disciplinado estudo do Espiritismo.

Este, continuou o mentor, é um dos nossos primeiros trabalhos.

Os anos nos proporcionarão valorosos e longos exercícios, até que estejas intermediando nossas idéias de forma satisfatória.

Ainda estás longe de produzires frutos com a qualidade que desejamos.

Não imagines ser portador de grandiosa faculdade. Em vista dos teus débitos, que são grandes perante as Leis Divinas, precisarás trabalhar muito para agradecer ao Criador á mediunidade como condutora do teu próprio progresso.

Os médiuns que têm a produção mediúnica divulgada assumem um compromisso moral perante as leis universais e a falta da vivência dos ensinamentos superiores acarreta consequências dolorosas para o medianeiro.

Entretanto, não esperes ter como orientadores grandes nomes, vultos no campo da cultura e da religião. Ainda não tens méritos para compartilhar da presença destes; será preciso fazer por merecer.

Haveremos ainda, por longo tempo, de permanecer no anonimato, experimentando-te, observando se consegues materializar, na Terra, o que propuseste na vida maior, sem que te desvies.

Serás tentado, nas tuas tendências e dificuldades mais íntimas, pelos adversários da causa cristã inúmeras vezes; mas a providência divina te concedeu os livros da Codificação para que suportes e venças.

É provável que, por vezes, te sintas sozinho no ideal que abraçaste. Todavia, não te detenhas em sentimentos de autopiedade, ergue a fronte e continua caminhando.

Enquanto trabalharei no Bem, nós te sustentaremos. Nossas almas se cruzaram na poeira dos primeiros séculos da era cristã e se ligaram na noite escura dos orgulhosos sacerdotes da Igreja Romana. Assim, ainda tens muito para recompor, reconduzindo ao Bem aqueles que a tua inteligência vaidosa desviou das verdades espirituais.

Para que tenhas êxito na tarefa de intercambiar os Espíritos, é condição, essencial que jamais te envolvas com o comércio das forças psíquicas, esforçando-te na reforma íntima.

Ocupa sempre tua mente com pensamentos produtivos, filia-te às obras assistenciais, consolidando na Terra, com o próprio exemplo, as mensagens dos "Céus" sobre a caridade.

Evita, no momento, falar de tuas experiências mediúnicas, revelando-as somente quando identificares a necessidade de esclarecer verdadeiramente aos companheiros de jornada. Mesmo assim, acima dos exemplos pessoais deve estar a Doutrina Espírita; ela é que deverá ser sempre exaltada. Sê discreto o quanto puderes, trabalha assiduamente, louvando ao Senhor.

E se, porventura, a vida te lançar pedras, suporta pacientemente, lembrando que os primeiros mártires do Cristianismo, dos quais ainda estamos bem longe, não recusaram a oportunidade para testemunhar, enfrentando,, pelo nome do Cristo, humilhações e dores.

Se permaneceres com este ideal, caminhando com humildade, não te faltarão proteção e amparo.

A entidade amiga, banhada em luzes, abraçou Constantino, aconchegou-o junto ao peito e teceu as considerações finais.

— Não te preocupes tanto, filho meu, com as mensagens. Nosso maior compromisso é com os necessitados.

A Psicografia, no teu caso, será sempre a valorização do tempo na reunião de intercâmbio espiritual. Por isso, concentra todas as tuas energias e o teu amor em benefício dos Espíritos obsessores e desequilibrados.

Valoriza e prestigia, constantemente, o Centro Espírita que misericordiosamente te concede um trabalho sério e disciplinado.

Conduz, sempre, tuas produções medianímicas à análise doutrinária rigorosa dos companheiros respeitáveis, estudiosos e experientes do Movimento Espírita, acatando pacientemente, humildemente, as orientações para a melhora do teu trabalho.

Para tua segurança, mantém-te sempre ligado à Instituição Espírita.

Concientiza-te de que, se faltares com a seriedade, a verdade, o desejo do bem, o estudo assíduo da Doutrina, se buscares privilégios fazendo um escabelo

da mediunidade, te abandonaremos no mesmo instante.

O momento estava sublime. Éramos seis entidades emocionadas, enlaçadas em energias superiores, traçando diretrizes para o futuro sob as bênçãos de Deus, da mediunidade e do progresso.

O mentor enxugou discretamente as lágrimas e, porque era preciso aproveitar o tempo, tomou o médium, em desdobramento, e nos dirigimos todos às zonas inferiores para o socorro aos necessitados, dando testemunho de que o amor a Deus e ao próximo se constituem no verdadeiro livro que precisamos escrever e editar no coração dos homens.
